

ANISTIA

NA JUSTIÇA PARA PAGAR AS CONTAS

Faltando poucos dias para encerrar o prazo de efetivação dado pela Constituição, a anistia volta a mobilizar os produtores, que buscam, na justiça, a aplicação dos seus direitos.

Página 6



No banco ou na justiça tentando liquidar as dívidas

TRIGO

Até o dia 9, compra continuava suspensa. Mas governo promete reajustar os preços pela OTN fiscal

Páginas 4 e 5

As schmiers de Portela

Página 11

COTRIJUI

Cotrijuí procura, pela primeira vez, divulgar sua imagem e seus produtos na Feira Internacional de Campo Grande



No stand, uma mostra dos produtos fabricados pela cooperativa

Presença na II Ferinter

Página 8



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente:
Oswaldo Olmire Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Superintendente/Dom Pedrito:
Eduardo Augusto Pereira de Menezes
Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Becker

Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Atalides Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanelli, Paulino Stralotto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangiolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Gulotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Realdo Cervi, Pedro Afonso Pereira e Jayme Wender.

Suplentes:

Ivo Vicente Basso, Antônio Carlos Xavier Hias e Amário Becker

Diretores contratados:

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Boratto de Jesus, Vilmar Hendges e Léo José Góti.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado
da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR
Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTE

Campo Grande: Rosane Hemi
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Mais um capítulo da anistia

Quando a anistia aos pequenos e mini produtores rurais foi aprovada pela Constituinte no dia 29 de junho passado, várias lideranças do setor comemoraram a decisão do Congresso, porém, sempre fizeram ressalvas em relação a sua execução. Uma delas foi o caráter parcial de uma lei que não considerou aqueles agricultores extremamente descapitalizados, executados judicialmente antes da nova Constituição e por isso alheados de seus instrumentos de sobrevivência. A segunda crítica levantada pelos sindicalistas do setor, foi quanto a dificuldades da execução da anistia, tal qual acontece hoje. Naquela época, eles já previam que as agências bancá-

rias, tentariam criar obstáculos a aplicação de uma disposição constitucional. Se ele se enquadra como pequeno ou mini e possui apenas os seus instrumentos de trabalho ou sobrevivência familiar, como garante outro dispositivo constitucional, ele está anistiado. Os bancos, no entanto, não entenderam assim. Com pressões daqui e dali, não concederam um recibo de liquidação do débito exigido para efetivação da anistia até hoje, quando o seu prazo está para se esgotar em 3 de janeiro. Os produtores por sua vez, querem a quitação e vão buscar na justiça a aplicação do seu direito. As razões e as expectativas desta novela estão na página 6.

DO LEITOR



Terezinha Heck Weiler, professora do Centro de Ciências da Saúde - Unijuí.

A noção de direito à saúde vem sendo difundida em muitos países, nas últimas décadas, enquanto componente da doutrina dos direitos humanos considera que todo cidadão, independente de cor, situação sócio-econômica, religião e credo político, deve ter sua saúde preservada. Nesse sentido caberia um esforço social visando a mobilização dos recursos necessários para a promoção, proteção, recuperação e realização da saúde.

Embora não seja pertinente questionar a legitimidade desse direito, nem a oportunidade dessa doutrina, é importante registrar as dificuldades encontradas para a sua concretização nas sociedades em que prevalece a lógica da economia de mercado. Ainda que o reconhecimento desse registro se originasse em países capitalistas europeus, que reorientaram as suas políticas sociais dentro do modelo chamado "Estado de Bem-Estar Social", é importante lembrar que a manutenção dessa política tem sido ameaçada sempre que a economia vai mal ou quando forças conservadoras assumem o poder.

No caso de países subdesenvolvidos, as dificuldades são expressivas, apesar dos esforços da Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) junto aos respectivos governos no intuito de estender o direito à saúde para todos.

Faz-se necessário analisarmos o papel desempenhado pelo Estado para interpretarmos o sentido da ação estatal no âmbito da saúde. O Estado, em sua sociedade estruturada em classes, não é neutro. Seu desempenho é orgânico aos interesses das classes hegemônicas, para evitar acúmulo de tensões sociais a contemplar, dentro de certos limites, determinadas necessidades das classes subalternas. Atua dentro dos marcos estabelecidos para a preservação da ordem econômica capitalista, tendo como função primeira, assegurar as condições para o desenvolvimento econômico. Assim, quando tem que optar entre a saúde da economia e a

saúde da coletividade, privilegia a primeira.

No que diz respeito a saúde, o Estado tem variado entre uma ação fundamentalmente normatizadora e uma intervenção facilitadora do consumo de serviços. Para tanto, pode contribuir parcialmente no financiamento do setor ou intervir totalmente na produção e distribuição de bens e serviços.

Estas políticas de saúde são determinadas pelo resultado das peculiaridades do processo de desenvolvimento econômico de cada sociedade, das formas de evolução dos enfrentamentos sociais presentes em cada conjuntura. O Estado desempenha papel importante na manutenção da ordem social vigente, visando sobretudo evitar que pressões populares por prestação de serviços não se transformem em outras potencialmente negadoras desta ordem.

Com base nestas reflexões é possível resgatar a idéia do direito à saúde como noção para a formulação de políticas. Não podemos confundir direito à saúde como direito aos serviços de saúde ou mesmo com o direito à assistência técnica. Esta ambigüidade tenta muitas vezes confundir as condições necessárias para a obtenção da saúde, permitindo considerar a assistência médica como o principal fator determinante do nível de saúde.

A saúde, independente de qualquer definição idealista que lhe possa ser atribuída, é produto de condições objetivas da existência. Resulta das condições de vida, biológica, social e cultural e particularmente, das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, através do trabalho.

Portanto, é através das relações sociais de produção que se estruturam as formas concretas de vida social. Neste sentido, promover saúde implica em conhecer como se apresentam as condições de vida e de trabalho na sociedade, para que seja possível interferir socialmente na sua modificação. Enquanto que respeitar o direito à saúde significa mudanças na organização econômica determinante das condições de vida e trabalho insalubre e na estrutura jurídico-política perpetuadora de desigualdades na distribuição de bens de serviços.

As referências anteriores não buscam subestimar a importância do setor saúde como componente das políticas sociais do Estado, nem questionar

o objetivo relevante de garantir o acesso igualitário aos serviços de saúde.

Os serviços de saúde têm uma função intransferível para com a saúde da população, e a equidade constitui-se em um princípio fundamental para elaboração de políticas de saúde em uma sociedade democrática. O que ela procura destacar é que o perfil de saúde de uma coletividade depende de condições vinculadas à própria estrutura da sociedade, e que a manutenção do estado de saúde requer a ação articulada de um conjunto de políticas sociais mais amplas, relativas ao emprego, salário, previdência, educação, lazer, etc.

Dentro desta ótica "direito à saúde" não corresponde a uma noção básica exclusiva do processo setorial de formação de políticas de saúde, mas um elo integrador que teria de permear todas as políticas sociais dos estados e balizar a elaboração e a implementação das políticas econômicas. Ainda que seja questionável a dicotomia dos setores sociais e econômicos, não se pode negar a sua existência material através de instituições e de recursos. Portanto, assumir a saúde como eixo orientador das políticas sociais e articulá-la às políticas econômicas pode ser um passo importante, enquanto não prevalecer uma concepção globalizante do desenvolvimento da sociedade brasileira.

Por fim, o que diz respeito aos cidadãos, a noção de direito à saúde pode elevar sua consciência sanitária, traduzindo-se na exigência do cumprimento da carta institucional e na orientação de leis complementares em relação a reforma sanitária; pela redefinição das políticas de saúde com vista a equidade e a democratização. Dispor ainda de potencial mobilizador de vontades no interior de movimentos sociais, do parlamento, instituições e de partidos políticos que propugnem pela mobilização da sociedade ou pela sua transformação.

Cabe a população organizada, no exercício de sua cidadania, verificar a cada momento histórico, quais os grupos sociais que estão participando da definição das necessidades de saúde, da aplicação de recursos. Neste contexto, é possível identificar as proposições e as estratégias viabilizadoras de mudanças das condições de saúde, formulando políticas de saúde condizentes com o projeto de uma sociedade efetivamente democrática.

Estas reflexões basearam-se em textos da 8ª Conferência Nacional de Saúde.

A "ponte" que transporta o leite



Gerson Schilling, agricultor, casado, pai de uma menina de 9 anos e proprietário de 5 hectares de terra dobrada, mora e planta num destes lugares onde o pessoal da cidade, acostumado a muitas facilidades, chamaria, sem qualquer receio, de "fim do mundo", dado a distância e as dificuldades de acesso até a sua propriedade. A terra do Gerson, cercada de morro por todos os lados fica em Centro Novo, interior de Tenente Portela, a poucos quilômetros da divisa do Brasil com a Argentina. Lá, quem prepara a terra e faz a lavoura é o boi ou o cavalo, porque máquina nenhuma consegue entrar em terra tão dobrada.

Nesse pouco de terra, o Gerson planta de tudo e um pouco, quase sempre para o sustento da família, e ainda cria galinhas, porcos e vacas de leite. Pois era o transporte do leite — 30 litros a cada dois dias — que vinha, até um ano atrás, tirando o sono do Gerson. Além de ter de percorrer, de gaiota, dois quilômetros de distância até a estrada principal para levar o tarro de leite, ele estava sempre correndo o risco de perder a viagem e o dinheiro do dia, pois nem sempre os ponteiros de seu relógio estavam em sintonia com os do freiteiro. Subir morro acima e ainda levar prejuízo, era um problema que o Gerson levou mais de ano para conseguir administrar com eficiência e muita criatividade.

NOVA LINHA

A solução para o problema começou a aparecer quando, há pouco mais de ano atrás, o freiteiro inaugurou uma linha de leite, passando em frente à propriedade do seu irmão, o Celso, distante 700 metros, mas localizada em outro morro, bem aos fundos da sua propriedade. Com a nova linha de leite operando a uma distância de 700 metros, o agricultor não pensou duas vezes e, se valendo de algumas histórias contadas pelos pais, do tempo em que morava no interior de Lajeado e de sua experiência de dois anos trabalhando numa oficina mecânica em Três Passos, decidiu improvisar uma espécie de "ponte aérea", com dois postes em cada ponta interligados por fios de arame de aço.

Um dos postes ele colocou na propriedade do Celso e o outro dentro da sua terra. Amarrou os fios num poste e, com ajuda de um jipe, esticou até o outro poste, gastando nessa operação 900 metros de arame, já que, por garantia, usou três voltas de fio. "De início, conta ele, passei algum trabalho e perdi alguns litros de leite até regular o peso certo para que o tarro, ao descer o morro, não batesse no chão ou nas árvores do mato". No poste do lado do irmão, ele colocou um pneu que serve para amaciar a batida do tarro contra a madeira.

O tarro é amarrado nos fios de arame, descendo morro abaixo — bem no vale a distância chega a 50 metros de altura do solo —. Com a velocidade da descida, ele torna a subir, indo parar dentro da propriedade do Celso. Mas o Gerson ainda não está muito satisfeito com

a sua ponte. Ele conseguiu com eficiência mandar o tarro cheio, mas ainda não conseguiu trazê-lo de volta. Andou engenhando uma roldana, mas por ser muito pequena, ela não venceu a velocidade da descida e enrolou os fios. Ele está pensando em construir uma maior, do tamanho de uma roda de bicicleta.

Mas a "ponte aérea" do Gerson, em funcionamento há mais de ano e que já não impressiona a vizinhança e nem o freiteiro, também tem servido para transportar sacos de milho e até bujões de gás. Ele conta que até já ganhou uma caixa de cerveja por conta da "ponte", de uma aposta que fez com um cunhado de Três Passos. "O meu cunhado, diz, apostou que também descia pela ponte, mas na hora preferiu pagar a cerveja porque ficou com medo da velocidade da descida e desistiu da aposta.

CURTAS

As lavouras de soja dos oito municípios da área de atuação da Cotrijuí na Pioneira estão ameaçadas por um fungo no solo, decorrente do cultivo contínuo da cultura de soja. A situação das lavouras da região foi avaliada pelo agrônomo Nédio Giordani, do departamento de Fitossanidade da Fecotriço, em Cruz Alta. Afora a questão do uso contínuo do solo com a soja, as altas temperaturas e a umidade do solo, também

favorecem o aparecimento do fungo. O problema será assunto para uma matéria da próxima edição do Cotrijornal.

Já está no Congresso Nacional, para entrar em votação, projeto de lei privatizando a comercialização do trigo nacional. A fiscalização, tanto da comercialização como da industrialização, será feita pela Sunab. As importações de produto, segundo diz o projeto, serão de competência exclusiva da União, através do Banco do Brasil e em caso de escassez do produto. Também os estoques de trigo e de farinha serão administrados pela União e vendidos em bolsa, via Banco do Brasil, mediante licitação. Mas pelo projeto, o governo fica no compromisso de comprar toda a produção que não for absorvida pelo setor privado.

A direção da Cotrijuí recebeu correspondência da empresa Kartro S.A. — Importadora e Distribuidora, com matriz em Barueri, estado de São Paulo, congratulando-se com o destaque alcançado pela cooperativa no Quem é Quem na Economia, da Revista Visão.

A correspondência, assinada por Cecília I. Trostli, diretora-presidente, é endereçada ao presidente Oswaldo Olmiro Meotti, e destaca que "Nós, da Kartro, estamos satisfeitos em poder cumprimentá-los pelo sucesso conquistado, augurando contínuos êxitos à Cotrijuí e grupo que congrega".

A festa da vitória



Agricultores de São Valentim fizeram a festa da vitória da barragem

Os moradores de São Valentim, uma localidade distante 20 quilômetros de Ijuí, que já viveram momentos de grande tensão neste ano, esperaram passar a colheita do trigo e o plantio da soja para poderem, mais tranquilamente, extravasar uma alegria que vinha sendo segurada desde o dia 30 de agosto, quando foi revogado o decreto da barragem do rio Caxambu. E nada melhor do que uma grande festa para comemorar o resultado de muita mobilização, luta e união de uma comunidade que pegou junta contra a construção de uma barragem que ameaçava inundar muitas propriedades.

A grande festa, realizada no domingo, 4 de dezembro, reunindo toda a comunidade e vizinhança que prestou solidariedade e apoio nos momentos difíceis, iniciou pela manhã, com uma missa celebrada na Capela e onde foram lembrados alguns momentos de luta. A ameaça da construção de uma barragem junto ao rio Caxambu surgiu no início do ano, quando os agricultores tomaram conhecimento de uma portaria assinada pelo Ministério

das Minas e Energia, concedendo a Hidropan, uma empresa de Panambi, autorização para realizar estudos de viabilidade econômica na região. Deste dia em diante, os colonos não pararam mais. Nem mesmo a liminar obtida pela Hidropan, via Justiça, enfraqueceu a mobilização dos agricultores que tiveram, inclusive que enfrentar, de forma pacífica, a presença de um pelotão de choque da Brigada Militar em suas terras. Uma comissão formada por agricultores, foi a Brasília — no dia 26 de maio e, em audiência com o ministro Aureliano Chaves pediu a revogação da portaria, confirmada no dia 30 de agosto.

Durante a festa o presidente da Comissão de moradores da Comunidade, Cesarino Stochero lembrou os momentos de inquietação vividos pelos agricultores de São Valentim desde o dia em que tomaram conhecimento da tal portaria. Assinalou que ela representava uma ameaça para as suas terras e que a vitória conquistada era fruto de muita mobilização e organização.

CARTA

O Cotrijornal recebeu e agradece correspondência enviada pelos associados Hilson Correia Leite, representante por Augusto Pestana; Ataliba Martins, integrante da Comissão de Produtores de Lã de Dom Pedrito e ainda do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dom Pedrito, Florício Barreto. Os associados citam algumas das matérias publicadas pelo Cotrijornal de outubro passado, elogiando, principalmente, a que se refere ao "Desempenho da Cotrijuí", posição alcançada e registrada pela Revista Exame, Edição Especial de 1988 em 1987. Também merecem destaque as matérias "Cidadão Ijuicense", "Projeto de Conservação e Recuperação de Solos" e a que trata da inauguração do Misturador de Adubos da Cotrijuí.

TRIGO

Faltou dinheiro

Para Oswaldo Meotti, por trás dessa situação existe a intenção do governo de privatizar a comercialização do produto

Os produtores de trigo estão novamente em polvorosa. Primeiro a queixa era por causa do preço que, além de não cobrir os custos de produção e inviabilizar a lavoura, vinha sendo corrigido pela OTN do mês e não pela OTN fiscal, como vinha acontecendo para as dívidas nos bancos. Ao preço ruim, somava-se o atraso no pagamento do produto que levava mais de 20 dias para ser liberado pelo banco. A gritaria dos produtores, pedindo melhores preços, parece que está sensibilizando o governo que já promete corrigir o preço do produto pela OTN fiscal neste mês de dezembro, o que não deixa de ser uma boa notícia para quem, até agora, só vinha perdendo dinheiro. Ruim para quem vendeu o produto em novembro, teve que aguentar um preço reajustado pela OTN do mês e pagar as contas reajustadas pela OTN fiscal.

Mas a situação para os lados dos triticultores, principalmente para aqueles que tinham acertado a venda de seus produtos para o dia 9 de dezembro, voltou a ficar preta com a notícia de que, por falta de recursos, o governo estava suspendendo a compra do trigo. Os recursos destinados para a conta trigo foram todos

aplicados durante o mês de novembro, justificava o governo ao anunciar a medida. "A solução para a falta de recursos está agora nas mãos do Congresso Nacional", apontava Amóbio Carvalho, dia 8, chefe em exercício do Ctrin de Porto Alegre, o departamento do Banco do Brasil responsável pela compra do trigo, creditando a falta de recursos a boa safra colhida no país, bem superior as estimativas. Com isso, Amóbio de Carvalho quer dizer que o governo depende da aprovação da lei de excesso do orçamento geral — no valor de Cz\$ 3 trilhões — para dotar recursos especiais à aquisição do trigo e que somariam Cz\$ 287 bilhões. Esse recurso seria suficiente para adquirir 2 milhões de toneladas de trigo nacional, principalmente do Rio Grande do Sul, onde a comercialização ficou para trás.

Dinheiro em caixa, para a compra do trigo, segundo o chefe interino do Ctrin, vai depender agora da pressão dos próprios agricultores em cima dos políticos para que eles votem ainda nesta semana a suplementação de recursos para a União. Acha lamentável que o governo, depois de outorgada a nova Constituição, tenha que recorrer ao Congresso pa-

ra resolver um problema deste nível. "Pela antiga Constituição, lembra, esse era um problema do executivo e que seria resolvido através de um decreto".

A PRIVATIZAÇÃO POR TRÁS

O presidente da Cotrijui, Oswaldo Olmiro Meotti analisa a situação de falta de recursos por um outro lado. Ele acredita que as dificuldades financeiras enfrentadas presentemente pelos triticultores e, por extensão, pelas próprias cooperativas de produtores, entre outros setores, tem sua origem na intenção do governo de privatizar a compra do cereal. Meotti garante que não há outra explicação para o que está acontecendo, pois até mesmo o argumento de falta de caixa para pagar o trigo, que o governo vem alegando, não tem embasamento



Comercialização do trigo continua suspensa

na realidade". E justifica com o próprio procedimento governamental, favorável a continuidade de importação de trigo da Argentina, "uma decisão insensata, tomada a revelia dos interesses gerais".

Para que importar trigo se já somos auto-suficientes na produção?

Por que comprometer divisas com um produto do qual não temos a menor necessidade no momento e nem se prevê que venhamos a tê-la no futuro?, indaga Oswaldo Meotti, achando tudo isso muito estranho "até desanimador quando se clama por uma política para a triticultura,

desde o plantio até a sua comercialização".

Meotti também entende que a OTN fiscal já vem tarde, "pois só foi definida em dezembro". Pouco adiantará, rebate, se não houver recursos de caixa, como o governo vem alegando. Tudo isso resulta em insegurança nos produtores e, por via de consequência, em descrédito da autoridade, o que é muito ruim para o conjunto da sociedade e da pátria. Quanto a privatização da comercialização do trigo, Meotti entende que só vai piorar a situação do mercado, além de gerar novos problemas que, forçosamente, afetará a produção.

Atraso absurdo

"Se esse dinheiro que está parado não vier com reajuste, o produtor vai ter uma quebra grande", reclamava o seu Salvador Noronha ao se referir ao fato do governo ter suspendido a compra do produto no início do mês de dezembro. Seu Salvador, que planta em 255 hectares de terra localizados em Rincão da Ponte, interior de Ijuí, há muito deixou de plantar trigo financiado. Ele acha que teve muita sorte em conseguir se livrar dos bancos "senão hoje estaria pendurado em dívidas de financiamentos e encalacrado de tanto juro exorbitante".



Salvador Noronha

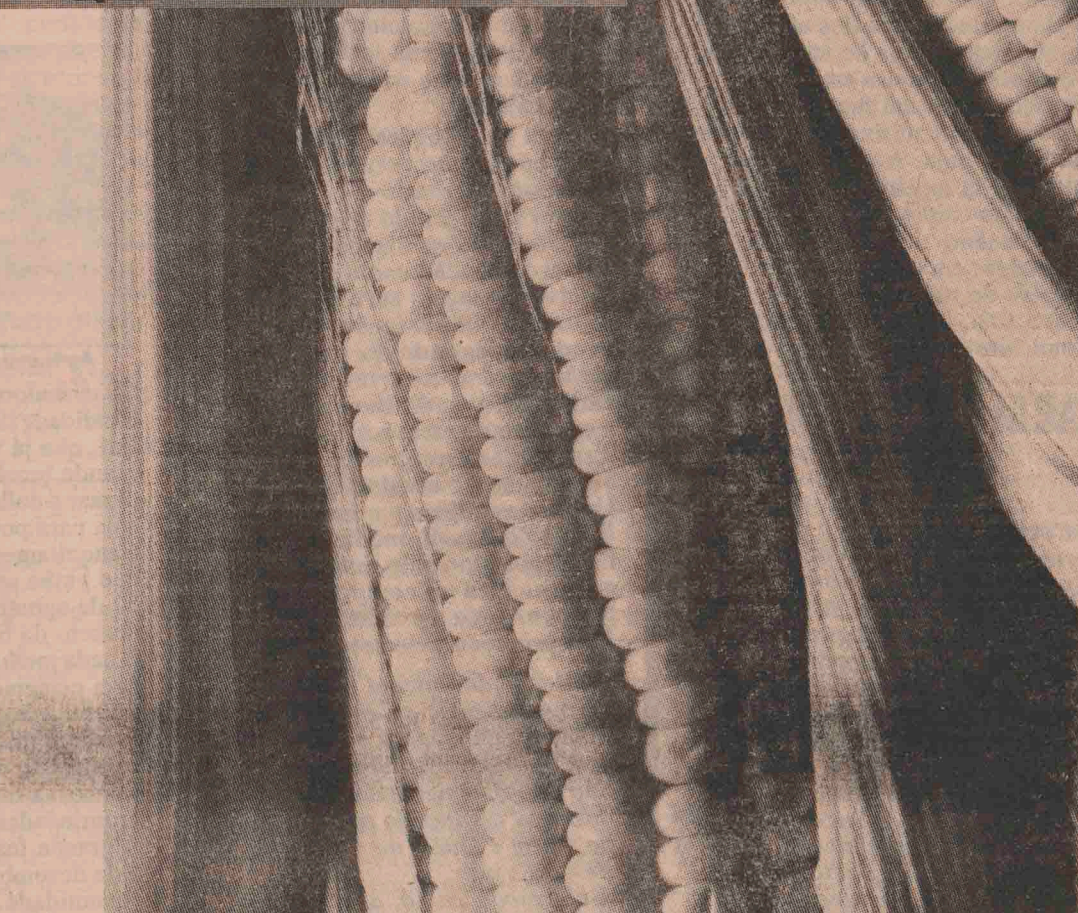
Ele plantou, neste inverno, 70 hectares de trigo e colheu em torno de 1.200 sacos — numa média de 17 sacos por hectare — "mas não preciso deixar nada para o banco. Tudo o que colhi é meu". A maior parte da produção, em torno de 700 sacos, seu Salvador vendeu em novembro, pegando Cz\$ 4.600,00 pelo saco e achou esse valor danado de ruim. "No ano passado vendemos nosso trigo por Cz\$ 600,00 o saco e seis meses depois, um saco de cinco quilos de farinha já valia mais de Cz\$ 1 mil", reclama inconformado. Pretendia acertar no dia 9, 206 sacos de produto e era um dos tantos associados da Cotrijui que, desde o dia que ouviu a notícia da suspensão da compra do trigo, estava na cooperativa para se informar melhor. "Esse atraso é um absurdo e não tem explicação", e queixava contando os prejuízos. "É um dinheiro que se estivesse aplicado, estaria me rendendo bem".



Oswaldo Ledermann

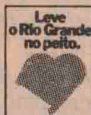
O seu Oswaldo Ledermann, proprietário de 68 hectares em Vila Floresta, de Ijuí, também plantou trigo por conta em 50 hectares, em sociedade com o filho Valdir, de onde colheu 1.600 sacos. Já vendeu um pouco do produto em novembro, para comprar adubo para a lavoura de soja. Pretendia vender outro tanto agora no dia 9 de dezembro, porque tinha um compromisso para pagar no valor de Cz\$ 400 mil. Como o dinheiro do trigo não saiu "e ninguém sabe ao certo quando sai, talvez só ano que vem", ele teve de pegar esse valor na Cooperativa. Indignado com a situação, seu Oswaldo acha que o governo precisa cumprir sua programação de pagamento no dia exato. "Deste jeito que está, nunca dá certo. Se o agricultor tem algum compromisso para pagar, fica sempre na mão. Eu ainda plantei com o meu dinheiro, mas e quem plantou financiado? Esse está bem enrolado".

AQUI TEM BANRISUL



Quem olha os nossos campos, as nossas lavouras e a nossa agricultura pelas coxilhas do Rio Grande, pode não saber, mas está vendo o Banrisul. Porque ele não é um simples banco. É o agente financeiro, um banco social que aplica, segura, investe e financia a economia gaúcha. Assim como apóia a nossa agricultura, com o Crédito Rural. Onde tem Banrisul, tem a semente do desenvolvimento.

banrisul
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S.A.
GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL - 1988



Perdas dos dois lados

Sem problemas de abastecimento, o governo já não se preocupa mais em incentivar a cultura do trigo

Que já "choveu" melhor na lavoura de trigo, época em que o produto chegou a alcançar 240 dólares pela tonelada, triticultor nenhum que teve, nesta safra, de vender a sua produção com o dinheiro apertado para pagar o banco, tem qualquer dúvida. O preço já foi bem melhor, reclamam eles que, neste ano ganharam, no início do mês, pela tonelada de produto, 180 dólares. Mas no final do mesmo mês, considerando que o governo vem reajustando o preço pela OTN do mês e não pela fiscal que sofre correção todos os dias, essa mesma tonelada passou a valer pouco mais de 140 dólares. Quem colheu relativamente bem e plantou financiado, pode empatar as contas, mas quem foi mal de planta e ainda precisa pagar o banco, anda se vendo pequeno.

Mas porque razão o preço do trigo vem sofrendo tão significativas perdas?, perguntam os agricultores. Para o professor Moacir Hetzel, ligado ao Departamento de Economia da Universidade de Ijuí, existe por trás de toda essa situação que está levando o produtor a reclamar dos preços "com muita razão", toda uma política governamental que passa pela questão da retirada do subsídio e esbarra na auto-suficiência da produção interna.

Produzindo em torno de 5 a 6 milhões de toneladas de trigo por ano — a desta safra deverá ficar em 5,8 milhões de toneladas — o Brasil já não enfrenta mais problemas de abastecimento interno, desobrigando o governo de continuar estimulando a produção nos mesmos moldes em que vinha fazendo. Além do fator "crescimento da produção", o professor Dilson Trennepohl, também da Unijuí, acrescenta uma segunda

razão: a questão do déficit público. "Com as contas públicas complicadas, o governo está preferindo realizar cortes nos gastos, identificando o déficit público como o grande problema da economia brasileira", explica Trennepohl, citando como exemplo de medidas tomadas pelo governo, a retirada do subsídio ao trigo e a privatização de empresas e órgãos públicos. Entende que o governo teria mais a ganhar se, em vez de cortar despesas diretamente relacionadas com a sociedade, procurasse dar um tratamento diferenciado aos serviços — juros — de suas dívidas, "as responsáveis por toda essa situação complicada em que vive a economia brasileira". Na verdade, todas essas despesas que estão sendo cortadas pelo governo, não estão desaparecendo, como o caso da conta trigo. "Elas apenas estão deixando de ser pagas pelo governo, — caso do trigo — que as está repassando ao consumidor e descontando, em parte, do próprio produtor", esclarece.

PERDA NOS DOIS SENTIDOS

A perda que o produtor vem sentindo e reclamando no preço do trigo, segundo Moacir Hetzel, vem acontecendo em dois sentidos. Primeiro porque o produtor está vendendo a sua produção sem a correção pela OTN fiscal e, segundo, porque os preços dos insumos e das máquinas, puxados pelo preço da soja, aumentaram mais que a inflação.

Por outro lado, lembra que é equivocado compararmos a evolução dos preços do trigo com a evolução do preço da farinha de trigo, a exemplo do que muitos estão fazendo, para concluir que a depreciação do preço do trigo é igual a diferença entre aquelas duas evoluções de preços.

Os próprios critérios de correção do preço do trigo aplicados pelo governo nesta safra, têm somado para que essa perda no poder de compra aumente. Acostumados a serem aplicados, tanto para as suas dívidas junto aos bancos como para o seu produto o mesmo critério de correção, o produtor está enfrentando nesta safra, uma situação totalmente inesperada. Ele aceita a venda do produto no início do mês e só recebe o valor correspondente 20 dias depois, sem qualquer correção.

SALVO PELA PRODUTIVIDADE

Essa perda no poder de compra que o produtor vem sofrendo com os baixos preços do trigo só não é maior, segundo Moacir Hetzel, porque houve, nestes últimos anos, um aumento na produtividade do produto. "Essa produtividade que hoje já anda ao redor de 1.700 quilos por hectare, prolongou um pouco mais a viabilização da lavoura de trigo", observa, creditando aos avanços tecnológicos incorporados pelo produtor esse aumento na produtividade, responsável também pela redução nos custos de produção.

Mas se o aumento da produtividade veio para aliviar um pouco as despesas com os custos de produção, ele também está servindo para que o próprio governo mexa nos preços do produto, sem que o produtor faça uma gritaria maior. E esse aumento de produtividade, no entendimento de Dilson Trennepohl, está sendo descontado do produtor via relação de preços e "sendo transferido em parte para cobrir o subsídio que o governo retirou e também para possibilitar que os moinhos possam fazer sua margem de lucratividade no mercado de forma mais tranqüila". (Entrevista realizada em fins de novembro)



Modesto



Egon Müller



Gabriel Vicenzi



Ernesto Strada

Preço ruim demais

O agricultor Modesto Dalla Rosa, proprietário de 150 hectares de terra distribuídos entre a Colônia Santo Antônio, interior de Ijuí, Catulpe e Giruá, fez, nesta safra, uma "boa colheita", mas mesmo assim, não conseguiu garantir o dinheiro para pagar o financiamento da lavoura no banco. Toda a sorte do Modesto é que ele havia plantado 20 sacos do produto com recursos próprios.

Nos 40 hectares de planta financiada, Modesto tirou 1.100 sacos de produto — uma média de 27,5 sacos por hectare —. Só que para pagar o financiamento — de Cz\$ 1.400 milhão pulou, em seis meses, para Cz\$ 5.115 milhões — ele precisou 1.105 sacos de trigo. "O jeito foi recorrer a lavoura plantada por conta para poder saldar meu compromisso junto ao banco", explica ele bem renegado e prometendo, para o ano, não plantar mais trigo financiado. "O juro é exorbitante e o preço do produto é corrigido uma vez só por mês.

Situação quase idêntica, viveu o seu Orlando Sulzbach, agricultor proprietário de 22 hectares na localidade de Ponte Branca, interior de Augusto Pestana. Plantou 7 hectares financiado e 7 com recursos próprios. Colheu 22 sacos por hectare e foi o quanto deu para cobrir o financiamento pelo banco de mais de Cz\$ 500 mil. "O trigo é uma cultura que o agricultor vai ter que abandonar", reclama seu Orlando se queixando do preço e do custo do dinheiro que o governo bem oferecendo. "O lucro que conseguir tirar, foi na lavoura que plantei por conta. Plantar para empatar com o banco, diz ainda, não é negócio".

O seu Ernesto Strada, proprietário de 120 hectares de terra distribuídos entre Cará, São José e São João da Bela Vista, interior de Jóia, não tem porque andar mostrando os dentes nesta safra de trigo. Plantou 18 hectares financiado e 15 com recursos próprios. Fez a lavoura utilizando a tecnologia recomendada, com direito a uma faixa alta de recursos e ainda pegou complementação de verba. Resultado: foi mal de lavoura, colhendo apenas 320 sacos — uma média de 17 sacos por hectare. "O que vou conseguir com a venda desse produto, dizia ele com acerto programado para o dia 9 de dezembro, não vou conseguir pagar o financiamento". Até meados de novembro, o valor do financiamento do seu Ernesto andava por volta de Cz\$ 1.900 milhão.

As voltas com o plantio da lavoura de soja, seu Ernesto ainda aguardava uma decisão do Banco em relação a seu pedido de Proagro, meio na dívida se este seria deferido, já que não fez todas as aplicações de fungicidas recomendado pela assistência técnica. De qualquer forma, ele quer se ver livre do banco, "nem que para isso precise vender os 200 sacos de produto que colhi na área em que plantei por conta". O que o seu Ernesto não quer mesmo, é saber de ficar devendo ao banco. A sua dívida era com relação ao preço que o governo vem pagando. "Com correção diária em cima do financiamento e um preço tão ruim destes, pode ser até que falte dinheiro para pagar o banco".

O seu lucro do seu Egon Müller, proprietário de 12,5 hectares de terra em Rincão Seco, Augusto Pestana, foi apertado. De uma lavoura de 9 hectares, ele mal colheu 144 sacos de produto — 16 sacos por hectare —. Vendeu por Cz\$ 4.700,00 e conseguiu pagar a dívida do banco de pouco mais de Cz\$ 500 mil. "Por esse preço, quase nem valia a pena ter plantado, dizia seu Egon, lembrando que o colono também precisa contar os desgastes do maquinário. Ele ainda plantou três hectares com recursos próprios, mas com a receita dessa lavoura, pretende pagar o arrendamento de um pedaço de terra.

Quem não tinha queixas da lavoura de trigo era o seu Gabriel Vicenzi, proprietário de 20 hectares de terra em Nossa Senhora da Saúde, Tenente Portela. Financiou 10 hectares de onde colheu 280 sacos, numa média de 28 sacos por hectare. Conta que pagou tranqüilamente, com a receita da venda do trigo, os Cz\$ 650 mil de financiamento.

Orlando Sulzbach

Amigo PRODUTOR / AGRICULTOR

A COTRIJUI deseja neste NATAL, que o PAPAI-NOEL

traga tudo o que você pediu, e até o que você esqueceu...



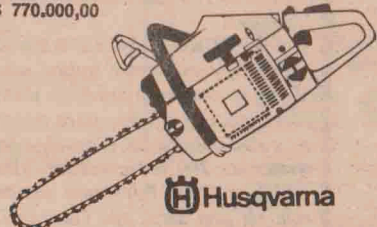
ALFA-LAVAL

ORDENHADEIRA VP74
Cz\$ 770.000,00

MOTO SERRA 61-R
Cz\$ 268.300,00

ELETRIFICADOR E 220
Cz\$ 17.400,00

CORRENTE OREGON
PARA MOTO SERRA
Cz\$ 12.194,00



Husqvarna



FARMER



ESTAS OFERTAS TAMBÉM SÃO PRESENTES...

ENQUANTO DURAR O ESTOQUE

Produtor exige a quitação

Agricultores de todo o Estado ingressam na Justiça para garantir a execução da anistia, que tem, segundo a Constituição, o seu prazo legal esgotado, até o dia três de janeiro

Um grande número de produtores está ingressando na justiça para pagar as suas contas. Parece brincadeira, mas esta é a realidade de um movimento realizado por produtores de todo Estado, respaldados pela anistia da correção monetária sobre os empréstimos bancários efetuados de 28 de fevereiro de 86 a 31 de dezembro de 87, determinada pela nova Constituição. São aproximadamente três mil produtores, entre mini e pequenos, que buscam pela via judicial, a liquidação de suas dívidas, agora somente comprometidas em capital e juros.

A decisão dos produtores em mover uma ação conjunta é fruto da inexistência de qualquer liquidação de débito por parte das agências bancárias, durante os últimos meses que se seguiram a promulgação da Constituição no dia cinco de outubro. Pelo texto constitucional, os produtores anistiados (aqueles que contraíram dívidas no valor de até cinco mil OTNs e que possuem uma propriedade com extensão de até cinco módulos rurais) devem liquidar o valor principal do débito, num prazo máximo de 90 dias. O pagamento direto ao banco, no entanto, deixou muita gente intrigada, já que ao tentar fazer isso, não receberam, como determina a lei, a devolução da cédula de crédito rural.

FALTOU O RECIBO

"Fizemos várias rodadas de reuniões com o pessoal dos bancos", diz o secretário executivo do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, Gelson Ferrari, explicando que a tentativa de negociação se esgotou. Desde o dia cinco de outubro, segundo o sindicalista, os produtores estão tentando quitar as suas contas sem apelar para a justiça. A proposta, contudo, acabou por terra, porque as agências bancárias do município e demais da região, têm se negado a fornecer o recibo de quitação e até alegaram que os empréstimos de investimentos com data a vencer no próximo ano, não faziam parte das disposições constitucionais.

A opção pelo recurso judicial, embora saia mais cara do que a realizada diretamente no banco, foi escolhida pelos produtores de Tenente Portela, que ainda inclui na ação, os agricultores de Miraguai. Ao todo, de acordo com Ferrari, o número de anistiados deveria ser mais de 400. No entanto, somente em Miraguai, onde existem mais de 300 casos, apenas 80 procuram o sindicato, pois a maioria não possui recursos nem mesmo para pagar o principal. Em Tenente Portela, a maior parte dos anistiados se decidiu pela aplicação dos seus direitos, mesmo se desfazendo de animais e outros instrumentos de trabalho, para cobrir as custas iniciais do processo.

CARTAS DUVIDOSAS

Mas não foi somente na região do Alto Uruguai que o procedimento bancário, tentando desestimular o produtor em liquidar efetivamente a sua dívida, o levou a buscar a ação judicial. Dependendo do banco e da região, houve de tudo um pouco, como é o caso da substituição da carta declaratória da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul, pela famosa cartinha emitida pelas agências, principalmente na região de Ijuí.

Na carta apresentada pelos bancos, segundo denúncia de vários sindi-



Produtores e a anistia: quando os papéis se invertem

catos, existe uma cláusula (item 3, letra b), onde fica claro o comprometimento do produtor "a ressarcir esse banco da correção excluída, devidamente atualizada, se a qualquer tempo, for apurada a inveracidade, parcial ou total, das declarações ora prestadas", considerando desta forma, o valor pago pelo produtor como simples amortização da conta.

Poucos produtores usaram o recurso do banco — que quase sempre esteve acompanhado de um alerta de exclusão no crédito rural — já que, nesta época, os sindicatos como os da Regional da Fetag, em Ijuí, que engloba Catupei, Chiapetta, Santo Augusto, Ajuicaba e Augusto Pestana, começaram a encaminhar as propostas de pagamento através de depósito em juízo. Assim mesmo, aqueles que por carta ou sem ela realizaram o pagamento depois do dia cinco de outubro, também estão recorrendo à justiça, a fim de obter a devolução dos valores pagos como correção monetária, pois muitas vezes precisaram se desfazer de algum instrumento de produção ou acabaram contraindo novos empréstimos.

"Neste caso, se encontra um número reduzido de produtores", afirma o advogado Noli Schorn, que está assessorando a Regional da Fetag, em Ijuí. Segundo ele, na região de Ijuí, que conta hoje com 158 processos encaminhados, a maioria dos produtores, resolveu entrar juntos na justiça "provando aos bancos que é preciso fazer valer a Constituição", sem por isso, receber ameaças de exclusão nos recursos de custeio. "Possibilidade esta sem fundamentação, salienta Schorn, pois este dinheiro é público e social, garantido igualmente pela lei".

EMPURRANDO COM A BARRIGA

Traduzindo o comportamento das agências bancárias como uma forma de "empurrar a questão com a barriga", Schorn justifica a ação judicial dos produtores, pela maneira como o sistema tem procedido com aqueles agricultores que se propuseram a quitar a dívida separadamente. Além de se recusar a receber corretamente o pagamento, o banco efetua ainda um tipo de vistoria nas propriedades, que não está expresso em lei, levando ao conhecimento do produtor, a possibilidade de que seus instrumentos de trabalho/considerados como bens pagáveis da dívida com correção monetária.

O argumento usado pelas agências serem totalmente infundado, res-

cia. Mais fraco ainda, o argumento de uma agência bancária que poderia desejar retirar o objeto financiado do agricultor. Neste caso, a lei é bem clara, quando diz que a pequena propriedade e os seus bens não podem ser penhorados.

UM DIREITO DO PRODUTOR

Também o presidente da Fetag, Plínio Hentz se manifesta sobre o encaminhamento da anistia, destacando que o produtor não deve ter nenhuma preocupação com relação a qualquer tipo de pressão. "A anistia é uma determinação da Constituição", diz ele, completando que o fato dos agricultores ingressarem na justiça, decorre simplesmente da intransigência dos bancos em não conceder o recibo de quitação e sim um recibo provisório, que não assegura a ninguém a ausência de uma cobrança futura por parte dos estabelecimentos bancários.

Já os bancos, como é o caso da agência do Banco do Brasil de Ijuí, dizem que a aplicação da anistia está muito mais para o estudo separado de cada caso, tendo atualmente segundo a gerência, duzentos pedidos de anistia e 40 deferidos, com recibo provisório. Os anistiados que estão para depositar em juízo o seu débito, no entanto, preferem a quase certeza de encerrar a questão, definitivamente, no início de janeiro. A partir daí, como afirma Schorn, eles poderão contabilizar os valores que não sairão da propriedade, evitando, assim, um bom número de falências.



Noli Schorn



Plínio Hentz

salta o advogado, explicando que tanto um animal ou um trator como os eletrodomésticos de um produtor rural, não são, segundo a justiça, bens superfluos, mas sim recursos de sobrevivên-

Uma dívida dez vezes menor

Para o produtor, esta segunda briga da anistia traz algum receio, mas ninguém tem dúvida de que é um direito seu e por isso, de uma forma ou de outra, os agricultores procuram quitar o capital e os juros da sua dívida. O seu Oldalvim Guarda Lara, por exemplo, que é proprietário de 27 hectares na localidade de Rincão dos Pampas, em Augusto Pestana, vai utilizar o recurso judicial conjunto, para se livrar de uma dívida que hoje, sem a aplicação da anistia estaria ao redor de 700 mil cruzados. Este débito é decorrente de um empréstimo realizado em novembro do ano passado, no valor de 70 mil cruzados, para fazer a reforma do seu trator Massey Ferguson 65.

Com uma proposta de pagamento em três parcelas anuais, o produtor deveria ter pago a primeira parcela com a colheita da soja, no verão passado. A proposta, no entanto, não pôde ser cumprida, pois dos 20 hectares que plantou, financiado, seu Guarda Lara colheu por causa da seca, apenas 90 sacos, que não cobriram todas as despesas da lavoura. "Vendi até meu Fuca 75", conta o produtor que também não foi muito bem com o trigo. "Só deu uns troquinhos", lamenta ele, lembrando os 170 sacos colhidos de um plantio de 25 bolsas.

LAVOURA NÃO COBRE CONTAS

Sem conseguir quitar uma parcela da dívida do trator, o produtor utilizou o dinheiro ganho com o trigo para pagar as despesas da colheiteira de aluguel, para a qual desembolsou 100 mil cruzados, além dos gastos com a semente. Por causa destas frustrações, com ou sem seca, seu Guarda Lara se sente aliviado com a execução da anistia. "Se a colheita não tivesse sido tão ruim, acho que até já tinha pago tudo". Como a situação é di-



Oldalvim Guarda Lara



Tadeu Copetti

ferente, o produtor está buscando o seu direito, junto com os demais produtores anistiados, pois como afirma ele, "toda vida é bem mais fácil pagar uns 75 mil cruzados do que 700 mil".

A pressa em se livrar de uma dívida que hoje ficou pelo menos dez vezes maior, também pode ser vista no distrito de Alto da União, onde Tadeu Copetti, proprietário de 35 hectares, está para esquecer uma conta de aproximadamente 900 mil cruzados. A origem da dívida vem de um financiamento da lavoura, em outubro de 87, no valor de 197 mil cruzados, que o produtor não conseguiu saldar totalmente, ainda que tenha feito Proagro, devido a frustração do verão.

Confiante numa promessa feita pelo banco em que retirou o custeio, de não considerar o pagamento como amortização, Copetti não optou pela via judicial, julgando ser mais conveniente pagar os cerca de 150 mil cruzados de juro e capital que ainda deve. Para fazer isso, ele vai utilizar o que ganhou com o trigo, retorno que não foi dos melhores por causa dos preços que não têm acompanhado a inflação.

**SAFRA
VERÃO**

Plantio acelerado

Refletindo uma situação mais ou menos parecida com o resto do Brasil, Mato Grosso do Sul terá nesta próxima safra de verão a sua área de soja aumentada, com estimativas que oscilam entre 10 e 15 por cento e uma produção total beirando três milhões de toneladas.

Com a perspectiva de bons preços para a oleaginosa no mercado internacional, devido à redução da safra norte-americana atingida duramente pela seca este ano, o agricultor brasileiro resolveu apostar na chance de um maior retorno financeiro da sua lavoura plantando soja e desconsiderando o apelo do governo para que plantasse mais milho. Já se tinha como certo este aumento da área com sojicultura em consequência das condições favoráveis que o mercado apresenta e no país este acréscimo deverá ser em torno de 10 por cento.

No Mato Grosso do Sul a previsão se confirma, conforme levantamento realizado em algumas áreas de atuação da cooperativa. O município de Maracaju, por exemplo, vai cultivar em torno de 100 mil hectares com soja, apresentando um aumento de 10 por cento de área e terá redução nas culturas de arroz e milho. De acordo com a previsão do IBGE, o município plantará 11 mil hectares de milho, cinco mil de arroz de sequeiro e 1.200 de arroz irrigado.

Em Rio Brilhante, a área deverá aumentar sete por cento com soja e a cultura mais prejudicada será a do arroz de sequeiro que terá sua área reduzida em benefício da de arroz irrigado, cujo custo de produção é três vezes maior mas apresenta retorno seguro e garantido, diz o agrônomo Paulo Tolentino, coordenador do departamento técnico da Cotrijuí no município. Ele acha que um aumento maior na área de soja vai depender muito da disponibilidade de sementes. Se falar as variedades mais procuradas como a Bossier, Santa Rosa, Dourados, BR 4, Bragg e a IAS-5, das duas uma: ou o agricultor vai ter que plantar outra variedade ou vai optar pelo milho ou arroz. O agrônomo revela outro dado surpreendente: o município terá sua área de milho ampliada em quase quatro mil hectares e vai cultivar na pró-

xima safra, 10 mil hectares com o cereal. Este não é, entretanto, o caso do associado Jair Gregório Alves que vai aumentar 178 hectares sua lavoura, passando a plantar 424 hectares somente com soja. Ele considera a cultura do milho bem mais arriscada e mais propensa a problemas, o que é bastante temerário para quem arrenda a lavoura como é o seu caso. Além disso o associado leva também em consideração a possibilidade de conseguir comercializar sua próxima safra com preços excelentes, mas ele reclama dos custos dos insumos que subiram astronômicamente. O agricultor calculava gastar 12 mil cruzados com cada saco de semente e vai desembolsar por volta de 22 mil cruzados cada um.

A FALTA DE CHUVA

Na região de Dourados a falta de chuva quase tirou o sono de muita gente, porque as precipitações ocorridas haviam sido insuficientes, mas já no final de novembro a situação melhorou e calcula-se que praticamente a metade do plantio esteja feito. Maurício Peralta, coordenador do departamento técnico da cooperativa em Dourados ressaltou que esta falta de chuva também contribuiu para uma redução do cultivo de milho no município, pois o agricultor prefere plantá-lo antes da soja. Este ano foram plantados sete mil hectares de milho no município, e o agrônomo considera que a forma de comercialização do cereal é determinante, pois o agricultor vende sua produção pelo preço mínimo estabelecido pelo governo e não pelo preço de mercado como ocorre com a soja. Além disto, a produtividade deve ser muito grande e o milho é muito mais suscetível à seca, um risco sempre presente nestes tempos em que o clima tem estado totalmente imprevisível.

Em Dourados serão plantados 115 mil hectares de soja, o que representa um aumento de 10 por cento com relação ao ano passado. Este aumento provém da redução das lavouras de milho e arroz e também de novas áreas, anteriormente ocupadas com pastagens. A produtividade média esperada fica em torno dos 2.100 quilos por hectare, equiparando-se a obtida na safra 87/88. Maurício lembra ainda um outro problema ocorrido nesta safra e que poderá afetar a produção esta-

dual. Trata-se da qualidade da semente comercializada no Mato Grosso do Sul e que tem apresentado problemas de baixa germinação.

O padrão exigido, conta ele, era de 87 por cento, mas hoje este percentual ficou estabelecido em 70 por cento porque a maior parte da semente produzida no Brasil, e em especial nos maiores estados produtores como o Paraná e Rio Grande do Sul, foi afetada pela prolongada estiagem ocorrida na safra passada. A recomendação ao produtor é que use mais semente para compensar, diz Maurício, assim ele não perderá em produtividade.

No distrito de Montese, em Itaporã, onde a Cotri-



A perspectiva de bons preços está contribuindo para o aumento da área

juí possui sua mais nova unidade, o panorama agrícola vai ser o mesmo do último ano, não apresentando aumento de área. Lá praticamente só se planta soja — 35 mil hectares — pois a região é de pequenos produtores e o milho é usado somente para consumo de cada propriedade. Além disso, diz o agrônomo Paulo Aguiar, o tipo de solo da localidade é mais propício ao cultivo da

oleaginosa, e a produtividade média deve ficar na casa dos 40 sacos por hectare. A falta de chuva para o plantio no final de novembro estava preocupando os agricultores locais, e muitos perderam o que já havia sido plantado por causa das chuvas de granizo que caíram em Montese, resalta o coordenador do departamento técnico daquela unidade.

No controle das piores ervas use Basagran



Corda-de-Viola



Picão Preto



Guanxuma



O herbicida da certeza.



Tecnologia BASF impulsiona a produção agrícola

Pós-Emergência Tecnologia BASF



BASF



A Cotrijuí dispõe de sementes das seguintes forrageiras:

GUENOARO - PENSACOLA - SETÁRIA - PÂNICO

INFORMAÇÕES: Rua das Chácaras, 1513, fone (055) 332-2400, ramal 304 - 98700 - Ijuí/RS

COTRIJUI

Presença marcante

A Cotrijui se fez presente, pela primeira vez, na II Feira Internacional, realizada em Campo Grande, no Mato Grosso

O Mato Grosso do Sul é conhecido pela maioria da população apenas como um estado produtor de grãos, que tem sua economia baseada na exploração agrícola e pecuária e tem sido denominado, juntamente com os outros Estados do Centro-Oeste, de nova fronteira agrícola do país. Sem dúvida a exploração da terra ainda continua sendo a atividade preponderante no Mato Grosso, mas em poucos anos este panorama pode sofrer profundas alterações, pois hoje, a implantação de um Parque Industrial é meta prioritária do governo estadual.

O setor secundário tem recebido grandes incentivos, principalmente através do Plano de Desenvolvimento Industrial da Secretaria de Indústria e Comércio que permite a instalação de indústrias com uma série de vantagens. Entre estas vantagens aparece a isenção de ICM — Imposto sobre Circulação de Mercadorias — por determinado período.

A FIEMS — Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul —, tem desempenhado um papel fundamental neste projeto e sua prioridade maior é o desenvolvimento industrial do Estado. Uma grande contribuição da entidade foi dada agora com a inauguração do Centro de Exposições Albano Franco em Campo Grande, que sediou a II Ferinter — Feira Internacional de Mato Grosso do Sul. A solenidade de inauguração e a abertura da exposição ocorreu no dia 26 de novembro e teve como convidado especial o senador e presidente da Confederação Nacional das Indústrias Albano Franco, que emprestou seu nome ao novo pavilhão.

A Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul investiu cerca de Cz\$ 230 milhões na obra que ocupa um espaço de oito mil metros quadrados e pretende construir em breve, no local, um anfiteatro e um Centro de Convenções. Cerca de 105 empresas participaram da Feira, mostrando os mais diferentes produtos de origem industrial, agrícola e também na área de prestação de serviços. Além



O stand da Cotrijui, foto ao lado, recebeu a visita do governador do MS, Marcelo Miranda, e dos secretários da Fazenda, Flávio Derzi e da Indústria e Comércio, Valdir Guerra (foto abaixo)



dos expositores locais, a promoção contou com a presença de stands de outros países como da Bolívia e da Argentina, que, devido a localização geográfica, têm interesses no intercâmbio comercial com o Estado Sul-matogrossense.

"Ainda não se sabe o volume de negócios fechados na Ferinter porque este não foi o objetivo principal da mostra", diz o superintendente Comercial da Certame, empresa organizadora do evento. Jacob Blumer afirmou que a maioria dos expositores tinha como objetivo marcar presença e divulgar seus produtos junto ao público ou simplesmente para conhecer a potencialidade do mercado. Neste sentido Blumer considera como excelente o resultado, pois o público diário ultrapassou as três mil pessoas.

COTRIJUI NA II FERINTER

Participando pela primeira vez de uma exposição do gênero em Mato Grosso, a Cotrijui pode, certamente, colher bons frutos com a iniciativa, pois a meta estabelecida foi a de divulgar a imagem da cooperativa junto a população em geral e este objetivo foi plenamente alcançado. No stand estavam à mostra os vários produtos fabricados pela cooperativa, desde rações, sais minerais e a linha de medicamentos veterinários do Ir-

fa. Também apareceram os produtos alimentícios como feijão, canjica, arroz e fubá, oriundos da Cerealista Seriemá.

Três itens, no entanto, chamaram mais a atenção dos visitantes e se tornaram chamariz do stand. Um deles foi o mostruário com as diversas sementes de grãos utilizados na agricultura do Estado que foram dispostas em várias cama-

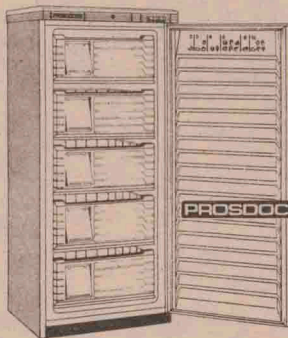
das dentro de um enorme vidro, criando um arranjo de cores bastante original. A maquete da unidade de Maracaju, incluindo a indústria de beneficiamento de milho a ser instalada brevemente naquele município também chamou a atenção dos visitantes. Essa indústria terá uma capacidade para processar 240 toneladas de milho por dia, incluindo outros produtos a serem fabri-

cados na primeira fase.

Mas uma das maiores atrações do stand da Cooperativa foi um aquário onde estavam expostos dois filhotes de jacaré que encantou a todos, principalmente a criançada. Através deles, a Cotrijui expressou sua preocupação com as questões ecológicas e a preservação do meio ambiente, uma vez que o jacaré é o alvo predileto dos depredadores e sintetiza as constantes agressões a natureza da flora e fauna pantaneiras.

Lojas Cotrijui apresentam grandes ofertas PROSDOCIMO.

FREEZER VERTICAL 180 LITROS
Tamanho ideal para famílias pequenas



- Paineis luminosos (indicador de funcionamento)
- Frio Cativo (exclusivo Prosdócimo)
- Tecla para congelamento rápido
- Chave de segurança
- Gavetas removíveis com exclusivo porta-fichas
- Porta reversível
- Luz interna
- Gabinete tratado (exclusivo Prosdócimo)

Bônus de Natal nas LOJAS COTRIJUI.
Na aquisição de geladeira ou refrigerador PROSDOCIMO, você ganha 10 por cento do valor para compras nos supermercados.

CONGELE OS PREÇOS COM

Lojas



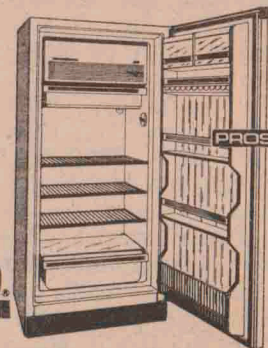
PROSDOCIMO.

O NOME DO FREEZER.

REFRIGERADOR - 340L

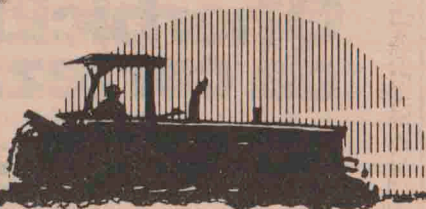
Código 134.84

- Porta totalmente aproveitável
- Congelador amplo
- Porta garrafas basculante (exclusivo Prosdócimo)
- Supergaveta para carnes
- Porta ovos com dupla capacidade
- Moderno desenho externo com puxador horizontal
- Gabinete em chapa tratada totalmente esmaltada



COTRIJUI: HÁ 31 ANOS AO NOSSO LADO PARA O QUE DER E VIER.

Quem trabalha na agricultura sabe que pode contar com a Cotrijui para plantar, colher e comercializar, porque ela está sempre ao seu lado, dando assistência técnica, facilitando crédito, insumos, armazenando seus grãos e mantendo lojas e supermercados, com preços acessíveis aos seus associados.



Em destaque na Gazeta Mercantil

No setor cooperativista, a Cotrijui aparece em quarto lugar

Produção industrial com crescimento de apenas 0,9 por cento após haver se expandido 10,9 por cento em 1986 e 8,5 por cento um ano antes, inflação de 366 por cento — 100 pontos acima dos 234 por cento registrados no ano anterior, déficit público operacional crescente, alcançando 5,5 por cento do Produto Interno Bruto, e nível de investimentos estagnado na casa dos 16 a 17 por cento do PIB, significando uma das taxas mais baixas dos últimos anos.

Com essa introdução, espécie de Carta ao Leitor, a Gazeta Mercantil apresentou

seu Balaço Anual 1988, onde passa em revista o desempenho das maiores empresas do país em todos os ramos de atividades. Destaca, também, no editorial, que as incertezas que dominaram a sociedade por todo o ano passado, geradas, em grande parte, pelas indefinições da política econômica do governo e pelos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, em especial de seus efeitos futuros sobre os negócios, tiveram um forte impacto sobre os resultados da economia em 1987. O Balanço da Gazeta chama ainda a atenção para "o péssimo desempenho das empresas es-

tatais", a maioria delas com taxas negativas de rentabilidade, sendo carregadas pelo setor produtivo privado.

É natural que esse des- controle estrutural — cujos efeitos secundários têm reflexos no conjunto da economia, caísse como um peso a mais nos ombros do empresariado, já penalizado pela ação voraz do fisco e outros elementos subordinados à conjuntura do momento. Tudo isso somou negativamente, acarretando uma redução nos índices de rentabilidade, que em muitos casos chegou a ser significativa. Basta dizer que de 22 setores não financeiros apresentados pela Gazeta Mercantil, seis encerraram o ano de 1987 com prejuízos declarados em seus balanços financeiros.

Dos 18 setores restantes que apresentaram retorno sobre o capital investido, cinco contabilizaram modestos quatro por cento, um retorno bem abaixo, portanto, de qualquer aplicação no mercado financeiro. Os Certificados de Depósito Bancários (CDB) pós-fixados, por exemplo, alcançaram um rendimento real de 8,9 por cento no final de 1987. E as aplicações em cadernetas de poupanças renderam 11,1 por cento reais.

No corrente ano há uma repetição das dificuldades de 1987. Persiste o déficit público, a dívida externa cresce em função dos juros, e a inflação — apesar do Pacto — se mostra incontrolável. É que vivemos (ou sofremos) a ação deletéria de vários fatores inibidores da economia. Por consequência, dinamizadores da inflação.

Como acelerar a expansão interna com um poder de compra tão reduzido? E sem crescimento do mercado consumidor, como expandir a demanda? A maior demanda dá-se num mercado competitivo não somente em oferta, mas, essencialmente, em procura. O equilíbrio no capitalismo reside na proximidade oferta-procura. É a chamada "demanda efetiva", que contempla a todos por igual. Ou seja, quem produz e quem consome.

No caso brasileiro, estamos bem longe desse ideal. Para manter viva uma indústria, que em parte nem pode ser considerada nacional, o país concede imensos privilégios a título de incentivos fiscais à exportação. É claro, sem o mercado externo

elas caíam em falência, gerando problemas terríveis para o país. Ocorre que o valor desses incentivos ocasiona um custo financeiro, que é retirado de outros setores de produção.

Por tudo isso, o Balanço 1988 da Gazeta Mercantil, como já aconteceu com Melhores e Maiores da revista Exame (que analisamos no Cotrijornal n° 159), não é nada enfático ao enumerar a performance das empresas. A Cotrijui, que aparece em 74° lugar entre os 300 maiores grupos privados nacionais conseguiu manter-se na posição conquistada nos últimos anos. Mas no setor da agropecuária aparece em terceiro lugar no país, na rubrica Patrimônio Líquido Real, ficando atrás apenas da Central Agrícola Cotia (CAC) e do Grupo Florestas. E no setor cooperativista é a quarta do país, ficando atrás de duas centrais (Copersucar e Cotia) e da Coamo, a grande cooperativa do oeste paranaense. Num cotejo entre as 100 maiores empresas do Sul (Rio Grande, Paraná e Santa Catarina, a Cotrijui, está situada em 15° lugar. Sem dúvida, um bom desempenho.



O CTC vai aproveitar melhor os espaços em torno da sede

Um CTC em Dom Pedrito

A Cotrijui Regional Dom Pedrito vem desenvolvendo, através de seu Departamento Agrotécnico, anteprojeto para a instalação de um Centro de Treinamento (CTC) na Unidade. A semelhança do CTC da Regional Pioneira, localizado no município de Augusto Pestana, porém de pequeno porte, vai suprir, inicialmente, as necessidades do município, atacando as necessidades prioritárias.

Em reunião realizada recentemente sob a coordenação do veterinário Otalíz Montardo, gerente Agrotécnico, foram estabelecidas as prioridades a serem atacadas, logo após a entrada em operação do novo CTC. Quatro trabalhos foram considerados viáveis e merecedores de urgência. Portanto, serão dinamizados em seguida, a saber: coleção de forrageiras nativas (da região) avaliação do desempenho de terneiros em pastagem melhorada; competição entre cultivares de soja, milho, sorgo e arroz, e a expansão da apicultura através da avaliação de três tipos de colmeias.

A coordenação geral do trabalho está a cargo do agrônomo Pedro Afonso Salles, e terá a participação por igual de cada técnico em sua respectiva área, segundo

o convite enfatizado pelo gerente Agrotécnico, o veterinário Otalíz Montardo. Ficou estabelecido que os responsáveis pela coleção de forrageiras são os agrônomos Pedroso e Porto. O manejo de bovinos em pastagem nativa, veterinários Vanderlei Garcia e Marcelo Burin. Os agrônomos Saul Figueiredo e Picolli responsabilizam-se pela competição entre cultivares de grãos, e as experiências no melhoramento apícola serão feitas pelos técnicos Clóvis Casarin e João Cândido Porto.

Os locais das experiências são no local em frente ao escritório central da cooperativa para as forrageiras nativas, atrás do escritório para o estudo de pastagens melhoradas, o poteiro à margem da BR-293 para as cultivares de grãos e a sede da Afucoti para os trabalhos de apicultura, onde existem boas reservas florestais.

Com esses cuidados a fim de reduzir custos, com igual aproveitamento de espaços já disponíveis e o entusiasmo de todo o pessoal do Agrotécnico, o superintendente da Regional, Eduardo Augusto de Menezes, considera que o CTC de Dom Pedrito já pode ser considerado realidade.

Dimecron®

SISTÊMICO E ECONÔMICO NA SOJA.



Dimecron 500 CIBA-GEIGY
Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob n° 004483-88
Marca registrada da Ciba-Geigy - Basileia - Suíça



CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

Troca de nome

O Hospital Bom Pastor de Ijuí
fez assembléia para mudar sua razão social



Os associados da Cotrijuí se reuniram para discutir os novos rumos do Hospital Bom Pastor de Ijuí

O Hospital Bom Pastor de Ijuí, a exemplo do que já ocorreu com o de Santo Augusto, transformado em fins do ano passado em Associação Hospitalar Bom Pastor, também poderá ter, até o final de dezembro, sua razão social alterada, passando a chamar-se Sociedade Hospitalar Beneficente de Ijuí. Essa questão da troca de razão social dos hospitais mantidos ou apenas administrados pela Cotrijuí é um assunto que já vem sendo discutido pelo quadro social há algum tempo. A assembléia geral de fundação da nova entidade e a eleição e posse da diretoria provisória acontece no dia 23 de dezembro, às 14h30min, no auditório da Cotrijuí de Ijuí.

A troca de nome do Hospital Bom Pastor de Ijuí e a data da assembléia da futura Associação Hospitalar, foi o assunto da discussão de uma reunião que aconteceu no dia 29 de novembro e que contou com a presença de cerca de 80 associados. O diretor da Rede Hospitalar Bom Pastor, Rui Polidoro Pinto explicou os motivos que estão levando esses hospitais a se transformarem numa nova pessoa jurídica, deixando, portanto, de serem Sociedade Anônimas. "Como entidades bene-

ficentes, explicou Polidoro Pinto depois de ter rememorado um pouco da história da saúde na Cotrijuí, os hospitais têm mais facilidade de buscarem recursos em órgãos públicos". Uma vantagem totalmente vedada a uma Sociedade Anônima e de fins lucrativos. Citou ainda a possibilidade de como entidade beneficente, o hospital poder recorrer a benefícios fiscais, como o de solicitar a isenção de recolhimento patronal da Previdência.

Uma terceira preocupação do diretor da Rede Hospitalar e também dos próprios associados, está relacionada com a nova Constituição que diz em seu artigo 199 que as instituições privadas poderão participar do sistema único de saúde de forma complementar, "mediante contrato de direito público ou convênio". Isto significa que as entidades filantrópicas e sem fins lucrativos, terão direito, sempre em primeira mão, aos recursos e benefícios da política de Saúde do governo, ficando a rede privada apenas na condição de atendimento complementar.

Se transformado em Sociedade Beneficente, o Hospital Bom Pastor passará a ser administrado por uma nova diretoria, composta pelos novos sócios, mas com a participação da Cotrijuí que, em regime de comodato, deverá ceder seu patrimônio.



O treinamento contou com a participação de agentes de Ijuí, Jóia e Augusto Pestana

Os novos agentes

Treinar pessoas da comunidade, indicadas pela própria comunidade para prestar assistência básica de saúde é, em síntese, o objetivo fundamental dos cursos para agentes de Saúde que a Cotrijuí vem realizando em alguns dos municípios onde atua. Em julho começou mais um destes cursos, em Ijuí, mas que também contou com a participação de pessoas de Jóia e de Augusto Pestana. Ao todo foram diplomados 23 novos agentes, sendo 18 de Ijuí — 16 representando comunidades do interior; um do Centro de Saúde e outro da LBA — quatro de Jóia e um de Augusto Pestana.

O curso terminou em fins de outubro e a diplomação dos novos agentes aconteceu no dia 29 de novembro em Ijuí, com a presença de familiares e representantes das 16 comunidades envolvidas. Os novos agentes de Ijuí são os seguintes: Eloi Ferreira, de Aracy Serves; Roque Dalla Rosa, de Vila Santo Antônio; Maria Francisconi, de Saltinho; Isabel da Silva, Renate Blass e Edlaci Blass, de Vila Mauá; Cleusa Skalski e Mirian Grade, de Itaf; Líria Klein, de Linha 6 Norte; Ladir Wender, de Linha 7 Leste; Aldemir Paulo Stochero, de São Valentim; Anícia W. Krombauer, de Alto da União; Luciana Goi, de Rincão dos Goi; Elisiane Thomé da Cruz, de Linha 4 Leste; Joana Kosloski Okaezki, de Povoado Santana; Ana Francisconi, funcionária da Cotrijuí; Nidia Bogo, do Centro de Saúde e Mariléia Lúcia Stolz, da LBA. Do município de Jóia, participaram do curso Dirceu Amaral, de São João Mirim; Joceli Inês Sangalli, de São Pedro, Elaine Padilha, de São João da Bella Vista e Oswaldo dos Anjos Freitas, funcionário da Unidade. De Augusto Pestana, participou do treinamento Marcia Terezinha Matte, de Arroio Bonito.

O curso teve a duração de 250 horas aulas teóricas/práticas, onde o agente recebeu uma visão geral sobre política e sistemas de saúde, noções de anatomia e fisiologia humana; principais doenças que afetam o organismo humano; primeiros socorros; planejamento familiar; sinais vitais, nutrição, saúde oral, ervas caseiras, agrotóxicos entre outros assuntos. Os estágios — oportunidade em que os agentes colocam em prática os ensinamentos aprendidos durante as aulas teóricas — aconteceram no Hospital Bom Pastor de Ijuí e em ambulatórios da Secretaria Municipal de Saúde, Trabalho e Ação Social, sob a supervisão de uma equipe de enfermagem composta por Rosane D. R. Schiavo, Marli Klein, Maria Cristina Corso e Cristiane Massafra.

Uma equipe multiprofissional de Saúde, envolvendo enfermeiros, médicos, administradores, odontólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, agrônomos, veterinários, educadores e analistas de treinamento, foram os responsáveis pelo curso. Estes profissionais estão ligados a Cotrijuí, ao Hospital Bom Pastor de Ijuí, a SMSTAS, ao Centro de Saúde e a Unijuí. De certificado na mão e o material necessário para os primeiros socorros, os agentes estão voltando para as suas comunidades aptos a realizarem reuniões com a comunidade e escolas, prestar informações e orientações na área preventiva. Mas eles ainda têm condições de desenvolverem as seguintes atividades: verificação de pressão, temperatura, frequência cardíaca e respiratória aplicação de injeções, curativos, retirada de pontos, controle de vacinações, massagens, visitas domiciliares e encaminhamentos médicos.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Convocam-se os interessados em integrar a SOCIEDADE HOSPITALAR BENEFICENTE IJUÍ, mantenedora do Hospital Bom Pastor, para a ASSEMBLÉIA GERAL DE FUNDAÇÃO, a realizar-se no dia 23 de dezembro de 1988, às 14h30min, no auditório da Cotrijuí, com a seguinte ORDEM DO DIA:

1º — Deliberação a cerca da criação ou não da entidade.

Se deliberação for favorável:

2º — Aprovação do Estatuto Social,

3º — Eleição e posse da diretoria provisória,

4º — Assuntos diversos.

Ijuí/RS

Rui Polidoro Pinto
p/Comissão Pró-Fundação

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE AUGUSTO PESTANA

CGC/MF Nº 87.645.875/0001-29

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA O EXERCÍCIO DE 1989

Aprovada em Assembléia Geral Ordinária realizada no dia 26 de novembro de 1988

GRUPO DE	P/CONTA DA C. SINDICAL	P/CONTA DA R. PRÓPRIA	TOTAL TOTAL
RECEITAS			
Renda Tributária	2.750.000,00	— 0 —	2.750.000,00
Renda Social	— 0 —	42.000.000,00	42.000.000,00
Renda Patrimonial	— 0 —	26.000.000,00	26.000.000,00
Renda Extraordinária	— 0 —	17.500.000,00	17.500.000,00
TOTAL DAS RECEITAS	2.750.000,00	85.500.000,00	88.250.000,00
DESPESAS			
Administração Geral	— 0 —	44.000.000,00	44.000.000,00
Assistência Social	2.500.000,00	20.200.000,00	22.700.000,00
Outros Serviços Sociais	250.000,00	4.000.000,00	4.250.000,00
Assistência Técnica	— 0 —	4.000.000,00	4.000.000,00
TOTAL DO CUSTEIO	2.750.000,00	72.200.000,00	74.950.000,00
Aplicação de Capital	— 0 —	13.300.000,00	13.300.000,00
SOMA	2.750.000,00	85.500.000,00	88.250.000,00

Alberto A. Bauer
Presidente

Augusto Pestana, 26 de novembro de 1988

Bruno Van Der Sand
Tesoureiro

Mário Zambenedetti
CRC 22.514 e CIC 080.510.200/06

A fábrica de schmiers

Levando a marca Cooper, a Cotrijuí começou a fabricar em Tenente Portela, schmier de pêssego, maçã e abóbora

Um projeto que há muito vinha sendo discutido pelos associados da Cotrijuí em Tenente Portela está saindo do papel: o da Fábrica de Schmier. Para os associados da cooperativa, principalmente para aqueles que estão investindo na fruticultura e encarando a atividade como mais uma opção rentável dentro da propriedade, a Fábrica vem representar um novo espaço para melhor aproveitar o excedente da produção de frutas no município de Tenente Portela. "Essa pequena agroindústria já em funcionamento, diz o diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuí na Pioneira, Clóvis Rorato de Jesus ao referir-se a Fábrica de Schmier, vem servir de sustentação ao Programa de Fruticultura Tropical da Cotrijuí em Portela".

A Fábrica de Schmier é na verdade, segundo o gerente da unidade de Tenente Portela, Antoninho Rossoni, mais um passo da Cotrijuí rumo a verticalização de suas atividades e que começou a ganhar simpatia dos associados a partir do momento em que a cooperativa começou a levar a campo o seu Programa de Fruticultura Tropical, incentivando o plantio de abacaxi, mamão, banana e goiaba. "Foi justamente a partir da instalação deste programa na região, que surgiu a idéia de transformação destes produtos, resultando na instalação de uma fábrica de doces".

Já capacitada para produzir schmier de pêssego, maçã e abóbora, a Fábrica de doces vem trabalhando com matéria-prima adquirida em outras regiões. O pêssego tem sido adquirido de Pelotas e a maçã na região de Vacaria. E embora venha operando de forma modesta — a Fábrica é constituída de um tacho a vapor com capacidade para 50 quilos de polpa, uma despachadeira e um evasador que ocupa o trabalho de apenas três pessoas — ela já está produzindo em torno de 200 quilos de doce por dia, "quantidade suficiente para abastecer toda a rede de mercados da Cotrijuí na Pioneira". Mas na medida em que a Fábrica tiver condições de ampliar as suas instalações de armazenagem de matéria-prima, o Antoninho

Rossoni garante que essa produção poderá ser duplicada.

MATÉRIA-PRIMA- LIMITANTE

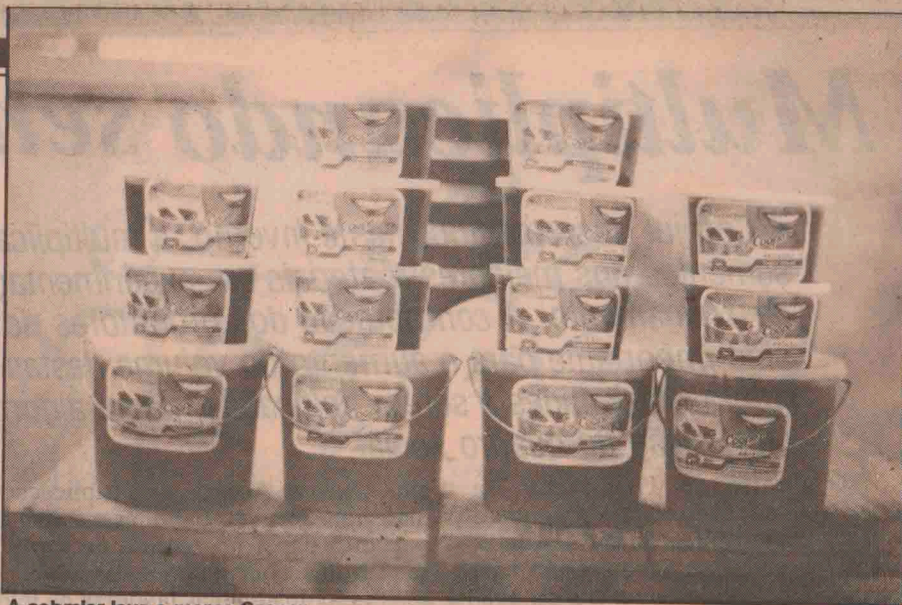
Como a Fábrica está surgindo agora, enquanto que o Programa de Fruticultura recém começa a ser implantado na região, a disponibilidade de matéria-prima para a fabricação de doces tem aparecido, de acordo com o gerente da unidade, como um fator limitante da expansão da produção. "Mas o nosso grande objetivo é transformar a matéria-prima produzida pelos nossos associados", faz questão de deixar bem claro. A Cotrijuí já está pleiteando a obtenção de registro para fabricação de schmier de uva, batata doce, goiaba e figo na intenção de, ainda nesta safra, começar a aproveitar matéria-prima fornecida pelo quadro social.

Por enquanto, apenas a schmier de abóbora vem sendo fabricada com matéria-prima produzida pelo quadro social da cooperativa. A previsão de recebimento chega a 30 toneladas, mas por enquanto, grande parte da polpa de abóbora utilizada na fabricação do doce foi fornecida pelo associado Valdemar Breuning.

METAS E COMERCIALIZAÇÃO

As schmiers levam a marca Cooper e estão sendo colocadas à venda em embalagens de 700 gramas e de dois quilos. Mas assim que a Fábrica tiver condições de ampliar a sua produção, a meta, segundo Rossoni, é atingir novos mercados. "Vamos utilizar o sistema de vendas da Cerealista para buscar novos mercados em outras regiões do Estado", observa.

A produção de doces da Fábrica também não vai parar apenas na linha das schmiers. A intenção é diversificar o máximo essa produção, entrando inclusive na linha das pastas — pessega-da, goiabada, marmelada, figada, entre outros — dos doces de leite e das rapaduras. "Assim que tivermos definido um local para armazenagem de matéria-prima, queremos avançar em toda a linha de doces e conservas", finaliza.



A schmier leva a marca Cooper

Incremento ao hortigranjeiro

Incrementar a produção de hortigranjeiros da Região Pioneira da Cotrijuí, através de um maior incentivo a algumas culturas que ainda não são produzidas na entressafra, como é o caso do tomate e da batatinha; promover a armazenagem da cebola e a produção de algumas espécies que possam ser comercializadas em outras regiões. Resumidamente, esta é a proposta apresentada pelo setor de Olericultura e produção vegetal da Cooperativa, durante reunião realizada no dia 24 de novembro, na sede da Pioneira, com a participação da diretoria de Compras e Abastecimento, diretoria Financeira, mais agrônomos, técnicos e gerentes.

De acordo com o engenheiro agrônomo João Boaro, supervisor da produção de Olericultura da Cotrijuí Pioneira, a proposta do setor é até pouco ambiciosa, uma vez que, tendo condições climáticas favoráveis, o produtor tem todas as possibilidades de suprir o abastecimento da Cooperativa. Um exemplo disso, aponta Boaro, pode ser visto pela estrutura atual que a produção de hortigranjeiros possui em Ijuí, tendo 33 propriedades consideradas especializadas, já que em todas elas estes produtos representam a renda principal do associado e das quais, 27 possuem sistema de irrigação.

APROVEITANDO O POTENCIAL

Esta mesma avaliação, que serve às demais unidades da Cooperativa, mas, principalmente ao município de Tenente Portela, caracterizado por um microclima próprio à produção de frutas e uma grande concentração de minifúndio, sugere, segundo o agrônomo, uma adequação na estrutura do setor. "É preciso buscar novos canais de comercialização", diz ele referindo-se especialmente às vendas dos produtos in natura, muito limitadas em relação ao seu potencial de campo.

Para conferir esta afirmação, Boaro apresentou ainda uma radiografia da produção, onde alguns produtos, como a batata inglesa, o abacaxi e a banana prata, se destacam pelo potencial de cultivo e comercialização não aproveitados. Já a cebola mereceu tratamento especial pelo agrônomo, pois atualmente o associado participa com apenas 20 por cento no abastecimento próprio. Este percentual, no entanto deve ser revertido a médio prazo, diante da decisão retirada da reunião, de se construir um sistema de armazenagem que possibilite melhorar o preço ao produtor, através da comercialização do produto em períodos não tradicionais.

Além da comercialização dos hortigranjeiros, a reunião teve ainda como assuntos, o destino da agroindustrialização na Cooperativa, principalmente em relação aos produtos de hortas e pomares. Aqui a proposta passa pela formação de um pequeno centro de pesquisa sustentado em tecnologia gerada em algumas universidades conveniadas com a Cotrijuí, que serviria como um polo de desenvolvimento para todos os projetos agroindustriais do setor. Por fim, foi discutido também, o incremento do cultivo de hortigranjeiros, a partir da utilização de determinadas variedades que permitem a produção de entressafra.

ESTUDO

As sugestões apresentadas pelos setores presentes à reunião, são agora encaminhadas por uma comissão formada pela área de olericultura e a central de compras e abastecimento, que está realizando um estudo sobre a possibilidade de abertura de outros canais de comercialização. Os resultados deste estudo devem ser concluídos até o final do ano para, posteriormente, ser debatido com os produtores.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ/RS

CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30.11.1965

Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386 de 09.12.1976 — publicamos a seguir o resumo da Previsão Orçamentária para o exercício de 1989, aprovada em Assembléia Geral Ordinária realizada em 06 de outubro de 1988.

CONTAS	RENDA PRÓPRIA Cz\$	RENDA SINDICAL Cz\$	TOTAL Cz\$
RECEITAS			
Renda Tributária	— 0 —	3.000.000,00	3.000.000,00
Renda Social	107.207.000,00	— 0 —	107.207.000,00
Renda Patrimonial	41.000.000,00	— 0 —	41.000.000,00
Renda Extraordinária	107.500.000,00	— 0 —	107.500.000,00
Mobilização de Capitais	— 0 —	— 0 —	— 0 —
TOTAL GERAL	255.707.000,00	3.000.000,00	258.707.000,00
DESPESA			
Administração Geral	107.770.000,00	— 0 —	107.770.000,00
Contrs. Regulamentares	— 0 —	50.000,00	50.000,00
Assistência Social	113.110.000,00	2.950.000,00	116.060.000,00
Outros Serv. Sociais	3.950.000,00	— 0 —	3.950.000,00
Assistência Técnica	377.000,00	— 0 —	377.000,00
Desp. Extraordinárias	— 0 —	— 0 —	— 0 —
TOTAL DO CUSTEIO	225.207.000,00	3.000.000,00	228.207.000,00
Aplicação de Capitais	30.500.000,00	— 0 —	30.500.000,00
TOTAL GERAL	255.707.000,00	3.000.000,00	258.707.000,00

Ijuí/RS, 1º de novembro de 1988
CARLOS KARLINSKI — Presidente
EUCLIDES MARINO GABBI — Tesoureiro
ARLINDO BAUERMANN — Técnico em Contabilidade
CRC.RS nº 22.688

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ/RS

CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30.11.1965

Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386 de 09.12.1976 — publicamos a seguir o resumo da Suplementação de verbas à Previsão Orçamentária para o exercício de 1988, aprovada em Assembléia Geral Extraordinária realizada em 06 de outubro de 1988.

CONTAS	RENDA PRÓPRIA Cz\$	RENDA SINDICAL Cz\$	TOTAL Cz\$
RECEITAS			
Renda Tributária	— 0 —	300.000,00	300.000,00
Renda Social	— 0 —	— 0 —	— 0 —
Renda Patrimonial	6.650.000,00	— 0 —	6.650.000,00
Renda Extraordinária	6.500.000,00	— 0 —	6.500.000,00
Mobilização de Capitais	— 0 —	— 0 —	— 0 —
TOTAL GERAL	13.150.000,00	300.000,00	13.450.000,00
DESPESA			
Administração Geral	1.000.000,00	— 0 —	1.000.000,00
Contrs. Regulamentares	— 0 —	— 0 —	— 0 —
Assistência Social	— 0 —	300.000,00	300.000,00
Outros Serv. Sociais	— 0 —	— 0 —	— 0 —
Assistência Técnica	150.000,00	— 0 —	150.000,00
Desp. Extraordinárias	— 0 —	— 0 —	— 0 —
TOTAL DO CUSTEIO	1.150.000,00	300.000,00	1.450.000,00
Aplicação de Capitais	12.000.000,00	— 0 —	12.000.000,00
TOTAL GERAL	13.150.000,00	300.000,00	13.450.000,00

Ijuí/RS, 1º de novembro de 1988
CARLOS KARLINSKI — Presidente
EUCLIDES MARINO GABBI — Tesoureiro
ARLINDO BAUERMANN — Técnico em Contabilidade
CRC.RS nº 22.688

Multiplicando sementes

A Cotrijuí incrementou, neste inverno, a multiplicação de sementes dos melhores materiais em experimentação no Centro de Treinamento. A contribuição dos produtores de sementes tem sido importante para o aumento do volume destas linhagens, futuras variedades a serem colocadas, daqui algum tempo, à disposição do quadro social.

O Centro de Treinamento da Cotrijuí vem tocando vários programas de coleta e multiplicação de sementes alternativas com grande sucesso e com materiais já colocados em mãos do quadro social da cooperativa na região. O mais conhecido destes materiais é o milho, quando muitos produtores, de uns três anos para cá, começaram a trabalhar com variedades de polinização aberta. Além deste programa, o Adão Acosta, agrônomo e supervisor de Produção de Sementes da Cotrijuí na Pioneira, cita o de forrageiras, envolvendo o teossinto e o sincho e ainda o trabalho de coleta de materiais crioulos de feijão. Mas o sucesso alcançado com estes programas, segundo o agrônomo, representa apenas mais um indicativo de que o CTC precisa aumentar a sua escala de multiplicação destes materiais oriundos dos seus trabalhos de melhoramentos.

Apenas neste inverno, foram semeados e colhidos por diversos agricultores associados da Cotrijuí na Pioneira, com excelentes resultados, materiais de ervilhaca, ervilha forrageira, colza, aveia, tremoço e centeio, conforme mostram as tabelas ao lado. No caso do trigo, por exemplo, a ameaça que representa o domínio de poucas variedades — apenas a CEP 14 ocupava mais de 40 por cento da área plantada na região —, vem obrigando a pesquisa ao lançamento constante de novos materiais. “As-

sim, observa Acosta, a multiplicação de materiais básicos e linhagens tem importante papel no sentido de suprir os produtores com novas variedades. O resultado de algumas lavouras da região podem ser observados nas tabelas. “E de parte da Cotrijuí, complementa, o suprimento de variedades tanto de grandes culturas — trigo, soja — quanto das culturas de diversificação, tem sido uma das grandes preocupações da área agro-técnica”.

AVEIA E TREMOÇO: PRIMEIROS RESULTADOS

Estas duas culturas já ocuparam, há algum tempo atrás, uma área bastante expressiva em solos da região. Tinha um duplo objetivo: servir como cobertura verde e para a produção de grãos. Só que por problemas de ferrugem na aveia e antracnose no tremoço, elas praticamente foram eliminadas da região. Mas graças aos programas de melhoramentos de cultivares do CTC, muitos materiais já começam a ser colocados nas mãos dos produtores, com resultados bastante promissores. “Estamos apresentando ao quadro social, reforça, linhagens de tremoço limpos da antracnose e de aveia tolerante a ferrugem, apresentando porte mais baixo e com precocidade”.

TRIGO: TRÊS VARIEDADES

A velocidade na troca de variedades com excelente potencial produti-

vo, fez com que a cooperativa acompanhasse com interesse o trabalho das instituições de pesquisa nessa área e também tenha envereadado pelo caminho da multiplicação de linhagens e de novas variedades. Uma linhagem promissora e três variedades de introdução recente, foram acompanhadas nesta safra pelo departamento técnico da Cotrijuí. O resultado de algumas destas lavouras está sintetizado abaixo.

OUTROS MATERIAIS

As vicias (ervilhaca) estão consolidadas na região já há algum tempo e o fornecimento de material selecionado e adaptado começa a aparecer. No caso do centeio, a promissora BR-1 da Embrapa, pode trazer de volta esta forrageira para a região. As lavouras deste ano tiveram um excelente comportamento.

TABELA 1 — AVEIA BRANCA —

LINHAGEM	Produtor	Local	Doenças
CTC 84 B 1415-2	Leopoldo Tamlozzo	Ajuricaba	Ferrugem na (peq. ocorrência)
CTC 82 B 437	Milton Moresco	Sto. Augusto	Ferrugem na em final de
CTC 84 B 1359	Seli Fellsberto da Silva	Sto. Augusto	Sem signific
CTC 82 B 477/1	Carlos L. Andrighetto	Sto. Augusto	Pequenas p
CTC 84 B 1416-1	João Fucilini	S. Martinho	Fer. da folha
CTC 82 B 514	Adejalmo Ozório	Ajuricaba	peq. incidê
CTC 84 B 1415-1	Protásio Lotermann	Chiapetta	folha — traço
CTC 84 B 1282	Hedio A. Weber	Chiapetta	Ferrugem na
CTC 84 B 1282	Hedio A. Weber	Chiapetta	peq. incidê
CTC 84 B 1282	Hedio A. Weber	Chiapetta	Traços de he
UFRGS 11	José Ritter de Oliveira	Chiapetta	Helminthospor
CTC 84 B 1412-1	Jeracy Baggio	Cel. Bicaço	— petraços
CTC 84 B 1415	Jeracy Baggio	Cel. Bicaço	Ferrugem de
CTC 82 B 464	Sadi Reimann	Ijuí	Ofídio no inf
UPF 11	Wilson Zangirrolami	Ijuí	Ferrugem, pe
CTC 84 B 1416-2	Nelzro Prauchner	Ijuí	Sem signific
UFRGS 9	Edvino Schultz	Ijuí	Sem signific
UFRGS 12	Osmar Willens	Ijuí	Ferrugem, pe
CTC 84 B 1138	Mário Sandri	Ijuí	Peq. incidê
CTC 82 B 307	Emani Kusiak	Ijuí	helminthospor
CTC 84 B 1412-3	Nicola Foguezatto	Ajuricaba	Ferrugem de
CTC 84 B 1412-2	Nicola Foguezatto	Ajuricaba	traços
			Sem signific
			Não ocorreu

TABELA 2 — RESULTADO DE LAVOURA

LINHAGEM CULTIVAR	Produtor	Local	Doenças
CEP 83117	Elenir Bidal Garcia	Sto. Augusto	Ferrugem (pústulas)
CEP 83117	Valdemar Bilibio	Sto. Augusto	Septória, folha (p)
CEP 17	Heltor Rodrigues	Sto. Augusto	Sem signi
CEP 17	Antônio Silvano Pettenon	Sto. Augusto	Sem signi
BR 23	Silvio Ceolin	Sto. Augusto	Traços de
BR 23	Adejalmo Ozório	Ajuricaba	Sem signi
BR 23	Nelzindo Filippi	Ijuí	Sem signi
BR 23	Valdemar Michael	Ijuí	Sem signi
CEP 83117	Marcos Casagrande	Ijuí	Virose
CEP 83117	Antônio Sobrinho	Ijuí	Sem signi
CEP 19	Ezequiel Cembranel	Cel. Bicaço	Septória
CEP 19	Jeracy Baggio	Cel. Bicaço	Traços de e septória
CEP 19	Wilson Bilibio	Ijuí	Septorioso

TREMOÇO — RESULTADO DA

LINHAGEM	Produtor	Local	Reação a
			(kg/ha)
CEP 009	Nicola Foguezatto	Ajuricaba	Muito boa
CTC PON1	Nerci Meotti	Ijuí	Muito boa
CTC PO12	Oldemir Antônio Schiavo	Ijuí	Excelente
Marri — (precoce original)	Antenor Vione	Ijuí	Muito boa
CTC PO72	Bruno Schneider	Aug. Pestana	Excelente
CTC PO14	Silvino Petenon	Sto. Augusto	Muito boa
CTC PO16	Evaldo Boing	Chiapetta	Muito boa
CTC PO16-2	Arl Goergen	Jóia	Excelente

OUTROS MATERIAIS E S

Cultura	Produtor	Local
Ervilha Forrageira	Lufs Gilmar Antonello	Ijuí
Ervilha CTC 84 E 30	Arl J. Noronha	Ijuí
Centelo BR 1	Valdemar Michael	Ijuí

Luta contra a erosão genética

Adão Acosta

Após mais de duas décadas de agricultura predatória, a idéia preservacionista, antes restrita apenas a alguns grupos de agricultores e de profissionais, começou a ser ampliada, discutida e adotada por um número maior de produtores, até pelo iminente esgotamento do sistema produtivo baseado nas monoculturas.

Evoluíram a partir daí, as técnicas principalmente de controle biológico de pragas e conservação e manejo de solos. No entanto, muito pouca coisa tem sido discutida a respeito da chamada erosão genética, ou seja, da perda de materiais e variedades locais. Estas são as fontes de germoplasmas para os programas de melhoramento vegetal e para o uso de agricultores em regiões localizadas, com estabilidade de produção, tolerância de pragas e doenças e ainda perfeitamente integradas aos ecossistemas regionais.

A maior parte dos conceitos e das estratégias que levam à solucionar tal questão tem partido quase sempre de instituições e pessoas dos países desenvolvidos da América do Norte e Europa Ocidental, que, paradoxalmente geraram a revolução verde, na qual estão embutidas as variedades geneticamente uniformes. Estas variedades, no terceiro mundo, ocupam a maior parte da área destinada a agricultura, reduzindo

de forma dramática os materiais crioulos e os ecossistemas naturais.

Presentemente tem sido tentada uma articulação maior entre as organizações não governamentais do terceiro mundo — África, Ásia e América Latina — no sentido de reverter, ou pelo menos conter a evasão de suas reservas de sementes nativas. Segundo Altieri, 90 por cento do germoplasma coletado e armazenado no IBPGR — International Board for Plant Genetic Resources — provém de ecossistemas e de agricultores do terceiro mundo. Ele diz ainda que 80 por cento do total armazenado está nos bancos de sementes dos países desenvolvidos.

Isto configura mais uma das faces do conflito Norte-Sul — a luta pela posse dos recursos fitogenéticos —, que é exercitada tanto na prática do dia-a-dia, pela internacionalização da economia — e da agricultura —, como também nos foros: nacionais e internacionais. A própria FAO — a Organização das Nações Unidas para a Alimentação —, já emitiu duas resoluções sobre recursos fitogenéticos: a 6/81 e a 8/83, no sentido de normatizar e vigiar as atividades de coleta e armazenagem de sementes em todo o mundo. Objetivamente, pouco tem sido possível fazer frente a degradação geral das variedades nativas e seu envio para fontes de cruzamentos ou uso em biotecnologia nos países do Norte. A perda de ger-

moplasma foi de 45 por cento nos últimos cinco anos. 60 por cento da área agrícola dos maiores centros de diversidade genética está sendo cultivada com sementes uniformes.

Necessitamos conhecer a marcha da erosão genética a nível de país e criar maneiras concretas de freá-la. Para isto intercâmbio de informações e formação de bancos de dados alternativos entre organizações não-governamentais são importantes para o conhecimento, a origem e o uso de cada semente crioula ou melhorada.

O PAPEL DA COTRIJUI

Para a Cotrijuí, uma das mais importantes cooperativas de produção do país, o assunto é de grande importância na medida em que seus agro-ecossistemas apresentam um mosaico de formas de produção, indo desde o colonial até a monocultura intensiva. Assim, ao lado do trabalho com as grandes culturas, é fundamental dar suporte a produção familiar, com coleta e multiplicação de sementes alternativas, forrageiras, medicinais e alimen-

tícias, considerando ainda o nível de mecanização atingido pela região e seu manejo pelo produtor. Portanto, essa grande vertente, suporte da diversificação da cooperativa, deve ser entendida para além do processo de coleta/multiplicação de sementes. É preciso que se já encarada como uma componente do habitante da região, que devem ser chamados a preservar o pouco que resta das nossas sementes e do nosso conhecimento por anos acumulados.

Além do componente cultural,

MILHO DAS MULTIPLICAÇÕES

	Outras caract.	Ciclo (dias)	pH	Produtiv. (kg/ha)
colmo	Esterilidade, resis. ao acamamento, porte e alta produtividade	152	58	3,300
	Peq. esterilidade	152	58	2,015
	peq. acamamento (5%)	150	56	2,500
	Peq. esterilidade, sem sem acamamento	134	56	2,300
	Ausência de esterilidade, 10 por cento de acamamento	170	57	2,190
	20 por cento de acamamento bom potencial de produção	134	53	2,400
	Sem esterilidade nem acamamento	150	53	1,900
	Bom potencial produtivo	150	53	1,900
resistente	Resistente ao acamamento, sem esterilidade	165	57	2,500
	Porte baixo, precoce sem acamamento	143	53	2,000
	Uniforme, sem acamamento	153	57	2,536
alto	Porte alto e acamamento	150	57	2,645
	Bom porte, sem acamamento	151	54	2,021
	Não acamou	149	53	2,100
	material uniforme	150	55	2,000
	Peq. esterilidade	150	55	2,000
	peq. acamamento	150	55	2,000
	embora de porte alto	152	54	1,100
	Maturação desuniforme, bom porte	156	53	2,800
	com potencial produtivo, porte baixo	156	56	1,800
	Porte médio, com acamamento e bom potencial produtivo	152	51	3,000
	Bom porte, excelente potencial de produção	153	52	1,500
	Porte médio, peq. acamamento	148	52	1,480
	Porte médio, peq. acamamento	148	52	1,480

TRIGO NA REGIÃO PIONEIRA

	Outras caract.	pH	Produtiv. (kg/ha)
colmo	Bom tamanho de espiga; bom potencial de produção; Resistente ao acamamento	75	1,718
da espiga	Bom tamanho de espiga; bom potencial de produção; Resistente acamamento	79	2,120
da espiga	Boa resistência às doenças e bom potencial produtivo	78	2,400
da espiga	Boa resistência às doenças e bom potencial produtivo	77	2,177
da espiga	Alta resposta a densidade de semeadura elevada	78	2,750
da espiga	Porte baixo, colmo resistente	76	2,360
da espiga	Porte baixo, pH alto	80	2,100
da espiga	Porte Baixo	77	2,093
da espiga	Boa sanidade, boa formação de grãos	76	1,800
da espiga	Boa sanidade, caule com boa espessura	79	2,640
da espiga	Colmo resistente, Não debulha, com boa resistência a ferrugem	79	2,526
da espiga	Excepcional potencial produtivo, sem acamamento e debulha	79	2,700
da espiga	Bom Volume de palha; grãos pequenos; boa uniformidade na maturação	79	2,200

MILHO DAS MULTIPLICAÇÕES

	Outras caract.	Ciclo (dias)	Produtiv. (kg/ha)
resistência	Bom número de vagens por planta. Maturação uniforme	167	1,200
	Bom stand. Bom potencial produtivo	163	1,500
	Bom potencial, porte elevado	165	1,000
	Maturação desuniforme, colheita dificultada	160	1,500
	Aspecto muito bom, rusticidade, alto potencial produtivo	161	1,350
	Bom número de vagens por planta, material rústico	163	1,200
	Rústico, mas de maturação desuniforme	165	770
	Aspecto muito bom, uniforme e de alto potencial produtivo. Tardio	188	1,600

RESULTADOS

Ciclo	Produtividade - kg/ha
170 dias	550
161 dias	600
156 dias	2,100

uso de sementes crioulas só poderá ser firmado na prática pela ampliação das possibilidades dos materiais oriundos dessa semente no mercado e a consolidação de seus espaços no campo.

Adão Acosta é engenheiro agrônomo e Supervisor de Produção de Sementes da Cotrijui na Pioneira.

BIBLIOGRAFIA
 Altieri, M. A. La Agroecología Y La Conservación de La Diversidad Genética a Los Agroecosistemas de America Latina - California University, Berkeley, USA - 1988.
 Martínez, F. La Polemica de los Recursos Fitogenéticos en La FAO Y El Sela, Salti- lo, México, 1988.

Aveia: resistente a ferrugem

Muito satisfeito da vida, apesar do preço ruim do trigo e do custo do dinheiro pego nos bancos, andava o seu Osmar Williens, proprietário de 23 hectares de terra em Linha 6 Leste, Ijuí. E não era para menos. De 30 quilos de aveia branca, a cultivar UFRGS-12, plantada em início de junho, ele havia colhido 1.700 quilos. Seu Osmar já tinha experiência com a aveia preta. Todos os invernos, onde não planta trigo, ele semeia um pouco de aveia preta e depois, na época certa, incorpora a massa verde ao solo. Mas trabalhar com aveia branca foi uma experiência que o seu Osmar não havia programado.

A planta ocupou pouco mais de meio hectare de terra e exigiu quatro sacos de adubo e 15 quilos de uréia. Tem certeza que poderia ter feito uma colheita ainda melhor se a seca deste inverno não tivesse castigado tanto a planta. Não teve problemas com a ferrugem "e nem gastei com tratamento. "É uma aveia que tem um porte médio e não é caadeira", diz ele se referindo aos ventos fortes que sopraram na região em meados de novembro. "Nem o vento ou a chuva pesada que caiu pouco antes da colheita afetou a planta". Além do rendimento, considerado pelo seu Os-

mar como bom para 30 quilos de semente, ele também achou o grão de boa qualidade, alcançando um bom peso específico. Entregou na cooperativa 1.470 quilos e guardou mais 225 quilos em casa.

No próximo inverno o seu Osmar está programando plantar metade da lavoura para semente e outra metade para pastagens, pois ainda não sabe se o preço realmente compensa. Ele também acha que uma lavoura maior, destinada a produção de sementes, dá muita trabalheira por causa dos inços que precisam ser eliminados.

SÓ FALTOU CHUVA

O Ernani Kusiak - Linha 5 Leste - Ijuí, plantou 18 quilos de semente de aveia, a cultivar CTC 82. Fez a lavoura em sociedade com o cunhado Nelson Pietsack nas terras do pai, onde plantam em sociedade. A colheita está por ser feita e o Ernani não quis arriscar em rendimento, embora calcule que, pelo comportamento da lavoura, possa tirar bons resultados.

A lavoura foi semeada a lanço no dia 18 de junho e depois gradeado com o adubo por cima. 50 dias depois de semeada, eles passaram uréia e ainda fizeram um tratamento contra o ataque do



Osmar Williens



Ernani Kusiak

pulgão. O Ernani acha que o desempenho da lavoura ficou um pouco prejudicado em função da seca que além de atrapalhar a germinação, afetou o desenvolvimento da planta". Com esses atrapalhos, avisa, fica difícil avaliar o desempenho dessa nova cultivar antes da colheita". Mas nem o Ernani e o Nelson estão se dando por vencidos. Eles até já estão programando uma nova lavoura, ainda maior, com esse mesmo material, para o próximo inverno.

De olho no rendimento

O seu Hugo Deckmann, proprietário de 28 hectares de terra na localidade de Alto da União, interior de Ijuí, já plantou de



Hugo Deckmann

tudo e um pouco nessa sua vida de agricultor, mas ainda não havia lidado com o centeio. Mas como nunca é tarde para aprender, pegou na cooperativa 300 quilos de um material novo, o BR-1 e fez uma lavoura de experiência. A planta correu bem, resistiu às doenças fúngicas da cana e da folha e ainda agüentou firme o temporal de fins de novembro que deixou no chão muitas lavouras da vizinhança.

A lavoura de centeio foi semeada no dia 10 de junho e em fins de julho recebeu uma aplicação de uréia "e depois mais nenhum tratamento". O desenvolvimento da planta correu bem, apesar, segundo o seu Hugo, de um pequeno ataque, "mas insignificante", de septória no cacho. A colheita ainda não saiu, mas ele está de olho no resultado final. "Fiz a lavoura para semente, conta, adiantando que para o ano já pensa em repetir a experiência. Só que a finalidade da lavoura vai depender do preço do produto, hoje muito ruim, segundo o agricultor. "O preço do trigo já foi ruim demais, imagine o do centeio que vale a metade", reclama, reconhecendo, no entanto, que é mais uma alternativa para o inverno que a cooperativa está colocando nas mãos do seu quadro social.

Se o preço ruim se confirmar, seu Hugo está pensando em plantar centeio, isso para o próximo inverno, para transformar em ração para os animais ou até mesmo em farinha. Mas garante que é uma planta que dá para arriscar, "mesmo com comércio ruim", diz, lamentando a falta de um moinho na região que possa transformar o grão em farinha de boa qualidade para ter uma boa aceitação no mercado.

Sem arrependimento

O tremoço é uma cultura que já ocupou bons espaços nas lavouras desta região do Estado e só foi abandonada pelos agricultores em função dos problemas de doenças. O seu Antenor Vione, um agricultor de Barreiro, interior de Ijuí, que o diga. Ele já plantou muito tremoço anos atrás, mas foi obrigado a desistir da cultura "que já estava trazendo prejuízo até para a lavoura de soja". Neste inverno, atendendo um pedido do agrônomo Fernando, ligado ao departamento técnico da Cotrijui, unidade de Ijuí, ele resolveu investir mais uma vez na cultura. Confessa que não está arrependido. A lavoura está bonita e promete bons resultados.

O seu Antenor plantou 140 quilos da cultivar Marry, "um material novo que a Cotrijui está distribuindo". Caprichou na lavoura, colocando 12 sacos de adubo. "Plantei para colher", conta ele". Mas logo depois do plantio enfrentou problemas pela falta de chuva, o que atrapalhou um pouco a germinação e prejudicou o restante da lavoura. De qualquer forma ele continua otimista e com a certeza de que ainda tira uns 60 sacos de produto.

Pelos primeiros resultados - comportamento da planta - seu Antenor está gostando desta nova cultivar "muito diferente daquelas antigas e que só infestavam as lavouras de doenças". "Ela parece ser bem mais resistente às doenças", observa ele já pensando em, pro ano, semear o tremoço em consórcio com a aveia para a produção de massa verde e incorporação ao solo.

MELHOR QUE A ERVILHACA

Ele já acredita que se essa nova



Antenor Vione

cultivar comprovar que realmente é resistente às doenças, poderá, tranquilamente, se transformar em uma nova opção para a lavoura de inverno. "melhor inclusive que a ervilhaca que apresenta problemas de perdas durante a colheita". Ele só fica preocupado, quando faz essa comparação, com o nível de nitrogênio deixado no solo. "Não sei se é tão eficiente quanto a ervilhaca, diz, lembrando que um vizinho sempre comenta que o milho oferece excelentes resultados quando plantado depois do tremoço. "Me conta o vizinho, reforça, que o tremoço, quando incorporado, ajuda muito a terra.

A equipe técnica

As lavouras formadas com os novos materiais de trigo, colza, aveia, tremoço e centeio, conforme mostram as tabelas acima, foram assistidas pela seguinte equipe técnica da Cotrijui: Sadi Pereira, Joceli Schiavo, Pedro Pittol, Vanderley Jusviack, Airton de Jesus e

Fernando Rodrigues, de Ijuí; Eloi Pettenon de Ajuricaba; Ademar Rosso de Chiapetta; Osmar Menegon, Décio Casol, Lauro Bernardi, Jorge Nascimento e Wilton Treuhertz de Santo Augusto; Mário Fossatti de Augusto Pestana e Waldemar Trevisol de Jóia.

CONSERVAÇÃO DE SOLO

Um projeto feito por conta

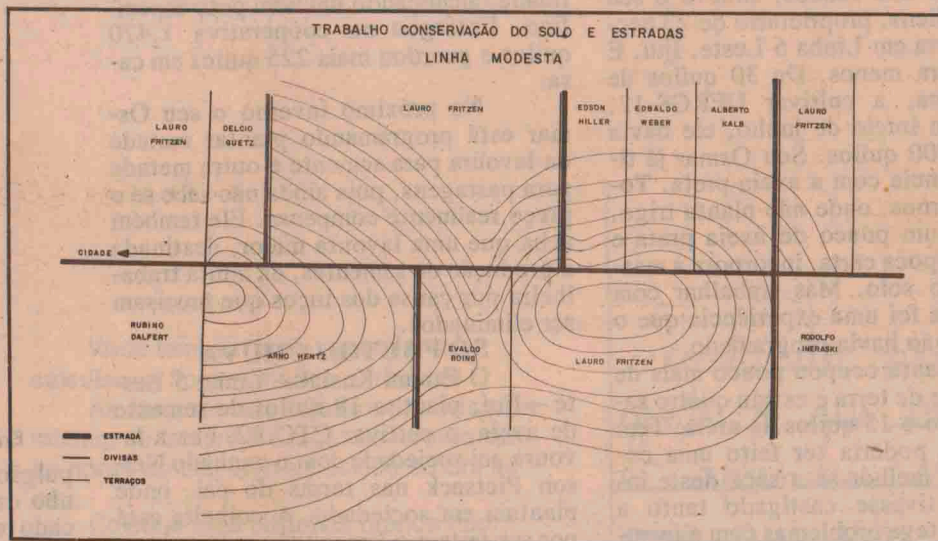
Produtores de Chiapetta terminam a primeira fase de um projeto de microbacia no município. A conta ficou na lavoura, que agora se prepara para receber mais uma etapa conservacionista

Uma iniciativa própria que deu certo. Assim pode ser caracterizado o trabalho de conservação do solo, desenvolvido na Linha Modesta, município de Chiapetta, realizado através de um projeto de microbacia que envolve nove produtores da localidade. Partindo de uma mobilização iniciada há dois anos atrás, o trabalho atinge hoje, uma área de 250 hectares, onde foram demarcados e construídos 64 mil metros de terraços com recursos próprios do produtor.

"Este é o grande saldo positivo do trabalho", diz o responsável pela área de solos na unidade da Cotrijuí, engenheiro agrônomo Ademir Rosso, ao salientar a decisão dos produtores em levar adiante o projeto, mesmo com a falta de apoio de órgãos estaduais e federais ligados à agricultura. Contando com ajuda da Prefeitura Municipal para a reconstrução de três mil e 100 metros de estradas e com a assistência técnica da Cotrijuí, os produtores da Linha Modesta, segundo Rosso, até chegaram à conclusão de que sairia mais caro correr atrás de recursos do que tirar do próprio bolso.

PROJETO PARA O FUTURO

Enfrentando o atraso do maquinário pesado e a indisposição inicial de alguns produtores, o grupo da Linha Modesta foi, aos poucos, delineando um trabalho de solos, que embora não esteja ligado ao Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas



cas pode, no futuro, se caracterizar desta forma. Este é o entendimento da área técnica e dos produtores envolvidos, agora mais ocupados em complementar o trabalho com a correção da acidez do solo, já preparado em rotação de culturas, com adubação verde, além de estender as práticas conservacionistas na localidade, como já se pensa em algumas propriedades.

"No início foi um pouco pesado", afirma Enori Fritzen, um dos primeiros participantes do projeto, explicando que já no primeiro ano se consegue pagar os gastos de aproximada-

mente um saco de soja por hectare, equivalente ao consumo de óleo diesel, para a construção de terraços e fechamento de estradas. Com 120 hectares terraçados na propriedade em que divide com o pai e mais um irmão, Fritzen espera para esta próxima safra o primeiro teste de produtividade, embora a correção completa somente seja feita após a colheita.

O próximo ano ainda traz mais um desafio para os Fritzen, que já andam pensando em estender este trabalho para outra parte de suas terras, no

distrito de Inhacorá. "Depois de terminado aqui começamos lá", diz o produtor que cultiva 30 hectares de terra em plantio direto há um bom tempo, conhecendo por isso as vantagens de tratar adequadamente a terra, que vão desde a facilidade do manejo até as resistências das estigmas. A única dúvida de Fritzen em avançar o trabalho de solos é com relação a disponibilidade das máquinas pesadas, necessárias ao melhoramento das estradas. "Aqui o serviço foi muito devagar", conta o produtor, esperando ao mesmo tempo, que antes do inverno de 89 o trabalho seja mais agilizado.

TUDO POR CONTA

"Todo o trabalho foi feito por nós mesmos", fala seu Evaldo Boing, um outro produtor que não esperou muito tempo para se integrar ao projeto de microbacia na Linha Modesta. Orgulhoso pelos resultados obtidos na propriedade e na vizinhança "que não queima mais a palha", Boing só não fez plantio direto nesta safra, porque "a terra estava um pouco desequilibrada", faltando correção em mais ou menos 90 por cento de uma área de 22 hectares e meio. Assim mesmo, este produtor que gastou cerca de 100 mil cruzados em combustível, os quais espera tirar na próxima safra, diz, com segurança, "que todo o colono deve fazer a sua parte para o trabalho ir para a frente. Mas, para fechar barranco, é preciso que a nova prefeitura toque o trabalho".

COMPROMISSO

A preocupação dos produtores da Linha Modesta, que estão esperando a próxima entressafra para recomençar o serviço de solos, é vista pelo prefeito eleito de Chiapetta, Jânio Scherer, como uma prioridade de investimento, tanto pela sua natureza como pela oportunidade de gerar mais empregos. A idéia do prefeito se baseia na compra de um trator esteira, uma retroescavadeira e um carregador, próprios ao trabalho e orçados num valor de 100 milhões de cruzados. Estes recursos, de acordo com Scherer, devem ser proporcionados pelo Fundec (Fundo Nacional de Desenvolvimento Comunitário) e definidos ainda em fevereiro, para que o programa não sofra problemas de continuidade.

Jânio Scherer

Enori Fritzen, Evaldo Boing e Arno Hentz: três dos produtores que custearam o trabalho de solos e que esperam agora o apoio para dar continuidade ao projeto

POTIRIBU

A erosão medida na água

Identificar a intensidade do processo erosivo e evitar a sua formação através de práticas conservacionistas tem sido, há vários anos, um dos trabalhos mais importantes do departamento agrotécnico da Cotrijuí Pioneira e de outras instituições e entidades ligadas à recuperação e conservação do solo. Agora, a área de solos da Cooperativa está acompanhando um projeto de pesquisa que pretende apontar entre outros itens, a dimensão do processo erosivo existente nas obras hidráulicas, sejam naturais ou construídas, por meio das vazões líquidas que por ela possam transitar e dos volumes de sedimentos que possam reter.

Este estudo está sendo realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na região que abrange as nascentes do rio Potiribu, nos municípios de Ijuí e Pejuçara, onde a distribuição de recursos hídricos se caracteriza por secas e enchentes drásticas, acompanhadas por forte erosão de solos. Por causa destas características, a equipe da Ufrgs com o apoio da Cotrijuí, Unijuí e Prefeituras pensam em realizar um trabalho que amenize o impacto ambiental ocasionado pela má ocupação do solo e diminuam os custos das obras de infra-estrutura, como estradas e bueiros.

Mantendo uma previsão de um ano para o término do trabalho, a equipe de téc-



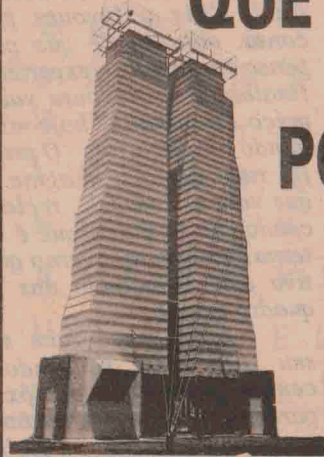
Potiribu, um dos rios mais poluídos do Estado

nicos vai identificar os tipos de solos das várias bacias que fazem parte do rio Potiribu, em fevereiro, para em seguida instalar equipamentos, que permitirão a cada chuva, a observação da velocidade da precipitação, os tipos e o total de sedimentos que passam pelas várias nascentes e pelo canal do rio. No mês de julho, então, todos estes dados passarão a ser determinados cientificamente. A partir deste estudo, afirma o engenheiro agrônomo responsável pela área de solos da Cotrijuí, Ailton de Jesus, "pode se prever o quanto a terra vai embora ocasionando assoreamento do rio, fortalecer as bases de pesquisa para os trabalhos de conservação do solo, além de orientar as prefeituras na construção mais adequada dos bueiros e pontilhões".

Baseado em projeto realizado anteriormente, a pesquisa sobre o rio Potiribu, que hoje é considerado um dos rios mais poluídos do Estado, é decorrente também de trabalhos como o "Uso e Conservação dos Recursos Hídricos do Rio Grande do Sul", apoiado pelo Financiamento de Pesquisa, de 1976 a 1985 e também pelo trabalho do Centro Nacional de Pesquisas chamado "Impactos das atividades humanas sobre os regimes hidrológicos e sedimentológicos no Brasil meridional".

O projeto da Ufrgs está relacionado ainda a outros vários estudos, executados em regiões climáticas diferentes, tendo no Brasil como em outros países, como é o caso do Projeto Orstom/Hiperbav, na Costa do Marfim, na África.

O ÚNICO SECADOR QUE DEIXA O SEU CEREAL NO PONTO CERTO.



Com as calhas cruzadas, sistema exclusivo do SECADOR SEMAG, a qualidade do produto se mantém inalterada e homogeneiza a temperatura em toda massa de cereais. Secagem contínua ou intermitente. Capacidade: de 3 a 40 t/h.

SEMAG
EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS LTDA.

Eixo principal com eixo secundário A Fone: (0512) 88.2299 Telex (051) 1828
DISTRITO INDUSTRIAL DE GRAVATAÍ GRAVATAÍ - RS

A MELHOR TECNOLOGIA EM TODOS SEGMENTOS
Cereais: calharia, forrageira, e de ração
Equipamentos: peneiração, transporte e armazenagem
de cereais, adubos, minérios e outros.

CONSERVAÇÃO DE SOLO

Primeiros passos

Numa promoção do departamento agrotécnico da Cotrijuí, os produtores de Tenente Portela e região começam a reunir-se para discutir os trabalhos de conservação do solo



Observação direta no dia de campo

Aproximadamente 50 associados da Cotrijuí, em Tenente Portela, estiveram reunidos nos dias oito e nove de novembro, participando de palestras a respeito da conservação do solo e um dia de campo na propriedade de Lino Domingos Vincenzi, na localidade de Nossa Senhora da Saúde. Tanto as palestras como o dia de campo foram ministrados pelo técnico agrícola Plínio Pacheco Pinheiro, pós-graduado em Ecologia, pela Universidade de Passo Fundo, professor do Centro Rural de Ensino Supletivo, em Carazinho e instrutor da Massey Ferguson.

DANOS DA EROÇÃO

Com o auxílio de "slides", o professor Pinheiro procurou mostrar e discutir com os produtores de Tenente Portela, as causas da erosão, como as queimadas e os desmatamentos, que são responsáveis pela perda, no Estado, de 280 mil hectares de terra por ano, segundo os levantamentos do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. A este dano, que de acordo com o professor, impede o aumento da produção de grãos no Rio Grande do Sul, somam-se ainda os efeitos que atingem diretamente o meio ambiente, como a grande presença de insetos e a falta de alimentação para os animais silvestres.

Relacionando todos estes efeitos danosos a terra, à ausência de uma mentalidade conservacionista, o professor Pinheiro disse que a conscientização para um melhor trato à terra, depende de um processo de educação por parte do produtor e do interesse da administração municipal, na adoção de práticas que contemplem os recursos e as áreas disponíveis. "Muitos dos problemas sociais, como o êxodo rural, por exemplo, são causados, em parte, pelo não aproveitamento de terra, através de tecnologia viável", afirmou Pinheiro, ao defender não as inovações puramente sofisticadas, "mas as velhas que ainda trazem efeitos positivos, como a construção de terraços com brags".

O grande destaque dado pelo professor, no entanto, em relação as práticas conservacionistas é quanto a aceleração do processo de formação de matéria orgânica, atra-

vés do plantio de culturas diversificadas, apropriadas, e a manutenção da palha sobre o solo, além da descompactação do solo, por meio de escarificadores. Partindo deste trabalho de solo, então, de acordo com o professor, o produtor pode pensar também em técnicas bastante conhecidas mas ainda vistas como novas em algumas regiões, como o plantio direto.

MELHOR APROVEITAMENTO

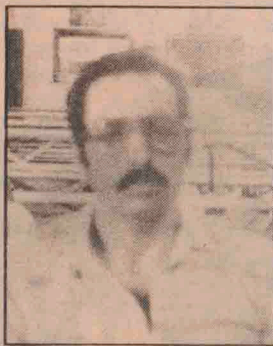
Após todas estas considerações sobre as práticas que melhor impedem o avanço da erosão, Pinheiro fez uma demonstração de como ocorre a infiltração da água em dois tipos de terrenos: com cobertura e sem cobertura de palha. Da exposição pode observar-se que o primeiro terreno obteve maior aproveitamento por volume e distribuição da água, o que comprova a eficiência da manutenção da palha na retenção do líquido na lavoura e assim impede o avanço da erosão.

Já no segundo dia do encontro, os produtores se reuniram na propriedade de Lino Vincenzi, onde observaram o desempenho de tratores

com tração nas quatro rodas, (os chamados quatro por quatro), sobre a camada de solo compactada. Nesta demonstração, o objetivo foi apresentar aos produtores, as vantagens deste veículo, que por efetuar uma patinação menor que os demais sobre a terra, reduz o efeito de compactação causados pela máquina. Além disso, os produtores também assistiram a marcação correta de terraços, através de três sistemas: com tração animal, com dragas e com arado de disco.

NOVOS ENCONTROS

O saldo destes dois dias de discussões e demonstrações a campo, em Tenente Portela, pode ser avaliado pela receptividade dos participantes e a confirmação de novos encontros a partir do próximo ano. Segundo o supervisor da área de solos da Unidade, Jorge Luiz Cardoso, estes encontros deverão acontecer em duas semanas, uma em janeiro e outra em fevereiro, novamente com a presença do professor Pinheiro, para dar sequência ao trabalho de estímulo aos produtores, na adoção de práticas conservacionistas.



Plínio Pinheiro



Avaliação da palha

Avaliar o plantio de milho, através do sistema de plantio direto, em dois tipos de resteva de aveia, levando em consideração os custos das duas práticas e a melhor forma de proteger a semente. Com este objetivo, vários produtores da Linha 7, Ijuí, engenheiros agrônomos e técnicos da Cotrijuí, mais uma equipe da área de extensão da Unijuí, estiveram reunidos no dia 6 de outubro, na propriedade de Olinto Tiecher.

Antes da demonstração do plantio, os participantes do dia de campo promovido pela Cotrijuí e Imasa, discutiram a importância do plantio direto na conservação do solo e no aumento da produtividade das lavouras, partindo das experiências já realizadas no município e da sua utilização em outras regiões. Airton de Jesus, por exemplo, que é responsável pela área de solos da Cotrijuí Pioneira lembrou os primeiros trabalhos desenvolvidos em Santo Ângelo e Ijuí "que acabaram se extinguindo pela falta de adoção de algumas práticas fundamentais ao sistema."

TRATOS FUNDAMENTAIS

De acordo com o agrônomo, o controle da erosão é a primeira exigência do plantio direto ou de qualquer outro sistema conservacionista, principalmente no solo da região, que possui um excesso de gradagem. Além disso, acentua Airton, o sistema exige ainda a verificação do grau de descompactação e a correção da acidez, por meio da análise de solo. Após estes trabalhos, que devem ser realizados juntamente com a rotação de culturas e adubação verde, o produtor pode começar a pensar no plantio direto, optando por espécies que apresentem grande volume de matéria seca, como a aveia, uma gramínea que, picada ou de pé recebe bem a semente

dura de culturas de verão.

Esses dois tipos de semeadura foram observados em parte dos quatro hectares que o seu Olinto Tiecher plantou aveia, deixando uma área da cultura em pé e outra picada. Ali foi semeado milho braskalb 560 sobre os dois tipos de resteva, onde observou-se o espaçamento ideal da semente e a sua adesão ao solo, dependendo da adaptação da máquina plantadeira. No entanto, no lugar em que a palha permaneceu intacta devido ao uso do dessecante, a semente, segundo a avaliação de alguns produtores, fica melhor protegida dos ventos frios ou de qualquer outra adversidade climática.

Já o agrônomo da Cotrijuí prefere acrescentar à observação dos produtores, as diferenças entre uma e outra palha, através dos custos de sua manutenção. Segundo ele, o produtor deve sempre levar em consideração a máquina que usará para picar a palha e o uso do agrotóxico para fazer o dessecamento da resteva.

PESQUISA

Ainda durante o dia de campo, a equipe da Unijuí formada pelas engenheiras agrônomas Celina Ferreira e Sandra Vicenzi apresentou o trabalho sobre milho desenvolvido junto a algumas famílias de produtores de Ijuí, com a proposta de descobrir o porquê da produtividade atual e o interesse do produtor por esta cultura, que se apresenta como uma alternativa em rotação de culturas e com um grande aproveitamento na alimentação animal.



Olinto Tiecher

A LINHA FORTE PARA ACABAR COM TODAS AS INFECÇÕES.

AGROVET	GANATET	TALCIN	GANASEG
O antibiótico completo	Um produto, dois resultados: Piroplasmose e Anaplasmosse	Infecção e Febre tem os minutos contados	O fim rápido da tristeza Piroplasmose

São Paulo SP (011) 522-8111 • Belo Horizonte MG (031) 201-1366 • Curitiba PR (041) 223-8128 • Recife PE (081) 224-1143 • Porto Alegre RS (0512) 42-6700



SQUIBB

VETERINÁRIA

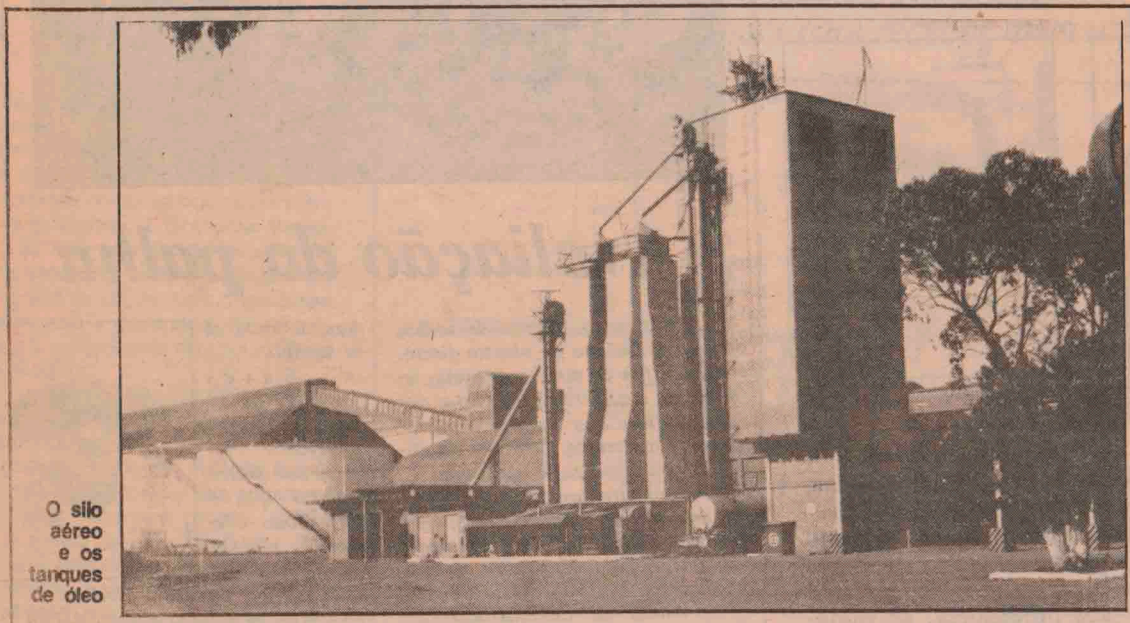
QUALIDADE

SERVIÇO

CONFIANÇA

**TERMINAL
LUIZ
FOGLIATTO**

O desempenho em 16 anos



O silo
aéreo
e os
tanques
de óleo

Em junho último transcorreu o 16º aniversário da entrada em operação, em sua primeira fase, do Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", o porto da Cotrijui, que se localiza na 4ª Seção da Barra, no município de Rio Grande. Construídos em 1972, apenas quatro dos oito armazéns de sua etapa conclusiva, apresentavam infra-estrutura dimensionada para o porte que veio a ostentar dois anos depois, em 1974, quando teve as obras completamente concluídas.

Naquele ano foram carregadas 333 mil toneladas de soja e trigo, sendo o total de 124 mil toneladas, produção de seus associados e as restantes 209 mil, de terceiros. Embora com características de porto privativo, planejado e construído para atender produção própria, já no início de suas operações, conforme se vê, serviu a outros exportadores.

Em fins da década de 60 e início de 70 já se antecipavam perspectivas de crescimento das safras de grãos no Rio Grande do Sul, em especial da soja, cuja produção se aproximava de um milhão de toneladas. A produção de trigo, na época, já oscilava entre 1,2 e 1,5 milhões de toneladas, das quais cerca de um terço (conforme ocorre até hoje) era escoada para outras unidades da federação.

O ponto de estrangulamento então, o que limitava o escoamento, e, por consequência, o próprio crescimento da produção, se localizava no sistema de armazenagem e no escoamento das safras. Como se recorda, não existia, na época, qualquer programa de investimentos públicos que visassem sanar essas deficiências. Em termos portuários, a única estrutura então existente para grãos sólidos era um silo da CESA — Companhia Estadual de Silos e Armazéns, com capacidade de 20 mil toneladas estáticas.

DEFICIÊNCIAS ERAM GERAIS

Nas zonas de produção,

a ausência de estrutura de armazenagem, era a mesma. Foi a época do trigo e da soja guardados nos adros de igrejas, e secado ao sol, ao longo das avenidas e ruas das cidades, nas zonas de produção.

A Cotrijui, fundada no ano de 1957, e dedicada exclusivamente à produção de grãos, encontrou, desde seus primeiros dias, esse quadro limitante ao seu pleno desenvolvimento. A produção de seus associados crescia, ano a ano, em proporções bem superiores à capacidade da cooperativa de absorver e resguardar, com segurança, aquela produção. Para minimizar esse problema, ela construiu muitos armazéns. Mas cada nova unidade armazenadora inaugurada era logo absorvida pela demanda da produção.

No final do ano de 1972, apenas 15 anos após a fundação da cooperativa, ela já havia construído uma infra-estrutura de armazenagem e beneficiamento de grãos de 245,8 mil toneladas na zona de produção, e mais 110 mil toneladas no porto de Rio Grande. Isso totalizava 355,8 mil toneladas de capacidade estática. Mas na mesma época já se trabalhava para duplicar essa capacidade, ampliando para 220 mil toneladas no porto rio-grandino e erguendo novos armazéns na área de ação da cooperativa, na região noroeste do estado.

Em janeiro de 1975, a Cotrijui construiu armazéns com capacidade para 98 mil toneladas na unidade da sede, em Ijuí, 77 mil no município de Santo Augusto, 20 mil em Chiapetta, 20 mil em Coronel Bicaco, 10,8 mil em Tenente Portela, 20 mil no então distrito de Jóia e 220 mil em Rio Grande. Estavam em construção armazéns em Augusto Pestana, 30 mil toneladas e Ajuricaba, 30 mil toneladas.

Dois anos depois, em janeiro de 1977, a contagem da capacidade de armazenagem da cooperativa mostrava a seguinte estrutura: Ijuí (unidade sede)... 164.000 t Santo Augusto..... 77.000 t

Chiapetta.....	60.000 t
Jóia.....	60.000 t
Tenente Portela.....	60.800 t
Augusto Pestana.....	30.000 t
Ajuricaba.....	30.000 t
Coronel Bicaco.....	20.000 t
Rio Grande —	
Terminal.....	220.000 t
Total.....	721.800 t

Com as novas construções feitas posteriormente na própria região pioneira e com a expansão da cooperativa para a campanha gaúcha e para o estado do Mato Grosso do Sul, naturalmente cresceu muito mais a infra-estrutura própria da Cotrijui. Hoje, sua capacidade de armazenagem estática é a seguinte:

Região Pioneira.....	584.800 t
MS.....	476.150 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Rio Grande.....	220.000 t
Total.....	1.371.950 t

23 MILHÕES DE TONELADAS

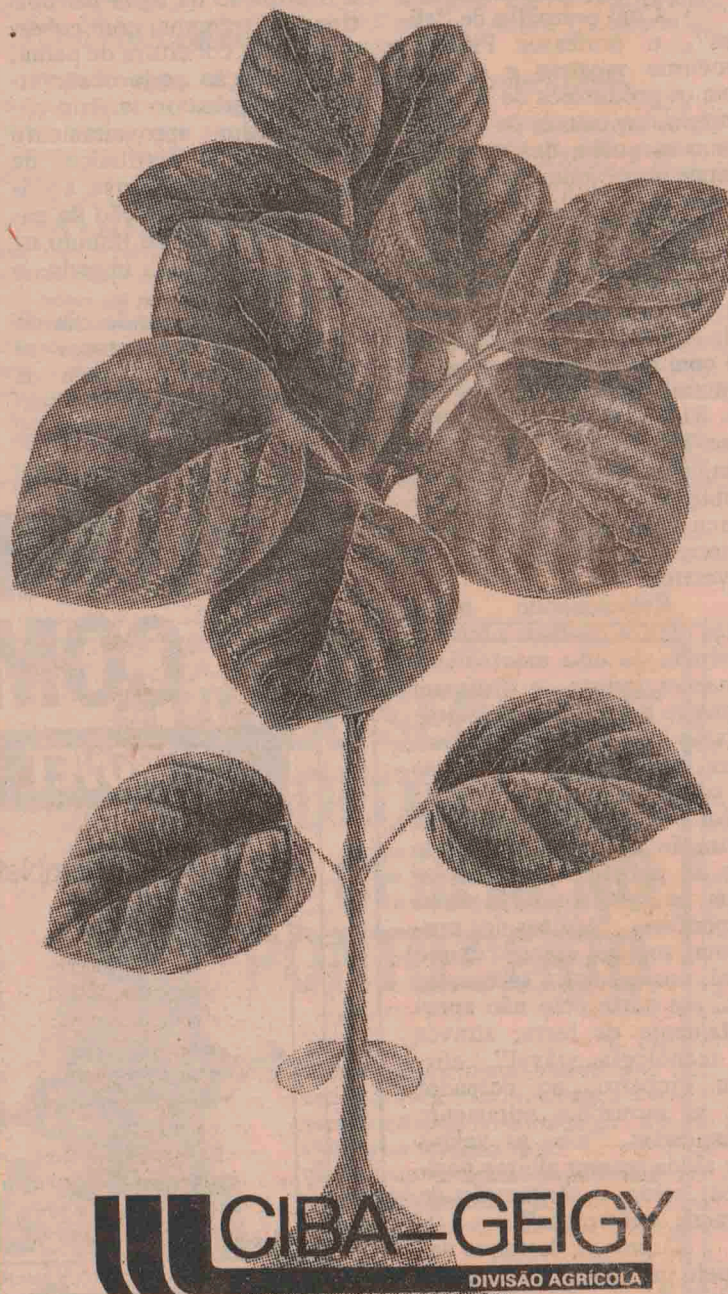
Mas a grande obra, ou pelo menos, a mais expressiva em termos de investimento e de necessidade abrangente para todo o estado, foi o Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", localizado na 4ª Seção da Barra, em Rio Grande.

Nos seus 17 anos (incompletos) de atividades, acaba de somar exatamente 23 milhões e 30 mil toneladas de produtos embarcados. Numa contagem cronológica — ano a ano — a partir de junho de 1972, quando entrou em operação sua primeira fase, os volumes físicos exportados somaram as seguintes toneladas:

1972.....	333.000 t
1973.....	776.000 t
1974.....	1.578.000 t
1975.....	1.889.000 t
1976.....	2.012.000 t
1977.....	1.622.000 t
1978.....	1.685.000 t
1979.....	1.507.000 t
1980.....	1.663.000 t
1981.....	1.790.000 t
1982.....	1.118.000 t
1983.....	1.603.000 t
1984.....	1.369.000 t
1985.....	1.289.000 t
1986.....	738.000 t
1987.....	1.356.000 t
1988 (até 16/11).....	702.000 t
Total.....	23.030.000 t

Em 16 anos de atividades, o Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, somou o embarque de 23 milhões e 30 mil toneladas de produtos. Só em 1976, ele embarcou mais de duas mil toneladas. Neste ano, já passaram pelo terminal, 702 toneladas de produtos.

DUAL[®] A BOA COMPANHIA DA SOJA.



* Marca Registrada da Ciba-Geigy S.A. - Suíça
Produção e distribuição sob licença da Ciba-Geigy S.A. - Suíça
COTRIJUI - 91.200-0001

Férias na praia

Merecidas férias é um direito de todo trabalhador, seja ele urbano ou rural. Afinal, qual o trabalhador, depois de um ano inteiro de correrias, tentando driblar a inflação, de preocupações com a lavoura, com o preço do trigo que andou ruim ou com a falta de chuvas na planta, não precisa parar um pouco, mudar de ares e readquirir novas forças para levar adiante mais um ano de lida? Para quem não pensa em viajar para muito

longe de casa, mas deseja pegar um solzinho neste verão, a opção fica por conta das nossas praias do sul e, entre estas, a Praia do Cassino, de Rio Grande. Quem vai ao Cassino pode ficar hospedado na Colônia de Férias da Cotrijui, para a qual as inscrições já se encontram abertas desde o início do mês de novembro.

Quem está programando suas férias na Praia do Cassino e tem intenções de ficar hospedado na Colônia de Fé-

rias, um aviso do pessoal da área de Recursos Humanos da Cotrijui, tanto na Pioneira como de Dom Pedrito: é preciso andar ligeiro. A procura está sendo grande e as vagas sendo preenchidas rapidamente.

A única novidade deste veraneio via Colônia de Férias da Cotrijui, está relacionada com o pagamento da estadia que, até o ano passado vinha sendo cobrada em Cruzados. Para esta temporada que inicia em janeiro, a estadia passa a ser cobrada em OTNs fixas até o final do veraneio. De resto tudo continua do mesmo jeito. As modalidades de veraneio continuam sendo duas, podendo o associado optar por uma temporada de seis dias, sendo cinco pernites e cinco dias de refeição. O associado que optar por essa modalidade de veraneio e viajar de ônibus contratado pela Cotrijui, pagará fixo em dezembro, janeiro, fevereiro e março o equivalente a 9 OTNs. O reajuste será de acordo com a variação mensal da OTN. Se o associado preferir viajar de carro, vai pagar 6,5 OTNs. Crianças — de 2 a 5 anos — que viajarem sentadas, pagarão também 6,5 OTNs. Se viajarem no colo da mãe ou do pai, pagarão apenas

4 OTNs. Se viajarem de carro, também pagarão 4 OTNs.

Pela segunda modalidade oferecida pela Cotrijui, os associados podem veraneiar por 12 dias, pagando pela estadia na Colônia de Férias o equivalente a 18 OTNs, isso se viajar de ônibus. As crianças que ocuparem uma poltrona, pagarão 13 OTNs e as que viajarem faixa de idade entre 2 a 5 anos — no colo dos pais, 8 OTNs. O associado que preferir viajar de carro próprio, pagará 13 OTNs e as crianças — de 2 a 5 anos — 8 OTNs. Esse valor em OTNs também é fixo para toda a temporada. No ato da inscrição será cobrado, para qualquer uma das modalidades, 3 OTNs como reserva. O restante do pagamento deverá ser feito 15 dias antes da saída da excursão.

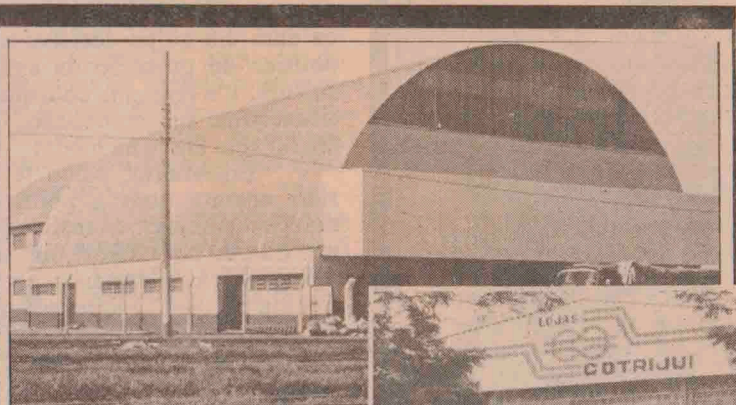
TERCEIROS

Os não associados da Cotrijui que desejarem veraneiar na Colônia de Férias, também podem fazê-lo, mas vão pagar um pouquinho mais caro pela estadia. Quem optar por um veraneio de seis dias e viajar no ônibus contratado pela cooperativa, vai pagar pela temporada, 11 OTNs. Se

preferir viajar de carro, paga apenas o equivalente a 8 OTNs. Crianças menores de cinco anos, que viajarem sentadas, no caso do ônibus, pagarão 7,50 OTNs. Se viajarem de carro pagarão 5 OTNs.

Aqueles não associados que desejarem veraneiar por um período de 12 dias, preferindo se deslocar de ônibus, pagarão 22 OTNs. Se a viagem acontecer em carro próprio, pagarão apenas 16 OTNs. Crianças de 2 a 5 anos, que viajarem de ônibus, pagarão 15 OTNs. Se viajarem de carro, pagarão 10 OTNs.

O pessoal que já está acostumado a veraneiar na Colônia de Férias da Cotrijui conhece muito bem as normas e recomendações da coordenação. Em todo caso, sempre é bom lembrar que os excursionistas devem levar roupa de cama — lençóis, fronhas, travesseiros e cobertores — e material de higiene pessoal. A coordenação não permite a realização de refeições paralelas às fornecidas pela Colônia e tampouco aconselha o uso de trajes de banho no refeitório, salão ou bar. No dia da chegada e saída da excursão da Colônia de Férias, não será servido café da manhã.



A loja de Dourados e...

Duas novas lojas no MS

Quem frequentava a antiga loja de peças e ferramentas localizada junto ao supermercado da Cotrijui no centro de Maracaju sabe que estava na hora da loja ser ampliada, pois o espaço era tão pequeno que muitas vezes nem os clientes cabiam na frente do balcão. Agora esta situação melhorou em 100 por cento porque a cooperativa inaugurou em setembro um dos seus mais novos pontos de serviço, ao lado do escritório da Unidade daquele município.

A loja, que tem oito funcionários, está localizada numa área de 600 metros quadrados e possui sistema de auto-serviço, semelhante aos supermercados, onde o cliente mesmo faz suas compras. Entre os artigos disponíveis estão medicamentos veterinários, defensivos, pneus e peças para máquinas. O produto mais vendido tem sido a linha de rações Seriem para aves, bovinos e suínos, diz o gerente da unidade Antônio Volpe, e confirma o sucesso da iniciativa, que teve no mês passado um faturamento de 27 milhões de cruzados.

A mudança foi plenamente aprovada pelo quadro social, que há tempos reivindicava esta melhoria, continua Volpe, lembrando que além dos associados de Maracaju, também os agricultores de outros municípios poderão ser beneficiados, pois a intenção é fazer da loja um dos centros de apoio capaz de suprir parte

da região de atuação da Cotrijui com peças e produtos que não se encontram em outras lojas.

Esta também é a finalidade da nova loja de peças e insumos de Dourados. Inaugurada na segunda quinzena de novembro, ela está localizada na entrada da cidade (no sentido Campo Grande-Dourados) e ocupa uma área de 600 metros quadrados onde o agricultor encontra todos os produtos que necessita para o dia-a-dia da sua propriedade.

O prédio pertencia a cooperativa desde 1984, mas esteve sendo usado apenas para armazenar produtos ensacados. Devido ao constante aumento de vendas e pela falta de espaço na antiga loja que funcionava junto ao supermercado, a cooperativa resolveu submeter o prédio a uma grande reforma e proporcionar ao seu quadro social e ao público em geral, todo o conforto para suas compras. Estamos certos do sucesso do novo empreendimento, garante Isidoro Bram, gerente da unidade de Dourados, e temos uma estimativa de faturamento de 1,5 milhão de cruzados por dia quando a loja estiver funcionando a pleno vapor.

Junto ao lojão também vai funcionar a central de abastecimento, onde, num espaço de 400 metros quadrados serão estocados alguns produtos que suprirão a demanda da rede de supermercados que a Cotrijui tem no Mato Grosso do Sul.

...a de Maracaju

PARA COMBATER AS PRAGAS DA SOJA COM ECONOMIA E EFICIÊNCIA, USE AZODRIN. SEMPRE DÁ CERTO.

Azodrin está registrado para o controle das principais pragas da soja, trigo, algodão e feijão.

Azodrin é a melhor opção do mercado para combater as lagartas e percevejos da soja.

Compare e veja a diferença. É muito mais eficiente e tem o menor custo por área tratada.

Na cultura de soja, use Azodrin.

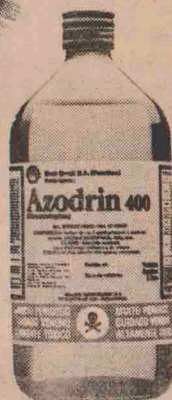
Sempre dá certo.



PARA UMA APLICAÇÃO CORRETA, LEIA E SIGA SEMPRE AS INFORMAÇÕES DO RÓTULO. EM CASO DE DÚVIDA, CONSULTE O SEU AGRÔNOMO.



PLANTANDO CONFIANÇA



Azodrin
SEMPRE DÁ CERTO.

Bush e a política agrícola mundial

A política agrícola norte-americana aplica uma série de mecanismos protecionistas desde a grande crise financeira de 1929. Tal protecionismo favoreceu a explosão da produção agrícola interna que fez dos Estados Unidos o maior exportador mundial de alimentos: nesta segunda metade do século XX.

Atualmente este protecionismo é questionado pelo seu alto custo, praticamente proibitivo (o custo total da política agrícola dos EUA que foi de US\$ 37,1 bilhões no período 1979-1981, passou a US\$ 66,2 bilhões no período 1984-1986) mas possivelmente em razão igualmente do enfraquecimento do "lobby" agrícola.

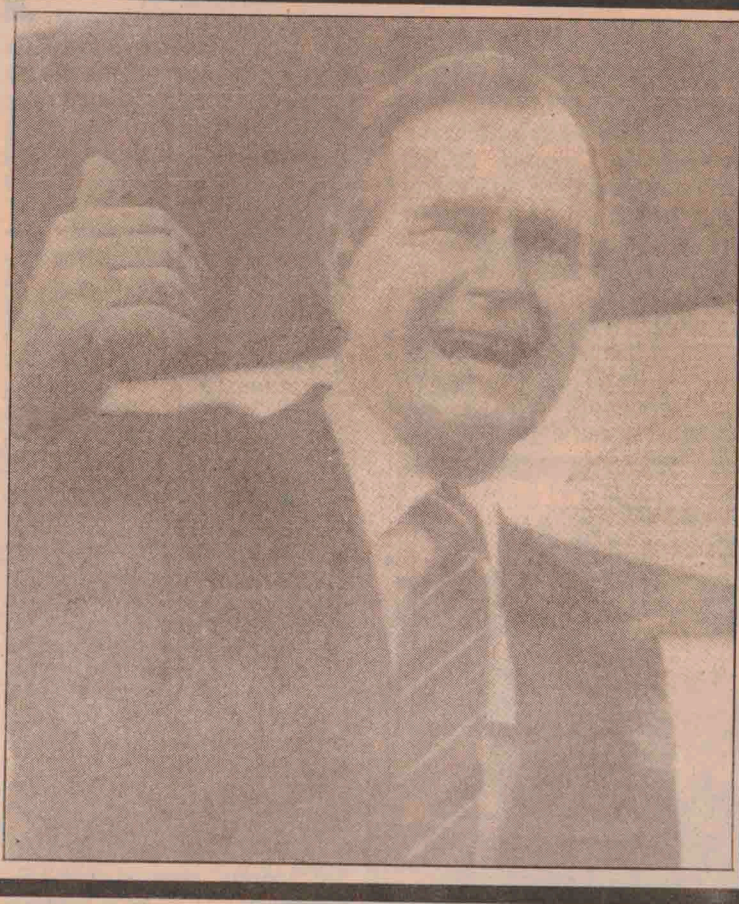
Na verdade, nos EUA a agricultura enfrenta a maior crise de sua história desde a grande depressão dos anos 30. Faz quinze anos que seus agricultores vêm se endividando com base no preço elevado das terras. Ora, após ter aumentado de 45 por cento entre 1977 e 1981, o valor da terra baixou de 20 por cento, levando em sua queda os agricultores mais endividados, principalmente aqueles situados nos grandes estados produtores do Cinturão do Milho e do Trigo. Assim, os leilões das propriedades se sucedem ao Meio-Oeste norte-americano. Mais de 100.000 agricultores devem ainda desaparecer da atividade rural sobre os 2,2 milhões existentes nos EUA. Como se chegou a tal situação?

Parece que tal situação é o resultado de uma longa evolução das políticas agrícolas norte-americanas aplicadas depois dos anos 30. Tais políticas foram influenciadas sobretudo pela conjuntura e pelas pressões de grupos sociais do que pela aplicação de doutrinas econômicas (liberais ou protecionistas).

Assim, durante o período que precedeu a primeira guerra mundial e durante esta guerra (1900-1918), o crescimento da população e a demanda estrangeira em produtos agrícolas absorvem na sua totalidade o aumento da produção agrícola. A situação se reverte totalmente após a guerra.

Há perda do mercado europeu, há diminuição da taxa de crescimento do mercado interior devido ao fim de um forte período de imigração, assim que a política de restrição da emissão de moeda faz diminuir os preços das mercadorias e dos produtos alimentares. A depressão que se segue no meio rural leva os agricultores, aliados aos negociantes rurais, a fazerem pressão para a adoção de uma legislação favorável a exportação dos excedentes que depressim o mercado interno. Após diversas tentativas durante os anos 20, tais pressões

Quais são as implicações do resultado da eleição presidencial norte-americana sobre a política agrícola mundial? O resultado da eleição presidencial dos Estados Unidos, acontecida no início de novembro, merece uma atenção especial. Ela define fatalmente a posição daquele país no cenário agrícola mundial para os próximos 4 anos.



dão seus primeiros frutos. Em 1932 os republicanos são batidos nas eleições presidenciais.

A administração Roosevelt assume então o poder e adota uma política situada entre o liberalismo e o protecionismo ao apresentar em 1933 o "Agricultural Adjustment Act". Segundo esta legislação o USDA (Ministério da Agricultura dos EUA) pode apoiar os preços de mercado dos produtos agrícolas, restringir as importações quando elas fazem baixar os preços internos e subvencionar as exportações. Apesar de diversas modificações, esta legislação permanece como o fundamento das legislações atuais em matéria de ajustamento e apoio dos preços agrícolas.

De 1933 a 1953 as legislações agrícolas são um sucesso: os preços à produção são satisfatórios, os do consumo ficam estáveis e pouco elevados, e não são registrados mais excedentes custosos. Assim, a dívida dos agricultores diminui fortemente e o número de agricultores cresce ligeiramente.

Entretanto, se por um lado tal política permitiu a preservação da agricultura familiar norte-americana, por outro lado ela encontrou opositores. Para os grandes bancos e empresas, uma melhor renda agrícola é de fato sinônimo de menos empréstimos por parte dos agricultores. Ao mesmo tempo, uma baixa das áreas plantadas significa diminuição nas vendas de adubo e produtos químicos para as lavouras.

Assim, um pouco antes do fim da segunda guerra mundial (1939-1945), as grandes empresas, junto com os economistas e as universidades, entram em guerra contra

o protecionismo. Estes oponentes evocam a teoria da livre-troca e qualificam a legislação então em vigor de "plani-ficação socialista" e de doutrina contrária ao modo de vida norte-americano de liberda-

de econômica.

É depois desta época que os republicanos (partido de George Bush) e os democratas (partido de Michel Dukakis) se opõem abertamente no que tange a política agrícola.

la. Os republicanos apoiam fortemente a teoria liberal (da livre-troca) enquanto os democratas são protecionistas. Estes últimos desejam preços mais elevados para os produtos agrícolas acompanhados de medidas de estocagem e de contingenciamento.

APESAR DAS DIFERENÇAS, UMA EXPANSÃO CONTROLADA COM BASE EM TRÊS GRANDES LINHAS

Assim, a eleição do presidente republicano Eisenhower em 1954 à Casa Branca dará um golpe decisivo na política de proteção da agricultura. Ela coincide com uma situação de superprodução. O liberalismo entra na moda!

Entretanto, como tem sido comum com a política norte-americana, a realidade mostra que na verdade tem-se uma política de expansão controlada na qual o poder público contribui fortemente. Ela compreende três grandes linhas:

1) O controle das áreas plantadas: em 1956, o "Agricultural Act" cria o Soil Bank. Este banco financia a colocação de 11 milhões de hectares em repouso (sem plantar) voluntariamente graças a contratos de cinco a dez anos passados entre o Estado e os agricultores. Esta medida

Quem usa CLASSIC® não se assusta com ervas de folhas largas



Tem muito agricultor que vive levando o maior susto quando vê ervas de difícil controle na soja.

Desmodium, Carrapicho rasteiro e de carneiro, Mentrasto, Cheirosa, Corda-de-Viola, Picão Preto e outras ervas, vivem ameaçando a sua plantação.

Isso só acontece para quem não usa CLASSIC® da Du Pont. O herbicida pós-emergente sistêmico que controla ervas de folhas largas até onde outros falham.

Espante as ervas da sua plantação. Use CLASSIC®.

CLASSIC®

Maior controle na menor dose.

CLASSIC®

DU PONT
MARCA REGISTRADA



Expansão controlada

não impede entretanto a acumulação de estoques que se elevam a 38 milhões de toneladas de trigo em 1960 e de 5 milhões de toneladas de milho em 1961. Após a eleição de Kennedy (democrata) em 1960, um sistema de quotas é colocado em prática, os chamados "marketing quotas", o qual é ligado à terra, porém, se mostra de difícil controle. Assim, durante todo este período, importantes quantidades de excedentes ficam disponíveis.

2) A alimentação animal como safra: a segunda grande linha desta política diz respeito ao aumento do consumo de cereais e de farelos de soja pelos animais. Experimentada antes da guerra, esta prática passa então a ser generalizada.

3) O crescimento das exportações: desde 1945 o aumento das exportações é favorecido pela lei PL 480 sobre a ajuda alimentar, a qual permite escoar a baixos preços importantes quantidades de cereais, óleo de soja e outros produtos a países do Terceiro Mundo mas igualmente em direção da Espanha, da Grécia, de Israel, etc. A partir de 1960, aproveitando esta lei, a American Soybean Association (ASA) e o US Grain Council abrem, numa vintena de países, em particular asiáticos, escritórios encarregados de desenvolver as mais modernas técnicas da alimentação animal. Na verdade, o objetivo é o repasse do modelo "milho-soja" na alimentação animal para o resto do mundo. Com isto, rapidamente as exportações norte-americanas de milho e de soja aumentam.

Em 1964 o Congresso norte-americano adota o Cotton Wheat Act que constitui uma etapa essencial da política agrícola norte-americana. A política de apoio aos preços agrícolas é então substituída por uma política de ajuda à renda dos agricultores. As subvenções beneficiam sobretudo as empresas que monopolizam as exportações de cereais. O sistema se demonstra muito eficaz no que tange a redução do peso que representa o financiamento dos estoques oficiais, o qual é substituído por ajudas diretas aos agricultores. Esta legislação será reconduzida sem grandes modificações em 1965, 1968 e 1970.

O terceiro grande período desta movimentada história das exportações agrícolas norte-americanas corresponde ao retorno dos republicanos à Casa Branca em 1973, com Richard Nixon. Mas o contexto havia se modificado: a URSS aparece no mercado mundial como um grande importador de cereais e contribui a um aumento geral das cotações das matérias-primas mundiais. Os estoques desaparecem rapidamente. As condições são então reunidas para se fazer um passo a mais em

direção da livre-troca como gostam os republicanos. Um novo método de cálculo das ajudas diretas é apresentado pela comissão agrícola do Senado. Acompanha esta medida um sistema de colocação em reserva de uma certa quantidade de terras assim que os preços dos produtos agrícolas atinjam um nível muito baixo.

Com o retorno dos democratas, através de Carter à Casa Branca, é acrescentado nesta lei um programa de estocagem na propriedade rural de três a cinco anos, controlado pela administração federal. As condições de circulação dos estoques são sujeitas a partir de então aos preços do mercado.

A ATUAL ERA REPUBLICANA: DISCURSO LIBERALISTA MAS UMA PRÁTICA PROTECIONISTA

A chegada de Ronald Reagan (republicano) ao poder em 1981 vem acompanhada de uma proposição para uma nova legislação ainda mais liberal. Ela é representada pelo Farm Bill de 1981. Mas a crise mundial, a redução da demanda alimentar internacional, o peso da dívida dos países do Terceiro Mundo e a concorrência da Comunidade Econômica Europeia (CEE) provocam uma diminuição na parte de mercado mundial controlada pelos EUA. Além disso, a alta do dólar, o crescimento do protecionismo japonês, as colheitas recordes de 1981 e 1982 aumentam o custo da política agrícola.

Assim, após ter tentado controlar a oferta graças a um programa de "gelar as terras" (Payment in Kind), isto é, pagar para não plantar, a administração Reagan aposta no fim do protecionismo do setor agrícola. O novo Farm Bill, assinado em dezembro de 1985 e aplicado entre 1986 e 1990, prevê então uma diminuição da margem de garantia dos preços e a transferência de créditos subvencionados à exportação para reconquistar os mercados. Assim, surge o programa BICEP (Bonus Incentive Export Program) dotado de 3 bilhões de dólares e mais tarde rebatizado de EEP (Export Enhancement Program) com um papel mais preciso: subvencionar diretamente as exportações.

Assim, em 1987 mais de dois terços das exportações norte-americanas de cereais são então subvencionadas. No que tange aos óleos vegetais, mais da metade das exportações norte-americanas se beneficiam, em 1986, de créditos subvencionados a título de ajuda alimentar, contra 20 por cento em 1980 e 10 por cento em 1976. Segundo certas estimativas, somente em 1987 o custo da ajuda à agricultura alcançou US\$ 40 bilhões, isto é, dez vezes mais que em 1981. Isto significa que ele ul-

trapassou em muito o valor das exportações agrícolas.

Neste quadro, uma conclusão é evidente. O papel considerável jogado pelo processo político nas decisões de intervenção do governo na agricultura é certamente um dos traços marcantes da política agrícola dos Estados Unidos, mas igualmente da maioria dos países no mundo. Daí, tiramos uma conclusão de extrema importância: a comercialização de produtos agrícolas não começa na lavoura, nos silos, nas cooperativas, nas corretoras, ou nas Bolsas de mercadorias. Ela começa (e mesmo termina) nas políticas agrícolas determinadas pelos diferentes governos dos países atuantes, seja como vendedores ou como compradores, no mercado mundial.

Neste contexto, os resultados da eleição do dia 8 de novembro, pela qual os norte-americanos elegeram o candidato George Bush, reconduzido assim pelo terceiro período consecutivo um republicano à



Somente em 1987, o custo de ajuda à agricultura foi de 40 bilhões de dólares

testa do país, são de extrema importância.

Eles demonstram que teoricamente os Estados Unidos terão, pelos próximos 4 anos, um presidente adepto do livre-comércio. Entretanto, como a experiência Reagan já demonstrou, ele não exitará em adotar políticas protecionistas no momento em que a agricultura norte-americana estiver ameaçada. Aliás, as pressões do Senado e do Congresso deverão forçá-lo a tomar esta direção. Afinal, no mesmo momento em que elegiam um republicano para presidente, os norte-americanos renovaram pelo voto os membros do Senado e do Congresso. Nestes dois últimos casos, a maioria democrata foi não só

sacramentada como aumentada.

Desta composição, o mais lógico que parece se desenhava no horizonte próximo é a continuidade de uma guerra comercial, altamente subsidiada, no setor agrícola mundial. Através da mesma, os EUA tentarão ocupar as melhores posições enquanto pressiona em favor de um liberalismo deste comércio junto ao GATT, através das negociações da "Rodada Uruguai".

Este artigo está baseado no artigo escrito por Joel Thomas em dossiê sobre as eleições norte-americanas publicado na "La Lettre de Solagral" do mês de outubro de 1988, em Paris, páginas 13 a 16.

Semente tratada com TECTO 100, todo mundo sabe o que vai ser quando crescer.



Uma planta sadia e produtiva.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtém-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



AC 16/87

TECTO¹⁰⁰
A PROTEÇÃO NECESSÁRIA

*Marca Registrada



(B) A-TI-A-16/87

Viagem aos Estados Unidos

A viagem, cujo roteiro se concentrou nos estados de Minnesota e Illinois, incluiu também contatos com professores das universidades locais e visita a Farm Progress Show, a mais importante feira agrícola do país e uma das maiores do mundo.

Muitas coisas chamaram nossa atenção, relata o superintendente da Regional MS, mas o que nos impressionou mesmo, foi ver a topografia e a qualidade natural do solo, que é sem dúvida, um dos melhores do mundo, e o avançado nível de mecanização das lavouras. A utilização de máquinas que substituem o trabalho braçal é quase uma imposição na agricultura norte-americana, porque lá praticamente nenhum agricultor possui empregados em função do alto custo da mão-de-obra. Isso ficou comprovado através das conversas mantidas com os produtores, e todos sem exceção, afirmaram que um empregado apenas, representa de 30 a 40 por cento do seu lucro líquido ao final do ano. Assim eles se vêem na obrigação de contarem com a ajuda da família para cuidar de toda propriedade. Há de se considerar que o tamanho médio da propriedade — entre 100 e 400 hectares — não é muito grande e que os produtores têm uma só safra por ano em função do clima que lhes proporciona vários meses de neve.

Lotário Beckert resalta ainda que o agricultor norte-americano enfrenta basicamente o mesmo problema que o brasileiro no que se refere ao alto custo de produção, com a vantagem que lá o planejamento pode ser feito a longo prazo, pois o índice da inflação de quatro por cento ao ano é irrisório perto do nosso, e permite um controle mais adequado dos custos agrícolas.

No total da produção americana ele estima uma quebra de 25 por cento para a soja e em torno de 40 por cento para o milho.

A UNIVERSIDADE FAZ A PESQUISA E A EXTENSÃO

Foi uma das piores secas dos últimos anos, disse o professor Leland Hardman da Universidade de Minnesota, mas o problema maior é a sua continuidade, que certamente influirá na produção do próximo ano. Hardman, que é agrônomo e extensionista, afirmou que Minnesota foi o estado mais atingido pela seca. E ele fala de cadeia, porque está sempre no campo, seja fazendo pesquisa, seja prestando serviço de extensão rural aos agricultores. Mas isto não é uma exceção e sim a regra, porque a universidade americana é a responsável não só pelo ensino, mas também pela pesquisa e pelo trabalho de transmitir todas as informações ao produtor rural.

O agrônomo Robert

Bellm, do Colégio de Agricultura da Universidade de Illinois — o maior estado produtor dos EUA — lembrou que além da seca, causada segundo ele pela corrente El Niño, outro fenômeno causou iguais prejuízos. Trata-se do aparecimento de um inseto que suga a planta, mas a pesquisa ainda não havia chegado a uma conclusão final sobre o problema.

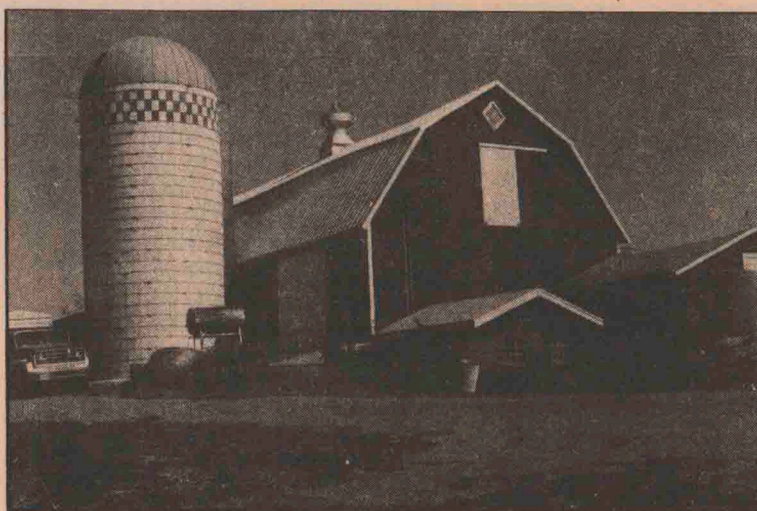
Ele calculou uma redução de 50 por cento para a soja e o milho no seu estado, e afirmou que o governo federal já havia liberado algumas áreas que fazem parte do Programa de Conservação do Solo, para o plantio no próximo ano. Bellm, entretanto, não acredita na incorporação destas novas áreas — destinadas ao plantio de forrageiras para combater a erosão do solo — porque para o agricultor é mais interessante economicamente mantê-las dentro do programa, uma vez que o governo praticamente paga ao produtor para que ele não plante.

O grupo teve oportunidade também de conversar com outros professores da Universidade de Illinois, estes voltados exclusivamente ao trabalho de pesquisa na genética de grãos, e cujo objetivo primordial, segundo Randall Nelson, é aumentar a produtividade das principais culturas como o milho, a soja, o trigo, a aveia e a alfafa.

Efetivamente o trabalho realizado pela universidade tem dado resultados positivos e Nelson afirmou que o aumento real de produtividade da soja se deve em parte a pesquisa de novas variedades, e metade devido às normas de plantio recomendadas.

O professor Scott salientou que no sul do estado, onde está localizada a universidade, todos os fazendeiros usam o sistema de rotatividade para as culturas de soja e milho. Ele revelou também, apesar de não conhecer o projeto em detalhes, que o governo vai estabelecer um plano de ajuda aos fazendeiros para amenizar os problemas decorrentes da seca.

E é esta ajuda que muitos agricultores estão esperando para evitarem situações de insolvência financeira. É o caso de Roger Bothe que tem sua propriedade no interior de Minnesota. Ele cultiva seus 43 hectares e mais 120 arrendados, e disse que em 87 obteve a melhor safra da sua vida, colhendo 56 sacas de soja por hectare, mas este ano estimou sua produção em apenas 11 sacas por hectare. No milho a quebra também foi grande e a produtividade deve ser em torno de cinco a seis sacas por hectare. O que salvou Robert Bothe de uma situação pior foi o estoque guardado desde 87, quando armazenou 136 toneladas de soja e 49 de milho. Esta pro-



Uma das muitas fazendas visitadas pelos brasileiros

dução foi comercializada agora na carona dos preços altos estabelecidos em Chicago, e o agricultor já decidiu estocar sua safra deste ano para vendê-la somente em maio ou junho de 1989. É que por esta época ele terá dados precisos sobre a produção brasileira e saberá então quais as perspectivas para os preços da soja e do milho.

APESAR DA SECA, ALGUNS TIVERAM LUCRO

Depoimento surpreendente foi dado pelo fazendeiro Wallace Nelson, também de Minnesota, cuja propriedade tem 243 hectares. Ele teve uma redução de 40 por cento na produção de soja e o milho,

que ainda estava por colher, apresentava uma estimativa de quebra em cerca de dois terços. Mesmo assim o agricultor afirmou que já havia ganho mais dinheiro do que na safra passada, porque a quantidade de soja que ele tinha em estoque era bastante grande.

A maior preocupação da Wallace Nelson é em manter o custo de produção da sua lavoura o mais baixo possível, sem usar muita tecnologia e manter em dia o seu equipamento porque novos investimentos deste tipo custam muito dinheiro atualmente. Ele cuida praticamente sozinho da propriedade porque a esposa trabalha fora, o casal não tem

Durante 15 dias, um grupo de associados da Cotrijuí do Mato Grosso do Sul, acompanhado pelo superintendente Lotário Beckert e pelo vice-presidente da Regional de Dom Pedrito, Oscar Vicente e Silva percorreu parte da região produtora do meio-oeste americano e avaliou de perto os efeitos da seca, os avanços tecnológicos e o "modus vivendi" dos agricultores dos Estados Unidos.

filhos e os pais de Nelson são aposentados, ajudando somente em alguns serviços mais leves.

Mesmo não tendo a mesma produção que em 87, o produtor disse que irá estocar o que puder, vendendo apenas o necessário para saldar suas dívidas. Ele não acredita, entretanto, que a cotação da soja no ano que vem volte a bater recordes de preços como há pouco tempo, e apresenta como argumento o controle que o governo exercerá, pois a constante alta no preço influenciaria no custo de vida e geraria por sua vez um aumen-

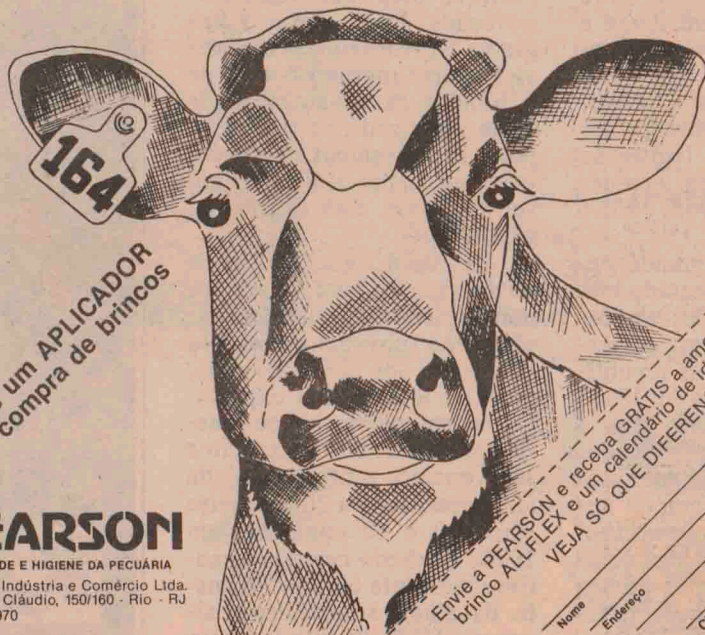
Allflex

O Sistema n.º 1 do mundo na Identificação de rebanhos

Brincos Allflex

Os ÚNICOS que não quebram e não soltam

Exija a marca Allflex no seu fornecedor



PEARSON

NA SAÚDE E HIGIENE DA PECUÁRIA
Pearson Indústria e Comércio Ltda.
R. Viúva Cláudio, 150/160 - Rio - RJ
CEP 20.970

Envie a PEARSON e receba GRATIS a amostra de um brinco ALLFLEX e um calendário de identificação. VEJA SÓ QUE DIFERENÇA

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____
CEP _____

Pouco prejuízo

to da inflação (em torno de 4 por cento ao ano!) no país.

Situação parecida com a do agricultor Nelson, viveu Harb Green, de Illinois. Ele admite que também não teve prejuízos, apesar da seca, porque tinha safras anteriores estocadas. A sua propriedade possui 405 hectares e Green planta 243 hectares de milho e o restante de soja. Além disto também produz sementes para

a Pioneer. A produtividade média da sua lavoura em tempos normais alcança os 4.000 quilos por hectare com a soja e 6.000 quilos por hectare com o milho.

Harb Green, como a maioria dos agricultores, não tem empregados e conta com a ajuda da esposa, da filha, do genro e de um sobrinho para cuidar da fazenda. Ao falar na sua propriedade ele teve duas

reações, a primeira de orgulho ao afirmar que a propriedade pertencia à família há quatro gerações e a segunda de tristeza porque seu filho não irá dar continuidade à tradição, uma vez que optou pela profissão de engenheiro e mora em outro estado.

A situação vivida por Harb Green não é contudo exclusividade sua e pode vir a se tornar um sério problema no



Wallace Nelson



Roger Bothe

futuro do país. O índice de evasão das escolas agrícolas americanas nos últimos anos é prova de que a atividade agrícola não tem mais atraído novas gerações. E com a crise vivida pelo setor há alguns

anos, outras profissões se tornaram bem mais lucrativas e atraentes, subtraindo de reduções tradicionais como o meio rural, jovens que por hábito e costume seguiriam a profissão de seus antepassados.



A Farm Progress Show

Realizada anualmente em rodízio nos estados de Iowa, Illinois e Indiana, a Farm Progress Show é o palco de novidades destinadas à agricultura e a mais importante feira dos Estados Unidos. Ela existe desde 1953 e é organizada por uma revista rural e pela Secretaria de Agricultura de cada estado onde é realizada.

Este ano foi a vez de West Brooklyn, um pequeno município no norte de Illinois, sediar a exposição numa área de 1.652 hectares e que foi cedida por cinco fazendeiros da região. A Farm Progress Show contou com 340 expositores e as 300 mil pessoas que circulam nos três dias que dura a mostra, dividem sua atenção entre os stands, cujos produtos se destinam majoritariamente às culturas de soja e milho, e com os campos de demonstração, onde os fazendeiros podem avaliar o desempenho das máquinas.

Estas áreas — 227 hectares ocupados com milho e 146 hectares com soja — são o ponto de atração da feira e continuamente pode-se ver os últimos modelos de colheitadeiras, arados, tratores, plantadeiras e outros implementos testando na lavoura sua eficiência. Algumas destas máquinas podem ultrapassar o preço de 100 mil dólares.

Em tempos normais, todas as indústrias americanas de equipamentos agrícolas fazem seus lançamentos na Farm Progress Show, mas como este ano o fazendeiro médio teve seu poder aquisitivo afetado pela seca, as empresas não lançaram grandes inovações tecnológicas e já esperavam um volume de vendas bastante reduzido com relação aos anos anteriores.



CURACRON®

Para conter o avanço da Lagarta da Soja.

1. CURACRON é um inseticida que controla a Lagarta da Soja de forma eficaz;
2. CURACRON é seletivo aos inimigos naturais da Lagarta da Soja;
3. CURACRON é econômico: proporciona baixo custo de tratamento;
4. Quando aplicar CURACRON?
Quando houver 40 ou mais lagartas grandes por batida de pano, é hora de aplicar CURACRON.



CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

Curacron® 500 - Produto registrado no DIFPROF-SPS/IMA sob n.º 008686-88
Marca Registrada da Ciba-Geigy - Basileia - Suíça

Situação e tendência

Rivaldo Dhein — Neu-Eichenberg —
Alemanha Ocidental

O Relatório Agrícola Anual de 1988 do Ministério de Alimentação, Agricultura e Florestamento Alemão, trazendo dados sobre o comportamento da agropecuária do ano agrícola 86/87, apresenta algumas informações interessantes sobre os rumos da agricultura neste país — por extensão e semelhança aceitáveis para a CEE —. Direta ou indiretamente, estas informações são mais ou menos importantes para os países do terceiro mundo, principalmente para os que, como o Brasil, praticam uma agricultura de exportação e que tem a Europa como importante mercado importador.

A produção de Unidades Padrão de Cereais na República Federal da Alemanha — país um pouco menor que o estado do Rio Grande do Sul —, atingiu, em 1986/1987, o novo recorde de 67,6 milhões de toneladas, com um crescimento de 0,5 por cento sobre o ano anterior. As Unidades Padrão de Cereais permitem avaliar para fins estatísticos, a produção agropecuária total somando todos os produtos. A uma Unidade Padrão de Cereais corresponde, por exemplo, 100 quilos de cereais, e/ou milho; 400 quilos de batatas; mais ou menos uns 142,8 litros de leite; 16,7 quilos de peixe, entre outros.

Na verdade, caíram a produção de cereais propriamente ditos (— 1,3 por cento), a produção de batatas (— 6,5 por cento) e de beterraba (— 2,7 por cento), que estão entre os principais produtos agrícolas do país. Em contrapartida, cresceram as produções de outros grãos como a ervilhaca, os feijões e a lentilha (em mais 111,2 por cento), de frutos oleaginosos (em mais 20,7 por cento), de frutíferas (mais de 33,9 por cento) e de culturas forrageiras.

Esta evolução da produção — principalmente no que se refere aos aumentos na produção de frutos oleaginosos e de culturas forrageiras — não se revela muito favorável aos países exportadores de soja. Tanto os frutos oleaginosos, que produzem farelos aproveitáveis na alimentação animal como as forrageiras devem significar uma redução no consumo — consequentemente na importação — de farelo de soja.

A tendência de redução nas áreas cultivadas com cereais — que em parte são substituídas por outras culturas e parte destinadas a áreas de preservação natural — deve continuar e até aumentar. Existe um excesso de produção de cereais nos países que compõem a CEE. Os custos de armazenagem e os baixos preços do mercado internacional, praticamente inviabilizam a sua produção pelos agricultores alemães — a não ser que sejam altamente subsidiados —, que detêm um alto padrão econômico, que exigem preços altos para mantê-los.

Tendo sido leva a crer que tendencialmente, as importações de soja — principalmente de farelo de soja — pelos países europeus devem cair, num futuro próximo. Aliás, existem verdadeiras campanhas, principalmente de parte dos agricultores ecológicos contra a importação do farelo de soja. Curiosamente, a razão principal para isto, é porque consideram uma exploração desonesta dos países do Terceiro Mundo.

Os preços dos produtos agrícolas, em média, estiveram 5,7 por cento mais baixos que no ano anterior. Paralelamente entretanto, também caíram



O número de propriedades agrícolas reduziu em 3,8 por cento

os preços dos insumos e dos produtos que o produtor precisa comprar para produzir — e em níveis mais altos, numa média de 6,7 por cento. Assim, numa análise global, os custos de produção dos cereais caíram em 1,1 por cento; do leite em 1,9 por cento; do gado de corte em 5,6 por cento e dos suínos em 14,1 por cento.

As causas destas “baixas” nos custos de produção foram, principalmente, as quedas nos preços dos fertilizantes (— 14,6 por cento); dos farelos oleaginosos (— 13,1 por cento) e do óleo diesel (— 43,8 por cento), entre outros. Para nós, brasileiros, é quase incompreensível que isto possa acontecer, principalmente no caso do óleo diesel. Este ficou, na Alemanha, de um ano para outro, 43,8 por cento mais barato.

Percebe-se, mais uma vez, pelo rebaixamento nos preços dos farelos oleaginosos, um risco para a exportação de farelo de soja para a Europa. O risco maior provavelmente não esteja no menor preço em si, mas no fato de que ele é uma consequência da maior oferta (e produção interna) de outros farelos em substituição ao farelo da soja.

REDUÇÃO NAS PROPRIEDADES

Ainda de acordo com o mesmo relatório, o número de propriedades agrícolas, como vem acontecendo há muito tempo, foi mais uma vez reduzido em 3,8 por cento. Ou seja, num total de 26.600 propriedades. O contingente de trabalhadores rurais também encolheu em 51.700 indivíduos (— 5,8 por cento). A produtividade ou o rendimento do trabalho aumentou em 5,9 por cento. Isto significa verticalização da produção através do emprego mais intensivo das modernas tecnologias que envolvem cada vez maior mecanização e automação, incluindo o uso do computador. Por outro lado, geram o

desemprego — hoje um problema sério na Alemanha.

Este conjunto de fatores permitiu que cada propriedade integralmente dedicada à agropecuária, tivesse um ganho médio de 39.653 DM (tabela 1), correspondendo a 2,6 por cento a mais que no ano anterior, apesar da queda nos preços dos produtos. Nos últimos 10 anos, os rendimentos econômicos (ganhos) médios da agricultura tem-se elevado em 1,2 por cento ao ano. Na verdade, este aumento é enganoso. No mesmo período, os salários, de um modo em geral, subiram, na média, 4 por cento ao ano. Logo, em comparação com a situação geral do mercado de trabalho, o agricultor de hoje está ganhando menos que há 10 anos atrás.

O tipo de propriedade agrícola que mais “faturou” no ano agrícola 1986/87, na Alemanha, foi aquele que produziu produtos (alimentos) destinados diretamente ao mercado. Isto é, que não precisam sofrer nenhuma “transformação” na propriedade como aconteceu com os produtos de origem animal como a carne, leite, ovos, entre outros.

A produção animal baseada em alimentos produzidos na propriedade (forrageiras e grãos de alimentação animal), ocuparam o 2º lugar em rendimentos (ver tabela 1), com um crescimento de 3,4 por cento em relação ao ano anterior, quando já havia crescido 10,7 por cento. Este tipo de exploração vem aumentando a sua lucratividade de ano para ano, o que é mais um indício que leva a crer que o consumo de alimentos concentrados, adquiridos pelo produtor, deva cair. Esta hipótese é reforçada pela análise dos números relativos à produção animal baseada em alimentos comprados (tabela 1). Estas propriedades verificaram uma queda no faturamento de 20,2 por cento em 1986/87. No ano anterior já haviam perdido 13,6 por cento, totalizando pa-

O comportamento da agropecuária alemã em 87 e os rumos da agricultura estão sendo analisados no Relatório Agrícola Anual de responsabilidade do Ministério de Alimentação, Agricultura e Florestamento Alemão

ra dois anos, uma perda nos rendimentos de 34 por cento. Para a situação alemã, isto praticamente inviabiliza a continuidade da atividade. A preocupação e o apavoramento “destes produtores” é maior ainda porque em 1984/85, sua atividade fora a de maior rendimento.

Como causas para esta situação são apontados os baixos preços da carne bovina, suína, aves e leite, entre outros, que por sua vez são consequência dos excedentes da produção e das dificuldades de colocação no mercado externo e competição mesmo internamente com os produtos importados. Convém lembrar que, neste país, a importação é livre.

O PERIGO DA MONOCULTURA

Da análise da tabela, observa-se ainda que as propriedades mistas, dedicadas à produção animal (baseada em alimentos comprados, principalmente) e vegetal, também vem sofrendo decréscimos em seus rendimentos. Isto até certo ponto é preocupante — pelo menos no que se refere à integração lavoura e pecuária —, pois pode estimular a monocultura com todos os seus problemas. Estimula também a supertecnificação e automação. A produção, desta forma, tende a ser verticalizada e fica mais barata devido ao menor envolvimento de mão-de-obra.

Os informes preliminares sobre a safra 1987/88 dizem que voltaram a cair as produções de cereais (— 7 por cento), de batatas (— 12 por cento), de beterraba açucareira (— 6 por cento), de verduras (— 16 por cento), de frutíferas (— 39 por cento) e de mosto de vinho (— 11 por cento). Destas, somente a de frutífera não repetiu o ano anterior, quando crescera em 33,9 por cento. Entre as causas apontadas para estas quedas de produção, aparece o mau tempo ocorrido durante a fase vegetativa e colheita. Mais uma vez, como no ano anterior, aumentou a produção de frutos “leguminosos”, especialmente oleaginosos (mais 27 por cento).

A produção total de Unidades Padrão de Cereais caiu em 5 por cento em relação ao ano “ficc”, que foi o anterior. Atingiu em 1987/88, 64,2 milhões de toneladas. Estes números todos parecem confirmar as observações e previsões feitas anteriormente, com base nos parâmetros de 1986/87. Na verdade, até reforçam as conclusões.

O mesmo relatório inicialmente mencionado, informa também sobre a classificação dos produtores agropecuários alemães em pequenos, médios e grandes, e ainda, sua distribuição. Ele também fala da evolução da agricultura ecológica na Alemanha.

RENDIMENTOS ECONÔMICOS (EM DM) DAS PROPRIEDADES AGRÍCOLAS ALEMÃS, INTEGRALMENTE DEDICADAS À AGRICULTURA

TIPO DE	Propried.	Rendimento (DM) por propriedade				Rendimento em relação ano anterior (+ — %)	
EXPLORAÇÃO	em %	Pequenas (*)	Médias (**)	Grandes (***)	y Conj.	1986/87	1985/86
Culturas destinadas diretamente ao mercado	16	15.044	36.948	73.113	45.588	+ 5,4	— 6,0
Prod. animal (alimentos produzidos na propriedade)	63	31.499	44.493	61.722	39.916	+ 3,4	+ 10,7
Prod. animal (alimento fora da propriedade)	5	22.270	35.940	45.422	33.157	— 20,2	— 13,8
Cultivares permanentes	7	30.977	38.853	46.956	36.597	+ 15,2	— 19,9
Propriedades mistas	9	21.641	37.196	54.366	33.207	— 3,4	— 0,3
TOTAL MÉDIA	100	29.455	42.048	61.542	39.653	+ 2,6	+ 2,3

(*) Recebimento padrão abaixo de 40.000 DM/ano — 53 por cento das propriedades

(**) Rendimento padrão entre 40.000 e 60.000 DM/ano — 26 por cento das propriedades

(***) Rendimento padrão acima de 60.000 DM/ano — 22 por cento das propriedades

CALENDÁRIO

PEPINOS

150 mil vidros de conserva

A previsão inicial de que esta safra poderia render 80 toneladas de pepinos, não deverá ser cumprida. Os problemas climáticos — frio prolongado, inviabilizando os plantios durante o mês de setembro — deverão provocar uma quebra de 20 por cento na produção. Mas nem mesmo essa quebra significativa, segundo o engenheiro agrônomo e supervisor de olericultura da Cotrijuf na Pioneira, João Boaro, deverá influir na intenção da cooperativa de evasar em torno de 150 mil vidros de pepinos durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

A possibilidade de se obter uma boa

produção de pepinos, alerta o agrônomo, está diretamente ligada a capacitação dos produtores, incluindo neste caso, a existência de um sistema de irrigação. Para que os pepinos não cresçam demais e inviabilizem o evasamento, a orientação é de que se faça colheita diária. O produto, ao ser entregue na cooperativa, é classificado na presença do produtor. "Os pepinos classificados como fora de padrão quanto ao tamanho, formato, são eliminados", observa, lembrando que da qualidade do produto evasado vai depender a permanência e dimensão do projeto de agroindústria da Cotrijuf para os próximos anos.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS — CHIAPETTA/RS

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA O EXERCÍCIO DE 1989

Aprovada em Assembleia Geral Ordinária realizada no dia 3 de novembro de 1988, nos seguintes termos:

GRUPO DE CONTAS	P/CONTA DA C. SINDICAL	P/CONTA DA R. PRÓPRIA	TOTAL
RECEITAS			
Renda Tributária	900.000,00	— 0 —	900.000,00
Renda Social	— 0 —	15.000.000,00	15.000.000,00
Renda Patrimonial	— 0 —	8.800.000,00	8.800.000,00
Renda Extraordinária	— 0 —	6.000.000,00	6.000.000,00
Total da Receita	900.000,00	29.800.000,00	30.700.000,00
DESPESAS			
Administração Geral	— 0 —	15.300.000,00	15.300.000,00
Assistência Social	750.000,00	6.000.000,00	6.750.000,00
Outros Serviços Sociais	150.000,00	2.000.000,00	2.150.000,00
Assistência Técnica	— 0 —	2.000.000,00	2.000.000,00
Total do Custeio	900.000,00	25.300.000,00	26.200.000,00
Aplicação de Capital	— 0 —	4.500.000,00	4.500.000,00
Soma	900.000,00	29.800.000,00	30.700.000,00

Chiapetta, 03 de novembro de 1988

OROMIR DIETRICH — Presidente

ALFREDO BLASS — Tesoureiro

MÁRIO ZAMBENEDETTI — CRC/RS 22.514 e CIC 080.510.200-06

Terminação de bovinos em pastagem

João Miguel de Souza
Suzana Cardoso
Paulo Gieseler
Vitor Brum

A aveia preta é uma espécie forrageira hiberna que se caracteriza por sua precocidade, rendendo mais forragem no período outono-inverno e declinando no início da primavera (Scholl, 1971).

Em relação ao manejo que esta espécie requer, alguns autores afirmam que para melhor explorar o potencial desta cultura, deve-se manter um resíduo suficiente visando a preservação dos pontos de crescimento, o que pode ser alcançado através do pastoreio rotativo, que permite aumentar o período produtivo, a lotação e o ganho por área em relação ao pastoreio contínuo. Entretanto, Crowder & Outros (1967), demonstraram a importância de não se promover com atraso a primeira utilização desta pastagem, com o objetivo de aumentar a formação de aflhos. Estes contribuirão para o rendimento das próximas utilizações.

A aveia preta Comum/RS, é uma população de plantas de extrema variabilidade, a qual tem proporcionado uma relativa estabilidade fitossanitária a esta cultura e que faz dela a mais importante forrageira anual de inverno da região da Cotrijuf no Estado.

As observações que seguem foram obtidas sem nenhuma preocupação de submetê-las a uma análise matemática rigorosa, pois são oriundas da rotina do manejo animal sobre pastagens e executadas no Centro de Treinamento da Cotrijuf no período de inverno e primavera.

MATERIAL

Os dados foram coletados em Augusto Pestana, sobre solo da Unidade de Mapeamento Santo Ângelo, que apresentava as seguintes características: pH 5,6; fósforo (partes por milhão) 7,75 por cento; potássio (partes por milhão) 145 e matéria orgânica 3,15 por cento. A área total de 14 hectares recebeu 82.500 quilos de calcário (5.900 quilos por hectare); 2.830 quilos de adubo das fórmulas 6-26-16 (600 quilos) e 5-20-20 (2.230 quilos). O calcário foi incorporado por uma aração e duas gradagens e o adubo foi aplicado no mo-

mento da semeadura, quando se usou 88 quilos por hectare de semente de aveia preta. Os 14 hectares foram divididos por cercas elétricas em quatro piquetes. A semeadura foi escalonada, ocorrendo nas seguintes datas: 12-15 e 30 de abril deste ano.

Durante o verão a área foi ocupada pela cultura da soja. A entrada dos animais na pastagem aconteceu quando estas apresentavam em torno de 35 centímetros de altura. A troca de piquetes ocorreu em função de uma altura residual de em torno de 15 centímetros. No último pastoreio foram eliminadas as quatro divisões para proporcionar aos animais uma maior seleção da dieta. O período de pastoreio foi de 98 dias, iniciando em 14 de junho. A carga animal média no período foi de 2,56 unidades animal por hectare (1.152 quilos por hectare de peso vivo). O lote total (65 animais) era composto por animais de quatro procedências e características diferentes, descritas a seguir:

● **Lote A** — 24 animais, com média de 18 meses, predominantemente Aberdeen Angus, que se encontravam no CTC já há um ano, sempre ganhando peso. O peso médio inicial do lote era de 288 quilos.

● **Lote B** — 13 animais de 3,5 anos, da raça Devon, oriundos da criação tradicional sobre campo nativo da Depressão Central do Estado, com peso inicial de 290 quilos.

● **Lote C** — 10 animais de 3,5 anos, raça Hereford, com mesma procedência que o lote B, com peso inicial de 310 quilos.

● **Lote D** — 18 animais de 4,5 anos, cruza Nelore x Charolês oriundos de criação tradicional sobre campo nativo das Missões. O peso inicial do lote era de 329 quilos.

Os animais foram pesados e desverminados no início do pastoreio. Ao longo do tempo, foram pesados em mais três ocasiões. No período correspondente às informações, as precipitações pluviométricas ficaram abaixo da média normal. (Anexo 1).

VARIAÇÃO NO DESEMPENHO

Devido a diferença entre os grupos de animais utilizados, houve uma variação muito grande no desempenho, como era de se esperar. Isso aconteceu também em função do ganho compensatório ocorrido (Tabela 1).

Os animais do **Lote A** tiveram um ganho médio diário, no período de pastoreio, de 0,905 quilos. Os animais do **Lote B** 1,59 quilos durante o período total, sendo que nos primeiros 39 dias, este ganho foi de 1,871 quilos, evidenciando ainda mais o ganho compensatório a que o lote foi submetido. O terceiro grupo de animais (**Lote C**) teve um ganho de peso médio diário de 1,37 quilos e o **Lote D** 1,53 quilos. Este último lote, apenas nos primeiros 21 dias de pastoreio, ganhou 2,04 quilos por dia, caracterizando então, a péssima condição que se encontrava quando da sua entrada na pastagem.

O ganho médio diário dos quatro lotes foi de 1,35 quilos por animal. Durante os 98 dias de ocupação, a pastagem de aveia preta proporcionou 393 quilos por hectare de peso vivo. Se tomássemos como referência o ganho de peso diário dos animais que certamente não apresentaram ganho de peso compensatório (**Lote A**), a produtividade da pastagem seria de 288 quilos por hectare de peso vivo.

O custo dos insumos usados na implantação da pastagem, foi de 55,13 quilos por hectare de peso vivo. Para o cálculo, tomou-se como base o preço do calcário, do adubo, da semente e do boi praticado pela

Cotrijuf em Ijuí no dia 12 de setembro.

AS OBSERVAÇÕES

Embora houvessem limitações da metodologia usada na coleta dos dados, foi possível concluir:

- a região apresenta um potencial para terminação de animais neste período, determinado pelo clima, solo, sistema de produção, disponibilidade de máquinas e equipamentos para a formação das pastagens temporárias, disponibilidade de espécies forrageiras adaptadas e de recursos humanos aptos a administrar as relações entre estes fatores.

- o terminador ao comprar os animais pode aumentar seu resultado econômico através do ganho de peso compensatório.

- pelo ganho de peso diário obtido, os animais que devem ser terminados em sistema semelhante, deverão ter um peso inicial de 300 quilos de peso vivo, objetivando um mínimo de 200 quilos de carcaça.

BIBLIOGRAFIA

Crowder, L. V.; Lotero, J.; Fransen, J.; Krull, C. F. 1967. Oat Forage Production in The Cool Tropics as Represented By Colombia. Agron., J. Madison, 59 (1):80-2.

Scholl, J. M. 191. Avelas e Azevém como forrageiras de inverno

João Miguel de Souza é engenheiro agrônomo pesquisador de Forrageiras - CTC; Suzana Cardoso é médica veterinária - CTC; Paulo Gieseler é técnico agrícola - assistente de pesquisa do CTC e Vitor Brum é zootecnista, estagiário da UFSM.

ANEXO 1

Precipitação ocorrida nos meses de abril, maio, junho, julho, agosto e setembro de 1988 no Centro de Treinamento da Cotrijuf (CTC), Augusto Pestana (RS).

Mês	Precipitação (mm)
Abril	122,5
Maio	37,3
Junho	96,8
Julho	28,8
Agosto	22,7
Setembro	339,4

Tabela 1 — Peso inicial (kg), ganho de peso médio (kg) de quatro lotes de bovinos pastejando aveia preta por um período de 98 dias. CTC, Augusto Pestana/RS.

	Peso Inicial (kg)	Ganho de Peso Médio Diário (kg)
A — 24 animais A. Angus com 1,5 anos	288	0,905 *
B — 13 animais Devon com 3,5 anos	290	1,59
C — 10 animais Hereford com 3,5 anos	310	1,37
D — 18 animais Nelore X Charolês c/4,5 anos	329	1,53
Média	304,25	1,35

* Não apresentou ganho de peso compensatório



O índio vereador

Antônio Salles, um caingangue da Reserva de São João do Irapuá é o primeiro vereador índio do Estado e representa o município de Miraguai

O Rio Grande do Sul tem, desde o dia 15 de novembro, o seu primeiro vereador índio: Antônio Salles. Ele é um caingangue de 32 anos incompletos, eleito com 172 votos pela legenda do PFL. Salles pertence à Reserva de São João do Irapuá, localizada em Miraguai, um município distante de Ijuí a 130 quilômetros, e que concorreu ao lado de mais três índios caingangues, sendo dois da Reserva da Guarita. Além destes quatro índios candidatos, mais outros quatro disputavam uma vaga de vereador em todo Estado. Mas Salles, foi o único que conseguiu se eleger.

A preparação política de Antônio Salles, um índio aculturado que estudou até o "quarto livro", começou a partir da eleição de 1986, quando se filiou ao PFL, depois de já ter votado na antiga Arena e no PDS. Diz que poderia, nesta eleição, ter se filiado ao PMDB ou ao PDT, só não o fez porque sentiu que a eleição ia ser ganha pelo candidato do PFL. "Era uma vitória garantida", declarava Antônio uma semana depois de ter sido eleito e já às voltas com severas críticas por parte de candidatos de outros partidos. As críticas que pediam até a anulação da sua candidatura, ele respondia dizendo que estava à disposição de todos os jornais e emissoras de rádios da região para prestar esclarecimentos. "É preciso saber ganhar e também perder", respondia.

Antônio, um índio que se veste como qualquer branco, lamenta que outros índios do município de Miraguai não tenham sido eleitos para a Câmara Municipal de Vereadores. Acredita que o poder econômico de certos candidatos tenha atrapalhado, originando, inclusive a prática de compra de votos. Essa situação fez com que a campanha se tornasse muito difícil — dos 380 votos da Reserva, ele conseguiu apenas 127. Entende que a prática de compra



Antônio: muitos projetos e a promessa de trabalhar pela comunidade indígena de Miraguai

de votos poderá desaparecer se a Justiça, na próxima eleição, colocar uma dentro da própria Reserva. "Foi uma eleição muito difícil", diz o índio que, para fazer sua campanha e poder adquirir roupas para mais de 100 crianças e uniformes para a banda de uma Escola de Miraguai, teve até de vender o carro, um Opala 75. "É uma pena que outros índios não tenham sido eleitos. Seriam mais cabeças para defender a raça".

MUITOS PROJETOS

Tão logo soube que estava eleito, Antônio colocou no papel vários projetos que ainda pretende discutir com as lideranças da Reserva. Mas a princípio, quer prioridade para as estradas, com renovação de boeiros e construção de pontes dentro da área indígena. Quer calçamento para a rua que passa em frente ao Posto da Funai, melhoria nas escolas, telefone, uma ambulância e assistência para a comunidade indígena que classifica como desassistida. "Quero trabalhar para melhorar as condições de vida da comunidade indígena", diz ele, que não deseja de forma alguma, ser comparado ao Caci-

que Mário Juruna do PDT, primeiro índio eleito para a Câmara dos Deputados. "Juruna só fez política e não olhou para a sua raça. Eu quero trabalhar pelo meu povo".

Lamenta que, embora os índios integrem a população do município, pouca coisa tenham recebido do prefeito. "Eu, reforça, quero ser um fiscalizador do trabalho do prefeito". Também diz que não espera grandes decisões ou ajuda da Funai. "Ela está em Brasília e a solução para os nossos problemas precisamos encontrar aqui por Miraguai mesmo", diz ele pedindo para dar uma olhada nas enfermarias, por exemplo. "Lá não existe mais nenhum medicamento. Se não fosse o Cacique Ivo, tanto a enfermaria como a escola da Reserva já estariam fechadas por falta de condições de funcionamento".

MODIFICAÇÃO PELA EDUCAÇÃO

Antônio, casado há 12 anos com Lenira Alfaiate Salles e pai de Adelar Cakok, de Marli Manfei, Ivanês, Aliezer e Aleino, foi aos 24 anos, gerente da Serraria Serrafita. Ainda foi delegado por dois anos, mais tarde 3º

comandante da Reserva — cargo do qual foi afastado e por último capitão. Tem direito, "em função da liderança exercida por muitos anos", a 40 hectares de terra, enquanto os demais índios podem plantar em apenas 15. Mas Antônio trabalha em apenas 10 hectares e arrenda o restante.

Concorda que hoje o índio vive de forma diferente, assimilando os costumes dos brancos. O próprio Antônio e seus companheiros vivem em pequenas casas de madeira e praticamente vivem do arrendamento de suas terras. Culpa o branco por essa situação, "que começou pela educação". O índio, diz ainda o vereador caingangue, estranha essa nova vida e ainda luta para conservar seus costumes. Promete que enquanto for vereador, vai lutar para que o processo de aculturação do índio não acabe de vez com a raça. "Nossas crianças precisam continuar aprendendo a falar a língua caingangue", finaliza.

Os novos prefeitos da região

Ijuí — PDT + PSB + PSDB

Prefeito — Valdir Heck

Vice-prefeito — Astor Mayer

Tenente Portela — PDS + PDT

Prefeito — Lúcio Adalberto Motta

Vice-prefeito — Valdir Dalcin

Miraguai — PFL + PDS

Prefeito — Amadeus Lorenzon

Vice-prefeito — Oterno Sommer

Santo Augusto — PDT

Prefeito — Darci Pompeu de Mattos

Vice-prefeito — Izeldro Stival

São Martinho — PDS + PDT + PFL

Prefeito — Aluísio Tolfo Classmann

Vice-prefeito — Plínio Siqueira Correa

Ajuricaba — PDS

Prefeito — Deniz Espedito Serafini

Vice-prefeito — Cláudio Rottilli

Chiapetta — PDS

Prefeito — Jânio Luís Scherer

Vice-prefeito — Evoli Neves da Silva

Redentora — PMDB

Prefeito — Arnaldo Roewer

Vice-prefeito — Amauri Luís Piccini

Eraul Seco — PMDB + PFL

Prefeito — Osmar Borella

Vice-prefeito — Eri Koch

Jóia — PDS

Prefeito — Jorge Miguel Vieira Leal

Vice-prefeito — Arioaldo Antônio Zardin

Coronel Bicaco — PDS

Prefeito — Jacy Luciano de Souza

Vice-prefeito — Jeracy Baggio

Braga — PMDB

Prefeito — Romeu Antônio Wink

Vice-prefeito — Elido Cadoné

Augusto Pestana — PMDB + PDS

Prefeito — Darci Sallet

Vice-prefeito — José Teixeira Pereira

Vista Gaúcha — PMDB

Prefeito — Claudemir Locatelli

Vice-prefeito — Guilherme Jacinto Kosmann

Os associados eleitos

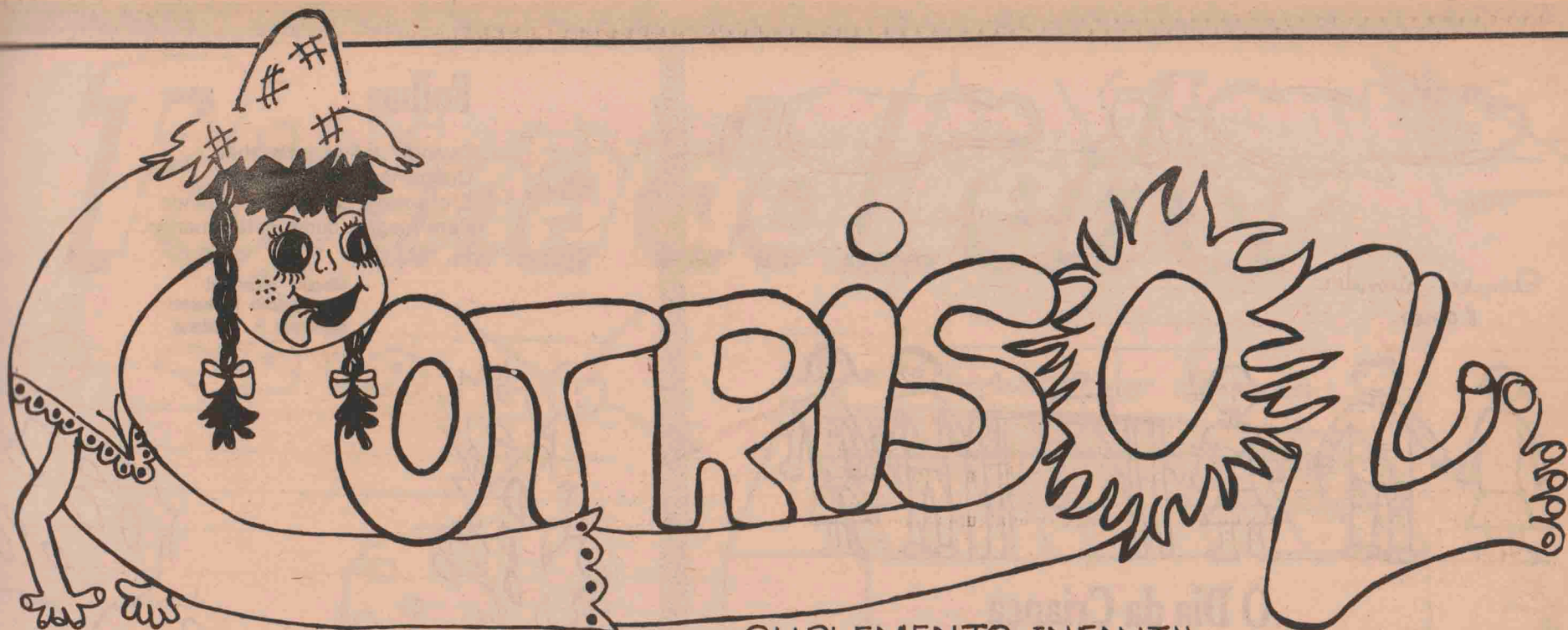
Há muitos anos uma eleição municipal não era tão disputada quanto esta que acabou de eleger os novos prefeitos e vereadores de todos os municípios do país. Apenas na região onde a Cotrijuí atua, formada pelos municípios de Jóia, Augusto Pestana, Ijuí, Ajuricaba, Chiapetta, Santo Augusto, Coronel Bicaco, Braga, São Martinho, Erval Seco, Redentora, Miraguai, Tenente Portela e Vista Gaúcha, 824 candidatos disputaram as 140 vagas para as 14 Câmaras Municipais.

Os 14 municípios citados disputaram as eleições com 824 candidatos a vereador, sendo que destes, 212 integram o quadro social da Cotrijuí, mas apenas 21,6 por cento do total conseguiram se eleger — 46. Em Ijuí, onde o número de candidatos chegou a 206, apenas 24 eram associados e representavam os interesses da classe produtora. Destes, apenas dois somaram o número de votos necessários para ocupar uma das 21 vagas do legislativo municipal. Em Ajuricaba, 34 candidatos associados disputaram a eleição, com apenas 5 sendo eleitos. No mu-

nicipio de Augusto Pestana, onde o número de candidatos era de 33, 19 saíram do quadro social da cooperativa e 8 deverão tomar posse no legislativo municipal no dia 1º de janeiro. Em Jóia 45 candidatos a vereador participaram da eleição. Destes, 25 eram agricultores e 7 conseguiram ser eleitos.

Mas quem foram os candidatos associados da Cotrijuí, eleito para a Câmara de Vereadores de cada um destes municípios? Por Ajuricaba foram eleitos Ricardo Carlos Uhde, Geraldo Mogan, Darci Antônio Mager, e Lucídio Colato, pelo PDS e Alcides José Bandeira pelo PMDB. Em Augusto Pestana assumem a Câmara de Vereadores no dia 1º de janeiro de 89, Luís Carlos Pascoal, Nestor Mattes, Gentil Callai e Osmar Bruinsma, pelo PDS. Pelo PMDB foram eleitos Nerci Rhoden e José Francisco Weiller e ainda Nery Tissot e Waldir Weber, estes dois últimos pelo PFL. O município de Braga elegeu apenas o associado Valdemar Dalla Libera, do PDS. De Chiapetta foram eleitos Agenor Savariz, Arnil-

do Buch, Mário Maçalai, pelo PDS, Jorge Rochinski, pelo PMDB e Elcio Ademar Moura dos Santos pelo PDT. Em Coronel Bicaco foram eleitos Alcênio João Hermel e Álvaro Rutili, pelo PDT. Em Jóia conseguiram a vitória em 15 de novembro Batista Tonelli, Nelson José Balzan, Júlio Fontana, Adão Ceolin, Vasco Pilatt, pelo PDS e Antônio Sarturi e Peri da Silva Escobar, pelo PMDB. Em Miraguai conseguiu se eleger apenas Plínio das Chagas pelo PFL. De Redentora Cervílio José Maçalai pelo PMDB e Gabriel Wiczoarek, pelo PDS. O município de Santo Augusto elegeu Odilon Gomes de Oliveira, Gilberto Elias Goergen, pelo PDS; Otávio Polo e Antônio Auzani, pelo PMDB e Eraldo Idelfonso Bender, pelo PDT. Em São Martinho apenas Selvino Tamiozzo, pelo PDS e em Tenente Portela Albino Furini, também pelo PDS, João Gheller Neto, pelo PDT e Elio Bauer, PMDB. O recém criado município de Vista Gaúcha elegeu três associados: Luiz Machado de Couto e Luís Carlos de Freitas pelo PMDB e Dorvalino Ruffaelli pelo PDS.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Elaboração: Mariuza da Silva Lucchese
Datilografia: Derci Fátima Mariani

Solos e erosão

Na edição passada, propomos na página do passatempo, uma atividade de experimentação sobre os tipos de solo. Na oportunidade, sugerimos que os resultados obtidos fossem discutidos na sala de aula.

Completando a atividade proposta, trazemos agora um texto que enfoca o tema solo, principalmente com o subtema desgaste do solo, devido ao grande número de trabalho que recebemos das crianças, falando sobre o assunto.

Caminhamos sobre a terra, plantamos e semamos sementes, capinamos ervas daninhas, incendiamos materiais que depositamos sobre a terra; estas são algumas das atividades e atitudes que temos diariamente envolvendo o grande berço da vida: o solo.

A terra sobre a qual pisamos é a superfície externa do solo, que existe como resultante da transformação das rochas em grãos mais finos, até chegar a ser pó. Sobre esse solo que contém areia, argila e até pequeníssimos fragmentos de seres vivos, decompõem-se restos e cadáveres de animais, folhas secas. Todo esse material em decomposição forma um produto orgânico que enriquece o solo, dando-lhe uma coloração mais

escura.

Abaixo do solo, existe uma camada denominada subsolo, que abriga as raízes mais profundas dos vegetais. Baseando-se na coloração e aspecto externo, podemos assim classificar os tipos de solo: arenoso, argiloso, terra preta, terra roxa, massapê.

O solo arenoso possui, aproximadamente, 70 por cento de areia em sua composição. A água penetra e passa facilmente, secando muito rapidamente.

O solo argiloso contém, aproximadamente, 30 por cento de argila. É pouco permeável e fica encharcado. Para que possa ser útil na agricultura, deve ser misturado com outras substâncias. A terra preta é aquela que resulta da decomposição dos restos de animais e vegetais. Contém mais de 10 por cento de elementos em decomposição e é um solo muito bom para a agricultura, pois possui húmus.

A terra roxa é outro tipo de solo excelente para agricultura. Sua cor roxa, resulta da decomposição do basalto. O massapê, é um solo que contém argila e quartzo (uma espécie de rocha) misturados. É um solo bom para o cultivo de



Solo erodido é solo doente

cana-de-açúcar.

Os solos também podem ser muito úmidos, muito secos, terras sãs e muitos outros tipos de solo.

No entanto, por mais nutrientes que possam conter e por mais riquezas que possam possuir, os solos também se esgotam se não forem bem cuidados. As colheitas que os agricultores obtêm do solo, o vento e principalmente a ação das águas da chuva que levam o solo, transportando seu material fértil e separando as partículas de terra, desgastam e empobrecem o solo. A este desgaste é que chamamos de erosão.

A erosão também pode ser resultado da derrubada das matas, pois estas exercem papel muito importante na proteção do solo. Com a derrubada da cobertura vegetal, o solo fica desprotegido e as águas arrastam dele suas camadas superficiais que são exatamente as mais ricas.

A erosão cava fossos, vales, precipícios, podendo causar queda de barreiras e pontes e estragos nas estradas, chegando até a tornar a terra imprópria para as plantações. Assim chamamos os tipos de erosão, que podem ocorrer: erosão eólica quando causada pelo vento; erosão fluvial quando causada pelas

águas dos rios; erosão pluvial causada pelas águas das chuvas e erosão subterrânea quando é causada pela água que dissolve e desgasta as camadas mais profundas pela ação dos lençóis subterrâneos.

Solo atingido pela erosão é solo doente e precisa ser tratado. O bom tratamento pode e deve ocorrer também antes da erosão chegar. Algumas maneiras de evitar a erosão:

- a) terracimento — consiste em cortes no terreno para evitar o declive;
- b) plantação em terraços;
- c) plantação em curvas de nível;
- d) não fazer uso das queimadas;
- e) não derrubar árvores;

Com a intervenção do homem, na tentativa de modificar o meio atingido pela erosão, através do reflorestamento e desuso das queimadas, haverá uma renovação do solo. Assim, lentamente surgirá um equilíbrio entre a erosão e o solo. E este é o equilíbrio que necessitamos para que a terra seja, realmente, o berço da vida.

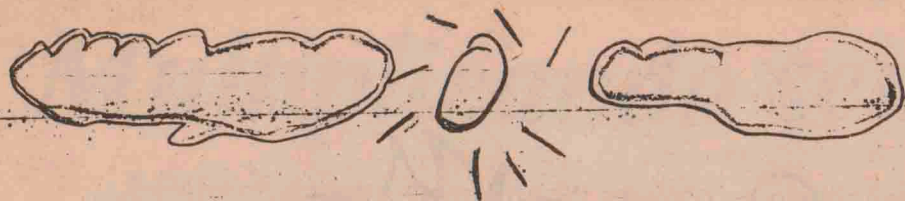
Mariuza da Silva Lucchese
Fontes bibliográficas: Plínio Lopes, Fontinha & Thomas, Napoleão e Odair, Lago e Ens, Carlos Barros, Enciclopédia Delta Júnior.



Os terraços evitam a erosão em terrenos com declividade

IAINOTOM

ST enlq8



Denise Wunder
8 anos



O Dia da Criança

Dia 12 de outubro é comemorado o Dia da Criança e da Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Eu ganhei um presente no dia da criança. Eu ganhei lápis e uma torta. Gostei muito e comi a torta. Adorei mesmo, porque era para nós no Dia da Criança.

Hoje nós estamos felizes porque é o dia da criança que é feliz, não da criança que não é feliz.

Todas as pessoas do mundo já foram

crianças algum dia e hoje só restam as lembranças.

— Nós ganhamos um presente da secretária, o presente é uma borracha e um lápis.

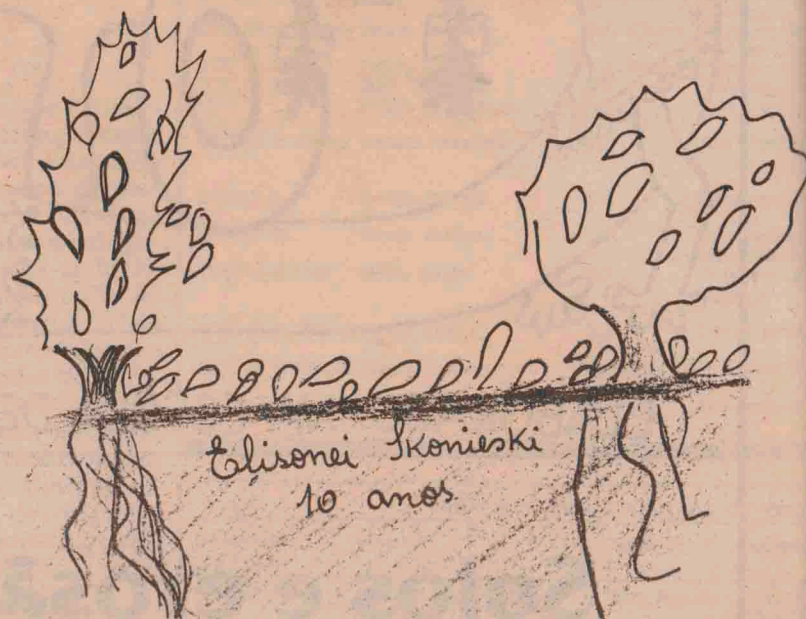
No mundo existem muitas crianças tristes, porque são esquecidas por todos, nem no seu dia são lembradas, não ganham nem uma bala.

Denise A. Wunder — 2ª série
Escola Municipal Coelho Neto
Esq. Gaúcha — Augusto Pestana

Folhas

Quantas folhas pelo chão
Quanto amor no coração
E o outono que está chegando
Para alegrar quem está amando.

Elisonei Stonieski
Escola João Ramalho
Município A. Pestana



Elisonei Stonieski
10 anos

Brincando de POETA



A Rosa e a Lua

Flor, florida
Lua, colorida
Flor maravilhosa
A flor é a natureza
Que a lua faz tornar beleza
A flor é a rosa
Amor cor de rosa
A lua é prateada
A flor é delicada

Silvia
Escola João Ramalho
Augusto Pestana

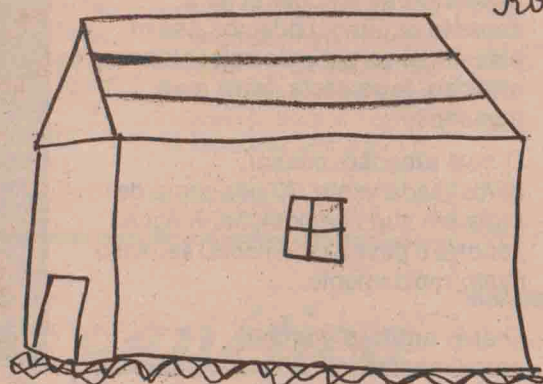


Silvia
11 anos

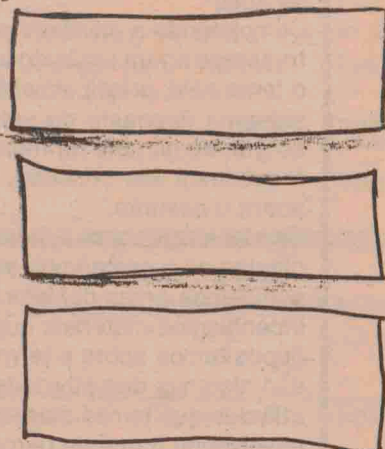
O Verão

No verão faz muito calor,
Os dias são claros, quentes,
E de sol forte.
É a época dos banhos de mar,
De piscina, dos passeios ao campo,
De roupas leves.
No verão o sol aparece cedo
E demora a desaparecer

Tobias Beck



Roberto Stroucheter
12 anos



As Chuvas

Ontem era domingo, tinha sol. O dia estava bonito, eu só fiquei preocupado quando ouvi a mamãe falar para o papai que o tempo ia chover.

A noite eu estava dormindo, quando, de repente acordei assustado por um trovão e não demorou muito e a chuva começou a cair. Chovia cada vez mais. Começou uma terrível tempestade e começou a cair pedras. Ouvi papai falar bem preocupado por causa das pedras, que poderiam estragar toda safra de trigo.

Graças a Deus que o temporal logo se foi, as pedras foram poucas e não estragaram o trigo. A única coisa que aconteceu foi o nosso galpão que descobriu com os ventos fortes e eu não pude ir na aula hoje, por causa da chuva e do barro.

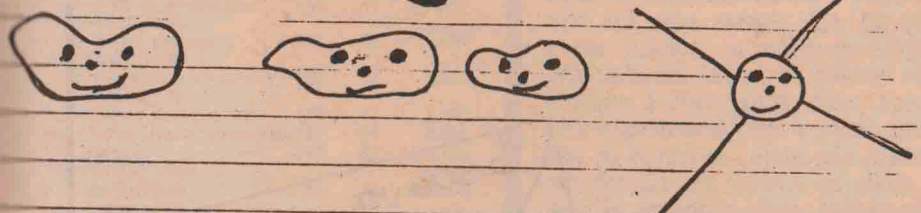
Roberto Stroucheter
Arroio Bonito — Augusto Pestana
Esc. Mun. de 1º Grau Inc.
Silveira Martins

A Natureza

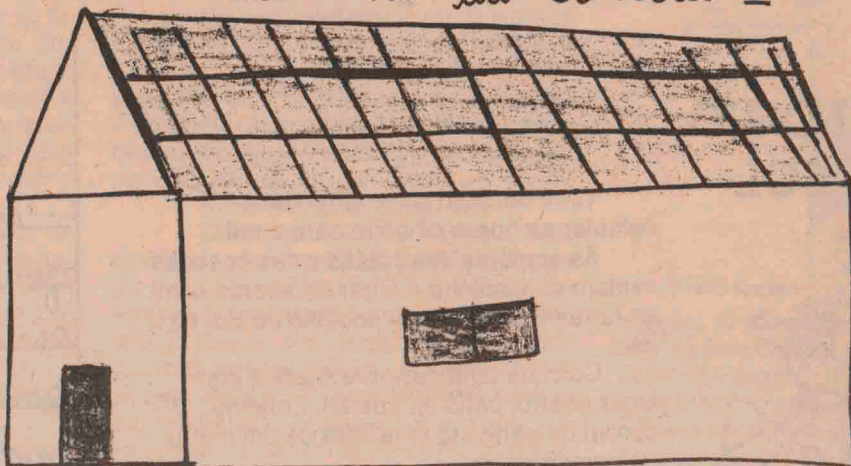
Era uma vez um lugar muito bonito... O sol brilhava e as plantas estavam tão alegres, quando de repente... deu uma trovoadas e as plantas levaram um susto. Mas a chuva logo parou e o sol começou a brilhar de novo. Daquele dia em diante nunca mais choveu e as plantas começaram a amarelar e murchar. Meses depois, as árvores estavam à beira da morte e as coitadas das flores estavam tão murchas, que as pétalas estavam caindo... quando deu uns trovões, as plantas ficaram felizes, dizendo uma para a outra: Vai chover! E choveu que chegou a desandar água. Que felicidade! Que alegria de ver tudo tão bonito e também as plantas estavam tão verdes que veio um beija-flor.

Leandro Drews — 10 anos
4ª série
Escola Mun. de 1º Grau Inc.
Santíssima Trindade
Rincão Seco — Augusto Pestana

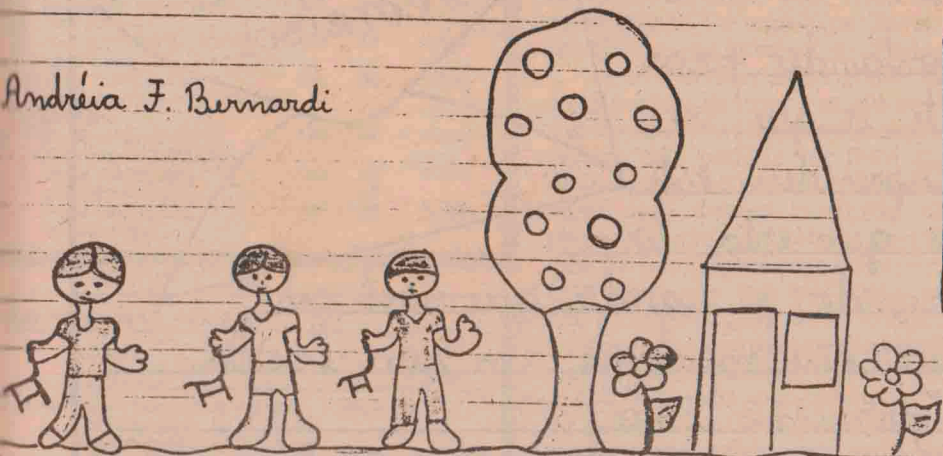
Página do Leitor



Lilvo Oliveira da Silveira -



Andréia F. Bernardi



Betinho

Certa manhã, Betinho brincava com seu amiguinho lá no fundo do quintal. Eles pegaram mais alguns brinquedos lá no quarto, e lá se foram eles brincar. A mamãe chamou:

— Betinho! Quer fazer um favor para mim?

— Ah, mamãe! Ah, mamãe, não! Quero brincar com meu amiguinho!

— Filhinho, você quer levar o presente para seu primo Carlinhos.

— Eu posso ir se meu amiguinho Rafael for junto, mamãe?

— Mas claro que não vai ficar sozinho. E lá se foram eles levar o presente de Carlinhos.

Quando eles chegaram lá, entregaram o presente para ele.

Carlinhos ficou muito feliz.

Afinal de contas o presente era um carrinho bat-robô.

Eles foram pegar três cadeirinhas e foram sentar na sombra e conversar.

Mas já eram onze horas, era hora de cada um ir para sua casa.

Andréia Fátima Bernardi

Esc. Municipal de 1º Grau Imc.

Sete de Setembro

Paraiso — Augusto Pestana

O Gaiteiro

Todo principiante é um artista! Nada mais importante para o professor, do que ver, pouco a pouco o progresso de seus alunos, a alegria que os mesmos têm em tocar suas variadas músicas.

Como uma criança que ainda não fala, esses alunos principiam o estudo de acordeon e para o professor Orlando Armando Bringmann, é uma grande satisfação observar a evolução gradativa de cada um, até que adquiram o completo domínio do instrumento. Com o meu espírito de observador, fico à parte medindo o progresso e sentindo as diversas mudanças por que passa o estudante. Este luta bravamente para conquistar o fim desejado! Todo principiante é um artista! São entes que trazem dentro de si o dom da "Divina Música". Só o fato de se ter impulsionado para tocar, prova que ele precisa da música, talento de nossa alma. Não se contenta em ouvi-la executada por outrem; quer com seus próprios dedos, arrancar as notas, vibrar seus sons, construir suas frases, o que certamente ele tem em mente.

Alberto Brison Rübenich

Esc. Mun. 1º Grau Inc.

Princesa Isabel

O Inverno

No inverno faz muito frio,
Os dias quase sempre são nublados,
O sol aparece tarde
E desaparece cedo.
É a época da plantação de trigo,
Repolho, alface, cenoura,
E muitas outras coisas.
Os meninos vão com frio para
A Escolinha, pois muitas vezes
Tem geadas.

Tobias Beck

Alberto Rübenich
11 anos



O meu município é Dom Pedrito

A nossa estrada é muito ruim, principalmente quando chove, para ir até a escola se pára difícil, porque tem muito barro.

Aldaci Terezinha Mello Vasconcelos
E.M. no Taquarémbozinho — D. Pedrito

Meu município chama-se Dom Pedrito.
Dom Pedrito comemorou 116 anos no dia 30 de outubro

Eliziane Garces Moraes
E.M. no Taquarémbozinho — D. Pedrito

Na nossa escola a merenda é boa.
A nossa escola foi fundada no ano de 1959

Carla Denise Mello Garcez
E.M. no Taquarémbozinho — D. Pedrito

A minha casa fica na localidade do Taquarémbozinho.
Ela fica num lugar plano e muito bom. Tem também muitas árvores e tem um mato.

Joceli Mello Vasconcelos
E.M. no Taquarémbozinho — D. Pedrito

Lá atrás daquele cerro tem
dois banquinhos de ouro, um para
mim, outro para ti, quando nós dois...

Silvia Oliveira da Silveira
Esc. Mun. Taquarémbozinho
Dom Pedrito — RS

Passatempo

RELÓGIO DE SOL



Você também pode aprender a calcular as horas olhando para o sol. As sombras das coisas e das pessoas mudam de tamanho e lugar de acordo com as horas do dia, com a posição do Sol no céu.

Coloque uma cartolina branca num lugar aberto, pátio ou quintal. Enfie no centro da cartolina uma vara de um metro de comprimento.

Consultando um relógio, marque na cartolina a sombra que a vara faz sobre o papel. Anote, sobre a marca, que horas são.

Você construiu um relógio de Sol

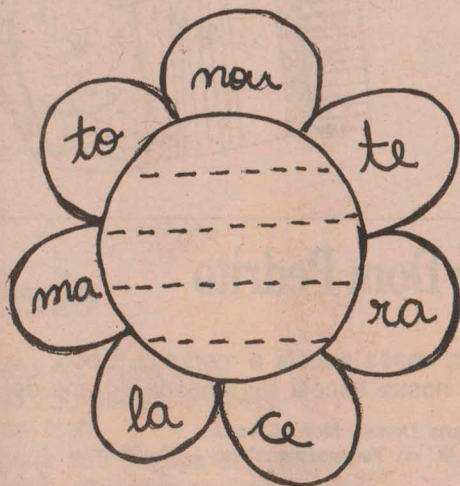
Adaptação de texto da Fúribec. Ciências para o ensino de 1º grau. São Paulo, Edart-MEC, 1976.

Para você pensar e completar.
Ordene as frases

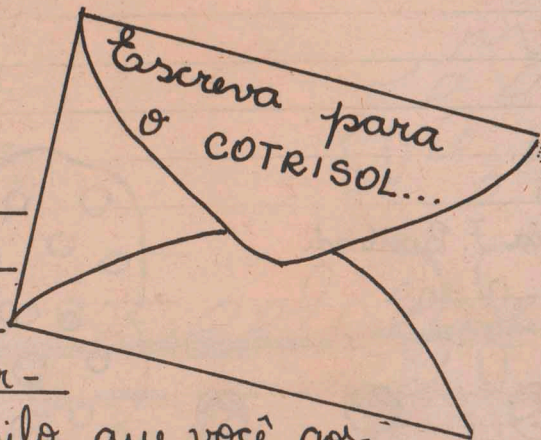
2 transportam Alguns pessoas animais produtos

é água alimento mineral A origem um de

Combine as sílabas e forme palavras



Alunos da Escola Silveira Martins
Profª Noeli Heisler
Augusto Pestana



...contando pra gente o que você aprendeu este ano que está terminando e aquilo que você gostaria que mudasse em sua escola no próximo ano.

Estaremos recebendo as cartinhas até o dia 15-03-89. Todas as cartinhas recebidas serão publicadas.

Um beijo

Mariluzia.

Vamos caçar palavras

E	I	A	N	Z	O	L	M	T	A
P	B	E	R	I	Z	T	I	O	L
L	U	A	T	A	N	A	R	I	Z
B	Z	T	I	Z	T	O	T	Z	X
N	I	V	E	H	R	P	Ç	H	
M	N	Q	Z	I	R	V	O	G	M
U	A	I	E	T	M	P	X	J	Ç
F	N	D	O	E	F	E	L	I	Z
P	E	I	X	E	O	L	I	X	O

ANZOL
BUZINA
AZEITE
NARIZ
PEIXE
FELIZ
LIXO